



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FINANÇAS

JOÃO LUCAS DE CASTRO OLIVEIRA

UMA NOVA ABORDAGEM PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ANALISANDO O
PERFIL DE CONHECIMENTO DOS DISCENTES DA FEAAC

FORTALEZA – CE

2022

JOÃO LUCAS DE CASTRO OLIVEIRA

UMA NOVA ABORDAGEM PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA: ANALISANDO O
PERFIL DE CONHECIMENTO DOS DISCENTES DA FEAAC

Monografia apresentada ao Curso de Finanças da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Finanças. Área de concentração: Educação Financeira

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gildemir Ferreira da Silva

FORTALEZA – CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O47n Oliveira, João Lucas de Castro.
UMA NOVA ABORDAGEM PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA : ANALISANDO O PERFIL DE CONHECIMENTO DOS DISCENTES DA FEAAC / João Lucas de Castro Oliveira. – 2022.
144 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Finanças, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Gildemir Ferreira da Silva.
1. Educação Financeira. 2. Finanças Pessoais. 3. Economia. 4. Investimentos. 5. Finanças Comportamentais. I. Título.

CDD 332

JOÃO LUCAS DE CASTRO OLIVEIRA

UMA NOVA ABORDAGEM PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
ANALISANDO O PERFIL DE CONHECIMENTO DOS DISCENTES DA FEAAC

Monografia apresentada ao curso de finanças da
Universidade Federal do Ceará com um dos
requisitos para a obtenção do título em finanças
corporativas e públicas.

Aprovada em: 08/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Gildemir Ferreira da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Vitor Borges Monteiro
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Silvana Parente
Conselho Regional de Economia Ceará (CORECON - CE)

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus e aos meus familiares, principalmente meus pais, Luiz Cláudio da Silva Oliveira e Vicentina Aparecida de Castro, pela compreensão, apoio e paciência que tiveram comigo durante toda essa jornada, esse suporte foi fundamental para que o meu crescimento acadêmico e profissional se tornasse possível. Agradeço também à minha irmã Alice de Castro Oliveira, que desde tão pequena é minha maior motivação e alicerce, ao João Vitor Braga Martins que infelizmente não se encontra mais em nosso plano, mas me deu apoio espiritual durante toda essa trajetória. Aos amigos que me apoiaram do começo ao final do curso, desde as atividades quase impossíveis de serem feitas até os momentos de descontração, em especial aos que me ajudaram na coleta de dados para este trabalho e com as correções e sugestões de mudanças. Por fim, gostaria de agradecer ao corpo docente do curso de Finanças da Universidade Federal do Ceará, em especial ao meu amigo, professor e orientador, Francisco Gildemir Ferreira da Silva por ter me acolhido, ensinado e me mostrado a Educação Financeira, área que mudou a minha visão de mundo e futuro.

Resumo

A educação financeira vem se tornando cada vez mais uma ferramenta fundamental para os agentes interativos de uma economia, as relações financeiras estão cada vez mais complexas e dinâmicas, dessa forma, através do conhecimento e das experiências práticas é possível tomar melhores decisões em relação ao consumo, investimento e planejamento financeiro pessoal. A pesquisa *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey* (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de *ratings* e pesquisas da *Standard & Poor's*) baseada em entrevistas realizadas em 2014 com mais de 150 mil adultos, sendo um dos mais extensos estudos sobre educação financeira no mundo mostra que o Brasil se encontra na 74ª posição no ranking global de educação financeira, a falta de educação financeira nas escolas, universidades, empresas, ciclo de amigos/familiares e demais ambientes gera externalidades negativas para o país como um todo, dentre elas uma população endividada, que investe pouco e mal, sem visão de longo prazo, sem conhecimento para gerir suas finanças pessoais ou familiares e que constantemente é influenciada por vieses comportamentais, ressalta-se que aprender e ter experiências ligadas ao tema é a principal forma de melhorar essa realidade. O objetivo do trabalho é analisar o perfil de conhecimento sobre educação financeira dos discentes da FEAAC, de todos os semestres e cursos, através de um questionário que possui trinta e duas perguntas estruturadas através de uma nova abordagem para a Educação Financeira, subdividindo-a em quatro subtemas (finanças pessoais, economia, investimentos e finanças comportamentais). A amostra possui 125 observações e foi tratada através dos *softwares R Studio* e *R Markdown*, os principais pacotes utilizados para a manipulação e visualização dos dados foram o *tidyverse* o *plotly*. A partir da análise dos dados, é possível notar que os entrevistados que julgam possuir um alto conhecimento sobre educação financeira possuem uma tendência em destinar um maior percentual da sua renda para poupar e investir, preocupam-se pouco com despesas e compromissos financeiros no ambiente familiar, investem em renda fixa e renda variável e possuem uma reserva de emergência mais sólida para eventuais problemas financeiros. Os entrevistados que possuem um menor nível de educação financeira tendem a não destinar um percentual da sua renda para poupar e investir e não possuem uma reserva de emergência, ademais, através das informações foi estruturado o perfil médio de conhecimento dos discentes da FEAAC, referente ao âmbito da educação financeira.

Palavras-chave: educação financeira; finanças pessoais; investimentos; finanças comportamentais; economia.

Abstract

This Financial education is becoming more and more a fundamental tool for the interactive agents of an economy, financial relations are increasingly complex and dynamic, in this way, through knowledge and practical experiences it is possible to make better decisions regarding consumption, investment and personal financial planning. The S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey is based on interviews conducted in 2014 with more than 150,000 adults and is one of the most extensive studies of financial literacy in the world. shows that Brazil is in the 74th position in the global ranking of financial education, the lack of financial education in schools, universities, companies, cycle of friends/family and other environments generates negative externalities for the country as a whole, among them a population indebted, who invest little and badly, without a long-term vision, without knowledge to manage their personal or family finances and who are constantly influenced by behavioral biases, it is taught that learning and having experienced experiences with the subject is the main way to improve this reality. The objective of this work is to analyze the profile of knowledge about financial education of FEAAC students, from all semesters and courses, through a lecture that has thirty-two questions structured through a new approach to Financial Education, subdividing it into four subthemes (personal finance, economics, investments and behavioral finance). The sample has 125 observations and was treated through the R Studio and R Markdown software, the main packages used for the manipulation and visualization of the data were tidyverse or plotly. From the analysis of the data, it is possible to notice that the sheltered ones who thought they had a high knowledge about financial education tend to allocate a higher percentage of their income to saving and investing, they are little concerned with expenses and financial commitments in the family environment, invest in fixed income and variable income and have a more continuous emergency reserve for financial problems. Respondents who have a lower level of financial education tend not to allocate a percentage of their income to saving and investing and do not have an emergency reserve, moreover, through the information, the average profile of knowledge of FEAAC students was structured, referring to the scope of financial education.

Keywords: financial education; personal finances; investments; behavioral finance; economy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ciclo de receitas.....	16
Figura 2 - Ciclo da vida financeira	17
Figura 3 - Fluxograma do perfil de educação financeira.....	19
Figura 4 - Ciclos da economia.....	20
Figura 5 - Fluxograma da proposta da educação financeira e seus subtemas	21
Figura 6 - Mapa das variações globais do nível de educação financeira.....	23
Figura 7 - Investimentos mais utilizados pelos brasileiros.....	27
Figura 8 - Rentabilidade da renda fixa com Selic a 12,75%	28
Figura 18 - Exemplo de 2 investidores e seus aportes.....	38
Figura 10 - Pesquisa educação financeira - SPC Brasil.....	40
Figura 11 - Estratégias de educação financeira nos Estados Unidos.....	48
Figura 12 - Estratégias de educação financeira em Gana	49
Figura 13 - Estratégias de educação financeira na Colômbia.....	49
Figura 14 - Estratégias de educação financeira na Índia	49
Figura 15 - Estratégias de educação financeira na Austrália.....	50
Figura 16 - Estratégias de educação financeira na Portugal	50
Figura 17 - Variação mensal do IPCA (antes do plano real).....	52
Figura 18 - Variação mensal do IPCA (depois do plano real).....	53
Figura 19 - Meta da inflação (2018-2022)	53
Figura 20 - Fluxograma da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)	56
Figura 21 - Características gerais da ENEF.....	58
Figura 22 – Avaliação 1 da ENEF.....	58
Figura 23 - Avaliação 2 da ENEF	59
Figura 24 -Ranking de influenciadores no mundo das finanças para o Brasil	66
Figura 25 - Charge do tradeoff entre economizar e gastar	75
Figura 26 - Aumento de patrimônio de forma mais lenta.....	77
Figura 27 - Aumento de patrimônio de forma mais rápida	78
Figura 28 - Nuvem de palavras	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nível de endividamento (% em relação ao total de famílias).....	35
Tabela 2 - O Preparo para a aposentadoria no Brasil	36
Tabela 3 - Hábito de compra dos consumidores.....	41
Tabela 4 - Você e sua família estão administrando bem as finanças pessoais nesses tempos de pandemia?.....	43
Tabela 5 - A pandemia prejudicou as suas finanças e da sua família?	43
Tabela 6 - Qual principal erro que você ou sua família estão cometendo?	44
Tabela 7 - Dados da ENEF para um estado de cada região do País	61
Tabela 8 - População e amostra por curso	81
Tabela 9 - Ativos financeiros mais conhecidos	122
Tabela 10 - Ativos financeiros menos conhecidos	123
Tabela 11 - Ativos financeiros mais investidos.....	124
Tabela 12 - Nível de conhecimento alto e percentual poupado e investido	129
Tabela 13 - Nível de conhecimento baixo e percentual poupado e investido	129
Tabela 14 - Nível de conhecimento alto e problemas financeiro no ambiente familiar	130
Tabela 15 - Nível de conhecimento baixo e problemas financeiro no ambiente familiar	130
Tabela 16 - Nível de conhecimento alto e classe de ativos investidos	130
Tabela 17 - Nível de conhecimento baixo e classe de ativos investidos	131
Tabela 18 - Subtema mais conhecido e classe de ativos investidos	131
Tabela 19 - Subtema menos conhecido e classe de ativos investidos	132
Tabela 20 - Nível de conhecimento alto e segurança para gerir e investir	132
Tabela 21 - Nível de conhecimento baixo e segurança para gerir e investir	133
Tabela 22 - Nível de conhecimento alto e reserva de emergência	133
Tabela 23 - Nível de conhecimento baixo e reserva de emergência	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Adultos que são educados financeiramente	24
Gráfico 2 - Percentual de famílias endividadadas (% do total).....	30
Gráfico 3 - Endividamento por faixa de renda	31
Gráfico 4 - Percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso (% do total).....	32
Gráfico 5 - Contas ou dívidas em atraso por faixa de renda.....	33
Gráfico 6 - Percentual de famílias que não terão condições de pagar (% do total).....	34
Gráfico 7 - Percentual de famílias que não terão condições de pagar por faixa de renda.....	34
Gráfico 8 - Curso dos entrevistados	85
Gráfico 9 - Sexo dos entrevistados	86
Gráfico 10 - Semestre (bar)	86
Gráfico 11 - Instituição de estudo (ensino fundamental)	87
Gráfico 12 - Instituição de estudo (ensino médio)	88
Gráfico 13 - Faixa etária (pie)	89
Gráfico 14 - Faixa de renda mensal (pie)	89
Gráfico 15 - Nível de conhecimento sobre educação financeira	90
Gráfico 16 - Ambientes de aprendizado sobre educação financeira	92
Gráfico 17 - Educação financeira nas escolas	93
Gráfico 18 - Nota pessoal para o nível de educação financeira (bar).....	94
Gráfico 19 - Subtema menos conhecido.....	96
Gráfico 20 - Subtema mais conhecido.....	97
Gráfico 21 - Percentual da renda destinado para poupar e investir	98
Gráfico 22 - Afirmação sobre planejar, organizar e controlar os gastos	99
Gráfico 23 - Frase sobre compromissos financeiro no ambiente familiar.....	100
Gráfico 24 - Reserva de emergência.....	101
Gráfico 25 - Órgãos e funções do sistema financeiro nacional	102
Gráfico 26 - Indicadores inflacionários (pie)	103
Gráfico 27 - Taxas de juros (pie).....	104
Gráfico 28 - Indicadores de atividade econômica (pie).....	105
Gráfico 29 - Indicadores socioeconômicos (pie).....	106
Gráfico 30 - Indicadores risco, liberdade e confiança (pie)	107
Gráfico 31 - Evolução do dinheiro ao longo do tempo	108
Gráfico 32 - Oferta e demanda	109
Gráfico 33 - Valor do dinheiro no tempo	110

Gráfico 34 - Classe de ativos investidos.....	111
Gráfico 35 - Conhecimentos para gerir e investir os recursos próprios	112
Gráfico 36 - Três principais características de um investimento	113
Gráfico 37 - Perspectivas de empreendedorismo	114
Gráfico 38 - Perspectivas de aposentadoria.....	115
Gráfico 39 - Ativos de renda fixa emitidos por bancos e instituições financeiras (bar)	116
Gráfico 40 - Ativos de renda fixa emitidos por bancos e instituições financeiras (pie).....	116
Gráfico 41 - Ativos de renda fixa emitidos por empresas e o governo (bar)	117
Gráfico 42 - Ativos de renda fixa emitidos por empresas e o governo (pie).....	118
Gráfico 43 - Ativos de renda variável (bar).....	119
Gráfico 44 - Ativos de renda variável (pie).....	119
Gráfico 45 - Ativos de renda variável internacional (bar).....	120
Gráfico 46 - Ativos de renda variável internacional (pie).....	121
Gráfico 47 - Conhecimento sobre viés comportamental	125
Gráfico 48 - Impacto de vieses comportamentais (bar).....	126
Gráfico 49 - Impacto de vieses comportamentais (pie).....	127
Gráfico 50 - Perfil de investidor	128
Gráfico 51 - Semestre e nota para nível de conhecimento	134
Gráfico 52 - Faixa de renda mensal e nota para nível de conhecimento	135
Gráfico 53 - Faixa de idade e nota para nível de conhecimento.....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Planos econômicos no Brasil (de 1986 até 1994)	51
Quadro 2 - Instâncias, organizações, membros e atribuições da ENEF	57
Quadro 3 - Microeconomia e macroeconomia	70
Quadro 4 - Subtemas, número de perguntas e objetivos	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 ASPECTOS MOTIVACIONAIS E JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA	23
2.1. Pesquisa Global de Educação Financeira	23
2.2. Impactos negativos de uma população não educada financeiramente	25
2.2.1 Investe pouco e mal	25
2.2.2 Está majoritariamente endividada e/ou inadimplente.....	29
2.2.3 Não possui uma visão de médio e longo prazo	36
2.2.4 Não consegue gerir as finanças individuais e familiares	39
2.2.5 Não consegue lidar com momentos de crise	42
2.2.6 Constantemente é influenciada por vieses comportamentais	44
3 A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA SOCIEDADE	47
3.1. Educação Financeira no mundo.....	47
3.2. Educação Financeira no Brasil	51
3.3. Educação Financeira e a Base Nacional Comum Curricular.....	62
4 REVISÃO DE LITERATURA	65
5 METODOLOGIA	80
5.1 Tipo de pesquisa	80
5.2 Universo e Amostra	80
5.3 Coleta de Dados.....	81
5.4 Tratamento dos dados	83
6 ANÁLISE DOS DADOS	85
6.1 Perfil dos entrevistados.....	85
6.2 Abordagem e ambientação sobre Educação Financeira	90
6.3 Finanças Pessoais	97
6.4 Economia.....	101
6.5 Investimentos.....	110

6.6 Finanças Comportamentais.....	124
6.7 Análise Cruzada dos Dados.....	128
6.8 Perfil Médio dos Entrevistados.....	136
7 CONCLUSÃO.....	138
7.1 Limitações da pesquisa.....	139
7.2 Sugestões de pesquisa.....	139
REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

O cenário evolutivo da moeda, das relações de troca e a modernização da economia de mercado fizeram com que a sociedade precisasse lidar cada vez mais com os novos conceitos de dinheiro e os aspectos que o circundam, sendo estes cada vez mais complexos e dinâmicos. Da mesma forma que essas transformações beneficiam a sociedade como um todo, também fizeram com que fosse necessário um nível maior de conhecimento e experiências para tomar decisões financeiras. A partir desses pontos, torna-se necessária a existência de uma área que auxilie na facilitação e resolução dessa problemática, é nesse ponto que surge a Educação Financeira, como uma alternativa para guiar e instruir o indivíduo nas suas escolhas de consumo, ganhos, poupança, investimento, gerenciamento e outras ações necessárias para se viver em uma sociedade economicamente dinâmica. Existem diversas conceituações para a Educação Financeira, dentre elas, a OCDE define,

A educação financeira pode ser definida como o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, e obtêm informação e instrução, desenvolvem habilidades e confiança, de modo a ficarem mais cientes sobre os riscos e oportunidades financeiras, para fazerem escolhas mais conscientes e, assim, adotarem ações para melhorar seu bem-estar.

A partir dessa definição é possível entender a real necessidade dessa área na vida de um indivíduo que lida com relações e decisões financeiras diariamente, é fato que em algum momento da vida as pessoas terão que lidar com dinheiro. Ter discernimento, mesmo que mínimo, sobre os conceitos que envolvem a Educação Financeira é importante para que essas interações possam ser feitas da melhor forma, a equidade de conhecimentos em relação ao âmbito financeiro faz com que as trocas e demais relações tornem-se mais justas e benéficas. A *European Commission* (Comissão Europeia) define o que é a alfabetização financeira da seguinte forma,

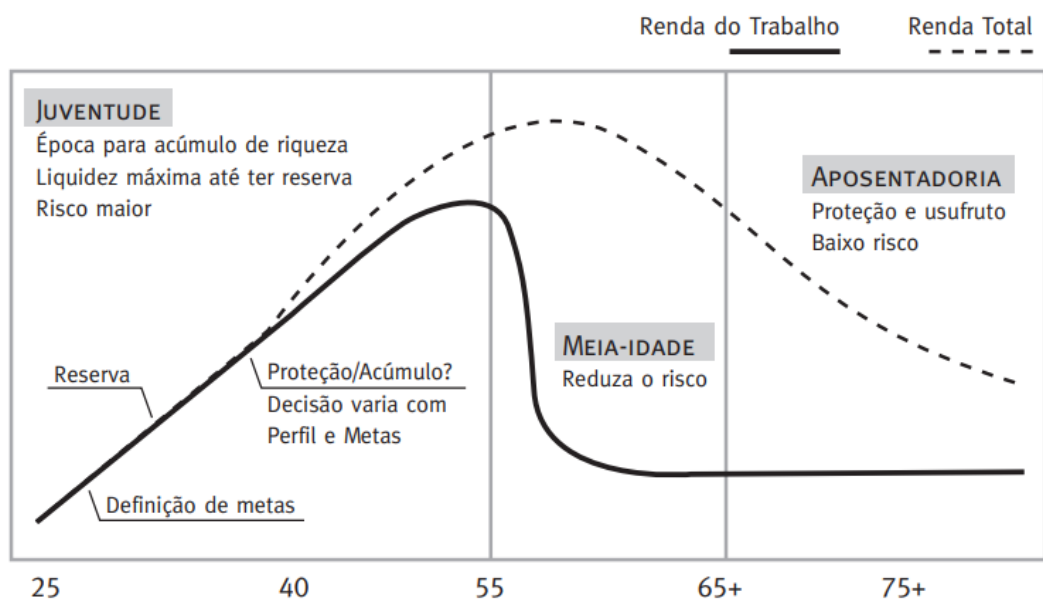
Alfabetização financeira significa o conhecimento e as habilidades necessárias para tomar decisões financeiras importantes. Todos os dias, milhares de pessoas estão decidindo onde abrir uma conta bancária, qual hipoteca escolher, onde investir seu dinheiro e como poupar para a aposentadoria. Todos devem ser capazes de entender os riscos envolvidos ao tomar emprestado ou investir dinheiro. A alfabetização financeira também protege os indivíduos de superendividamento, risco excessivo, fraude ou riscos cibernéticos. A educação financeira complementa a proteção ao consumidor, mas não a substitui.

(*Europa Commission*, tradução nossa)

Diferente da prática educacional atual, a Educação Financeira transcende o fato de só anotar gastos em uma planilha ou no caderno, através de conhecimento, ferramentas e experiências práticas o indivíduo pode melhorar a sua vida e a das pessoas ao seu redor, estes são os principais mecanismos que auxiliam para que uma pessoa possa adquirir um senso crítico individual e as habilidades necessárias para lidar com o dinheiro e os temas que o rodeiam.

Trazendo uma perspectiva temporal, vale a pena ressaltar que diversas áreas da vida sofrem variações de acordo com o período em que o indivíduo se encontra, por exemplo, na fase inicial é mais comum observar um início de recebimento de renda advindo do trabalho, ao longo do tempo essa renda segue aumentando gradativamente, atingindo uma certa estabilidade em algum momento da vida e posteriormente tende a cair, o inverso acontece com a renda advinda de juros de investimentos em renda fixa, dividendos ou juros sobre capital próprio, aluguel de imóveis e outras receitas derivadas de ativos, a ideia é que esse tipo de renda tenha menores proporções no início da vida e aumente no decorrer do tempo, caso o indivíduo tenha conhecimentos sobre poupar e investir, gerenciamento de investimentos e perspectiva de longo prazo. Ao chegar em uma idade mais avançada, a renda advinda de ativos é suficiente para que este possa pagar todas as suas contas sem precisar trabalhar ativamente, esse ponto da vida é conhecido no mundo dos investimentos como a liberdade financeira, é o estágio no qual “o dinheiro trabalha para você”, popularmente definindo. A Figura 1 mostra como funciona esse ciclo das receitas:

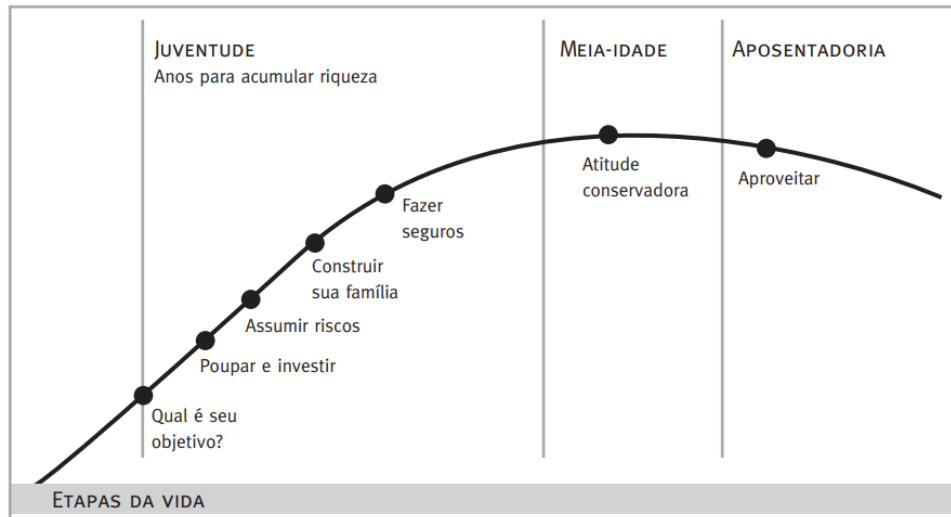
Figura 1 - Ciclo de receitas



Fonte: Guia *InfoMoney* – www.infomoney.com.br

Não obstante ao que foi apresentado, existe ainda um ciclo que engloba as diversas fases da vida das pessoas, inclusive o das receitas, como já citado. A Figura 2 mostra o ciclo da vida financeira, segmentado em 3 fases da vida:

Figura 2 - Ciclo da vida financeira



Fonte: Conquiste sua liberdade financeira, Leandro Rassier (2010)

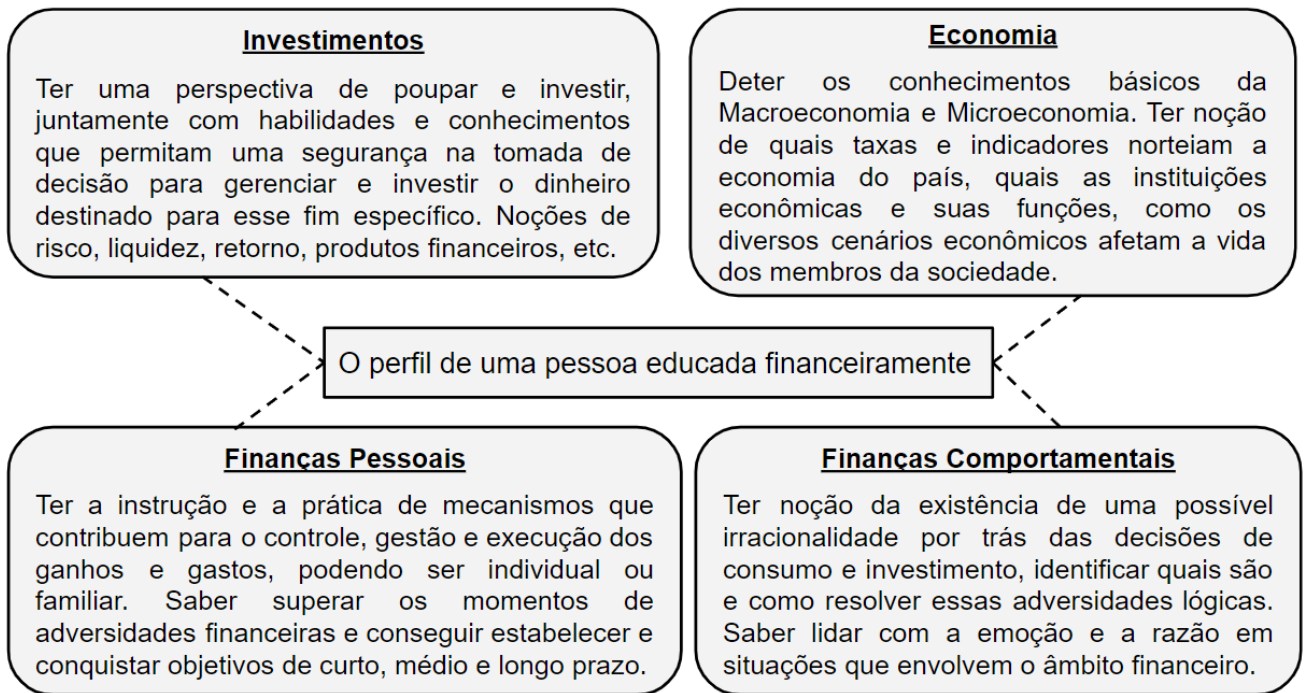
O autor do livro Conquiste sua liberdade financeira, Leandro Rassier, pontua as três fases da vida em relação ao âmbito financeiro: i) Juventude - A fase de acumulação, tem-se juventude, energia e tempo para acumular riqueza. Nesse período as pessoas devem definir seus objetivos, poupar disciplinadamente, assumir conscientemente riscos e não esquecer de fazer seguros de vida e de saúde. ii) Meia-idade - A fase de rentabilização, as pessoas devem adotar uma atitude mais conservadora, evitando correr riscos, pois, não há tanto tempo para se recuperar de uma eventual perda nos investimentos. iii) Aposentadoria - Por fim, a fase de preservação e utilização dos recursos, as pessoas que obtiveram êxito nas fases anteriores podem usufruir tranquilamente da renda oriunda dos recursos acumulados ao longo da vida, como forma de aposentadoria.

A partir dos tópicos elucidados anteriormente é possível entender que cada etapa da vida possui um foco específico, obviamente que isso não é uma regra, mas normalmente os indivíduos seguem esse padrão, mudando apenas alguns objetivos. Uma das finalidades da Educação Financeira é que esses objetivos possam ser conquistados no momento certo da vida, o ideal é que quanto mais cedo melhor, porém, é preciso existir uma proporção correta e saudável em relação ao que se gasta com consumo e com o que se poupa, para posteriormente investir. Esse tipo de noção ajuda para que o indivíduo possa ter um equilíbrio durante toda a

sua vida, pois, poupar demais é algo perigoso porque pode fazer com que a pessoa acabe não se permitindo viver momentos, tornando-se antissociável ou extremamente poupador sem que haja necessidade. Da mesma forma um indivíduo que consome demais pode ter problemas de endividamento e inadimplência, além disso, o principal problema nesse caso é o indivíduo chegar em uma fase da vida sem ter uma renda advinda de ativos, esse fato faz com que a pessoa dependa só da renda proveniente do trabalho até uma idade avançada, deixando de desfrutar do que deveria ser a aposentadoria, além disso, o fato de não se organizar e planejar para poupar e investir durante fase de acúmulo faz com que o indivíduo dependa exclusivamente da previdência social, muitas vezes recebendo menos do que ele precisa. A Associação Brasileira de Educadores Financeiros (Abefin), realizou uma pesquisa sobre a saúde financeira dos trabalhadores brasileiros. De acordo com o levantamento, 81% dos trabalhadores brasileiros dependem exclusivamente do INSS para a futura aposentadoria, enquanto apenas 19% possuem planejamento para alcançar os seus objetivos.

Matta (2007, p. 61) afirma que “um número crescente de países estão criando organizações, políticas públicas e direcionando seus recursos financeiros e humanos com o intuito de promover a educação financeira dos seus cidadãos”, além dessas ações, também se faz necessário estruturar melhor o tema Educação Financeira, para isso o presente trabalho apresenta uma nova abordagem para o tema, a proposta é dividir a Educação Financeira em quatro pilares, o objetivo é facilitar o entendimento e a disseminação do tema geral a partir destes 4 subtemas. A ideia também busca criar um perfil de pessoa educada financeiramente, a partir dessa caracterização será possível mensurar melhor quais os subtemas e dentro destes subtemas quais os assuntos fundamentais que um indivíduo precisa saber para ter um nível bom de Educação Financeira. O fluxograma da Figura 3 elucida um perfil de educação financeira sugerido pelo autor e explorada nesse trabalho.

Figura 3 - Fluxograma do perfil de educação financeira



Fonte: Elaboração própria do autor

No fluxograma, os subtemas são abordados de forma isolada para um aprendizado inicial e no decorrer do estudo, das experiências e dos estímulos intelectuais do indivíduo, ocorrer uma ligação natural entre os pilares. Por exemplo, o indivíduo que começa a aprender e a praticar finanças pessoais logo saberá organizar, planejar, gerir e poupar seus recursos, posteriormente pode surgir um interesse de investir o valor conhecido como excedente da renda, ou seja, a quantia que resta após o pagamento das despesas e demais obrigações financeiras, neste ponto a pessoa busca conhecimentos sobre o subtema de investimentos, dessa forma, imagina-se que o indivíduo comece a aprender sobre:

- O que é investir
- Como investir
- A relação entre risco e retorno
- O que são os Juros Simples e Juros Compostos
- A diferença entre Renda Fixa e Renda Variável
- A importância da Reserva de Emergência
- Os benefícios de uma perspectiva de longo prazo no mundo dos investimentos
- O indivíduo pode ter a primeira experiência de comprar um ativo financeiro, por exemplo um CDB ou uma ação, tendo que lidar com a volatilidade e receber proventos

- Dentre vários outros conhecimentos e experiências práticas

Após essa fase o indivíduo poderá ter o gatilho de como e quando investir melhor, um bom começo é entender os ciclos da economia e o que causa cada um deles, conforme a Figura 4, que trata dos ciclos da economia em forma de sentimentos de mercado ou dos indivíduos:

Figura 4 - Ciclos da economia

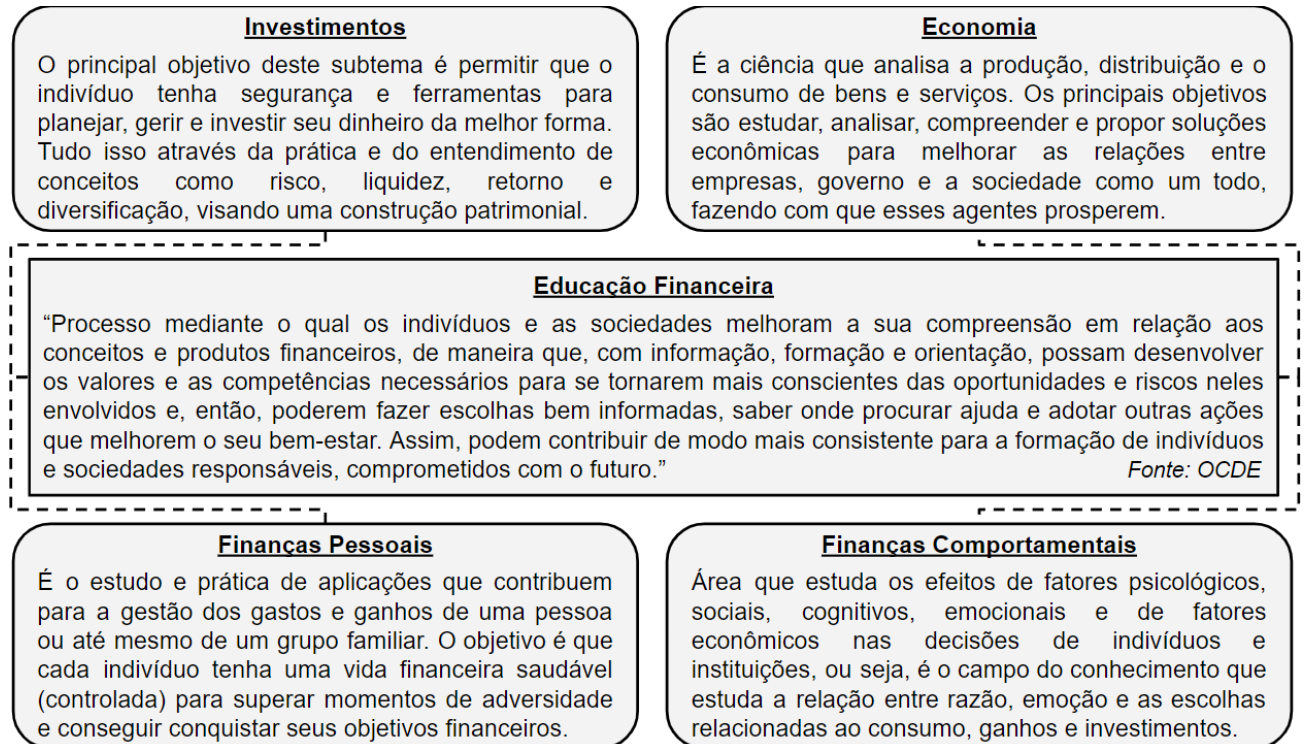


Fonte: Canal do Youtube - Economista Sincero

Nessa fase, espera-se que o indivíduo já esteja estudando e refletindo sobre o subtema economia, fator que influencia diretamente na sua tomada de decisão para consumir no presente ou abdicar desse consumo para investir. É possível ter uma noção sobre os indicadores e taxas que circundam a macroeconomia e como os agentes e instituições interagem entre si através da microeconomia. Por fim, em uma fase de estudo e aprendizado mais avançada, a pessoa pode começar a ter o hábito de questionar suas escolhas, até mesmo buscando entender a racionalidade por trás dessas decisões, nesse ponto entra o subtema das Finanças Comportamentais, um tópico fundamental para aprender a lidar com os pensamentos e atitudes tomadas, a partir desse conhecimento o indivíduo pode aprender a identificar os vieses comportamentais e como não ser um “vítima” destes, por exemplo, o Efeito Manada, que faz algumas pessoas ignorarem suas informações, estratégias e planejamentos pessoais para seguir o comportamento de outras pessoas, isso vale para a hora de investir, consumir, etc. É importante ressaltar que o ciclo de aprendizado exemplificado não é algo fixo e que acontecerá com todos os indivíduos, cada pessoa possui suas individualidades de aprendizado e experiências, este é apenas um exemplo para abordar uma possível formação. O fluxograma

abaixo elucidada e especifica melhor o que cada pilar deveria abordar, com o objetivo principal de agregar valor e sustentar o tema principal, a Educação Financeira.

Figura 5 - Fluxograma da proposta da educação financeira e seus subtemas



Fonte: Elaboração própria do autor

A partir dessa definição, supõe-se que o indivíduo ou instituição que vai ofertar o ensino da Educação Financeira possuirá uma noção melhor do que deve ser abordado durante o período de aprendizado, além disso, essa nova abordagem permite que esses agentes possam focar em um subtema específico sem que necessariamente seja preciso abordar todos eles de forma incisiva, obviamente que esse fato irá depender da objetividade da ação. A recomendação é que todos os subtemas sejam abordados ou que pelo menos sejam repassados conhecimentos básicos sobre cada um, tendo em vista que o propósito principal é que os quatro pilares se interliguem ao final do estudo, de várias formas, isso permitirá que o indivíduo possa adquirir os conhecimentos essenciais de cada subtema para posteriormente utilizar esse conhecimento para embasar suas decisões e reflexões.

O presente trabalho possui como objetivo geral, analisar o perfil de educação financeira dos discentes da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC) através de um questionário que aborda a educação financeira e os quatro subtemas propostos. Em relação aos objetivos específicos, busca-se sugerir pilares definidos para a Educação

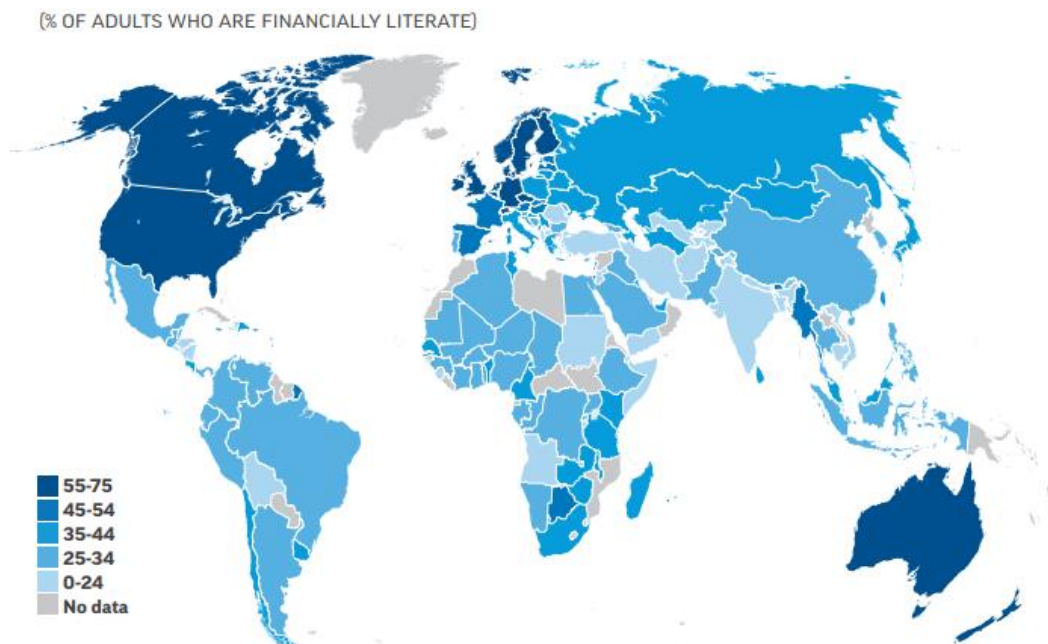
Financeira, visando facilitar o entendimento e fomentar a disseminação do tema, investigar como os discentes da FEAAC se comportam frente às perguntas e reflexões contidas no questionário e estruturar um modelo de questionário para análise de perfil de conhecimento sobre Educação Financeira.

2 ASPECTOS MOTIVACIONAIS E JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA

2.1. Pesquisa Global de Educação Financeira

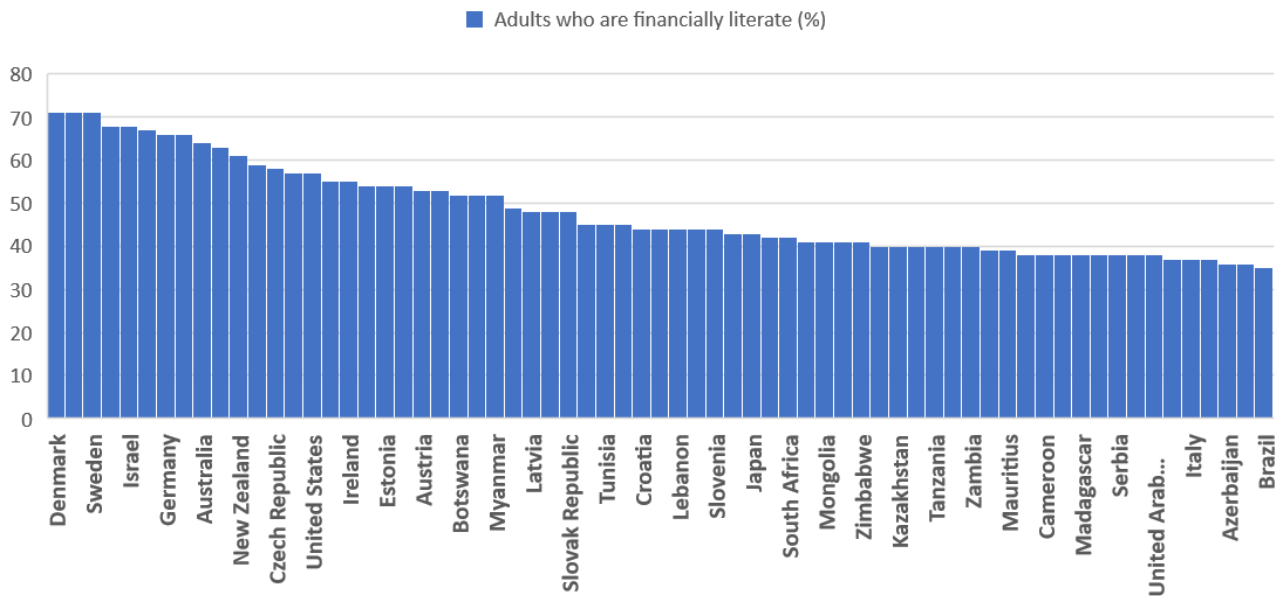
Um dos fatos que justificam a realização deste estudo é observar o cenário da Educação Financeira do Brasil em relação aos demais países do mundo. A pesquisa *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey* (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de *ratings* e pesquisas da *Standard & Poor's*) baseada em entrevistas realizadas em 2014 com mais de 150 mil adultos, sendo um dos mais extensos estudos sobre educação financeira no mundo mostra que o Brasil se encontra na 74.^a posição no ranking global de educação financeira. A pesquisa analisou se os entrevistados tinham noção de quatro tópicos essenciais para o âmbito financeiro: diversificação de risco, matemática básica, juros compostos e inflação. Com base na metodologia da pesquisa, uma pessoa é definida como alfabetizada financeiramente quando responde corretamente em pelo menos três dos quatro conceitos financeiros descritos acima. Os dados da pesquisa, promovida pela *S&P Rating Services*, foram coletados pela empresa americana de pesquisa de opinião *Gallup*, a partir da metodologia da *Gallup World Poll* (Pesquisa Mundial da Gallup), que é capaz de apresentar dados representativos de 95% da população mundial. Os resultados foram analisados posteriormente por pesquisadores do Banco Mundial e do Centro de Excelência em Educação Financeira Mundial da *George Washington University*.

Figura 6 - Mapa das variações globais do nível de educação financeira



Fonte: *S&P Rating Services*

Gráfico 1 - Adultos que são educados financeiramente



Fonte: S&P Rating Services - Gráfico: Elaboração própria do autor

Segundo a *S&P Global* (2019), os resultados mostram que os países em desenvolvimento possuem uma maior carência na compreensão dos conceitos financeiros abordados. Esse é justamente o caso do Brasil, apenas 35% dos entrevistados acertaram ao menos três dos quatro tópicos abordados, ou seja, menos de $\frac{1}{3}$ da população brasileira. Esse é um fator preocupante, tendo em vista que, o país com a população mais educada financeiramente é a Noruega, onde 71% dos entrevistados passaram no teste. Em segundo lugar ficou a Dinamarca, com 71%, e em terceiro lugar a Suécia, com 71%, ou seja, os países que lideram o ranking possuem uma diferença de mais de duas vezes o percentual, quando comparados ao Brasil. Além disso, o Brasil ficou atrás de países como a Zâmbia (o país africano ocupa uma das últimas posições no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das nações mundiais, posição 163, de um total de 186 países), Madagascar (um dos países mais pobres do mundo) e outras economias subdesenvolvidas. Uma constatação obtida através da pesquisa é que “32% dos adultos no Brasil têm um cartão de crédito, mas apenas 40% deles são alfabetizados financeiramente e apenas metade respondeu de forma correta a pergunta de juros compostos”, segundo o S&P Global (2019).

A posição do país no *ranking* de educação financeira e os tópicos citados anteriormente, que são realidades para a população brasileira, principalmente a parte de endividamento e inadimplência, fazem com que sejam necessárias ações para a melhoria do país nesse índice, dentre estas, o presente trabalho opta por inserir no contexto acadêmico uma nova abordagem

para o tema, com o objetivo principal de melhorar sua estrutura já existente e ofertar um “caminho” para as instituições e demais agentes fomentadores da educação, sendo estes as empresas, governo, faculdades e universidades, centros de pesquisa, ciclos familiares. Ademais, é importante ressaltar que com base nos estudos realizados e apresentados neste trabalho, nota-se a real necessidade de uma população conhecer e saber utilizar os conceitos e mecanismos presentes no ambiente da Educação Financeira. Esse domínio permite que os indivíduos possam tomar melhores decisões para si mesmo e para com os demais agentes da sociedade. Além dos pontos citados, o questionário elaborado neste trabalho para os discentes da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC), também pode ser utilizado para analisar o perfil de conhecimento de um indivíduo ou conjunto de indivíduos que fazem parte de outros ambientes sociais.

2.2. Impactos negativos de uma população não educada financeiramente

A falta de interesse por parte da sociedade juntamente com a falta de oportunidade, no sentido das famílias, governos, instituições de ensino, empresas e demais agentes não estimularem e ofertarem o aprendizado da Educação Financeira traz consequências negativas para a população de uma determinada região, esse ponto pode ser embasado e constatado tendo como referências pesquisas, notícias e dados do Brasil. Essa parte do trabalho elucida as características e práticas da população brasileira em relação ao âmbito da Educação Financeira.

2.2.1 Investe pouco e mal

O número de investidores pessoas físicas cadastrados na B3, a bolsa brasileira, deu um salto de 92,1% de 2019 para 2020, alcançando 3.229.318 de contas ao fim do ano passado. É uma evolução e tanto para o mercado de capitais brasileiro, mas evidencia que apenas 3% da população investe em ações, enquanto países como Estados Unidos e Japão esse índice chega a 55% e 45%, respectivamente.

Por Weruska Goeking, Valor Investe — São Paulo, 2021

Dados mais recentes mostram que o percentual de investidores pessoas físicas ainda segue em um ritmo de crescimento.

A B3 atingiu, em janeiro de 2022, a marca de 5 milhões de contas de pessoas físicas abertas em corretoras no Brasil. O número se divide entre 1.2 milhão de contas de mulheres e 3.8 milhões de homens, já o número de CPFs únicos é de 4,2 milhões, uma vez que uma mesma pessoa pode ter conta em mais de uma corretora.

www.b3.com.br, São Paulo, 04 de fevereiro de 2022

A população estimada do Brasil para o ano de 2022, segundo o IBGE, é de 214.8 milhões de pessoas. A partir desses valores e do cálculo $(4.200.000/214.800.000) * 100$, é possível chegar ao percentual de 1,96%, sendo este o percentual de investidores pessoas físicas na bolsa de valores brasileira - B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), o objetivo é mostrar que esse ainda é um número baixo quando comparado aos países desenvolvidos citados, Estados Unidos e Japão, que chegam ao percentual de mais de 40% da população investindo em bolsa.

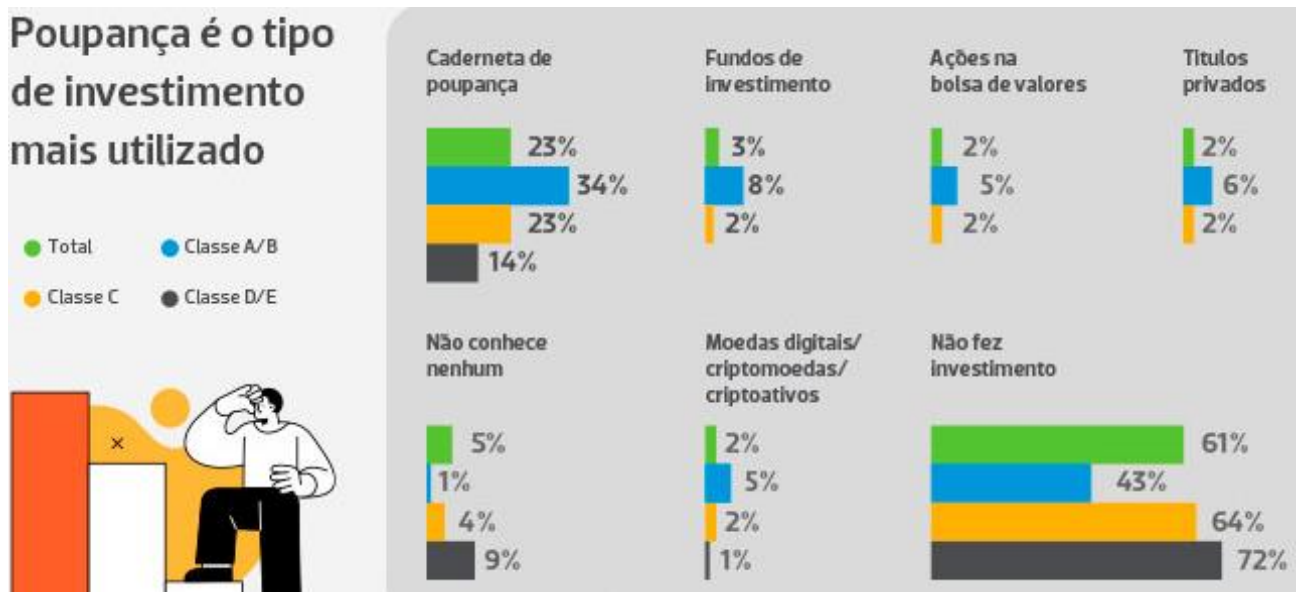
Além de investir pouco, os dados também mostram que a população investe mal, no sentido de não ter o conhecimento básico sobre produtos financeiros que poderiam gerar melhores retornos com um risco baixo ou até mesmo de investir sem ter noções básicas sobre aquele ativo, ou seja, quais riscos está correndo, qual o nível de liquidez, potencial de retorno, dentre outros fatores fundamentais para se saber na hora de alocar o capital.

O brasileiro investe muito mal suas economias, mostra um estudo feito pelo Guiabolso com seus 3,2 milhões de usuários. “Cerca de 10% têm aplicações, ou seja, umas 300 mil pessoas”, diz Thiago Alvarez, presidente do Guiabolso. Mas a rentabilidade média é muito baixa, cerca de 70% do juro diário do CDI. Esse percentual equivale aproximadamente ao ganho da poupança ou menos. Com os juros básicos em 12,25% ao ano, esse ganho seria de 8,6% ao ano, ou 0,69% ao mês.

Por Arena do Pavini, [exame.invest](#) - 14/03/2017

O Raio X do Investidor, pesquisa feita pela ANBIMA, repetida anualmente para monitorar as intenções de investimento dos brasileiros não apenas em relação às aplicações financeiras, mas também quanto à aposentadoria e aos motivos que levam as pessoas a não fazerem reserva financeira. A edição de 2022 traz alguns dados fundamentais para uma melhor análise do perfil do investidor brasileiro.

Figura 7 - Investimentos mais utilizados pelos brasileiros



Fonte: www.ansbima.com.br - Raio X do Investidor, 2022.

Os dados mostram que a maioria dos pesquisados aplica seu dinheiro na caderneta de poupança, a falta de conhecimento sobre outros produtos financeiros e o comodismo fazem com que esse número ainda seja elevado, a pesquisa afirma que “Um terço dos brasileiros investe em produtos financeiros, com destaque para a classe A/B. A poupança permanece como queridinha, com aplicações de 23% da população”. A crítica em relação ao produto é feita porque em cenários de alta inflacionária e juros altos, o indivíduo que opta por este ativo acaba tendo uma rentabilidade real negativa, afetando diretamente a sua capacidade de construção e evolução patrimonial. Da mesma forma que em cenário de inflação controlada, acompanhado de baixas taxas de juros fazem com que o investidor ganhe apenas um percentual da taxa de juros vigente no país. As escalas dos títulos da renda fixa e suas respectivas rentabilidades elucidam a ideia.

Figura 8 - Rentabilidade da renda fixa com Selic a 12,75%

Projeções em %, para o período de 12 meses

■ Rendimento líquido real (descontada inflação e IR) ■ Rendimento Bruto ■ Rendimento descontado IR

	Rendimento Bruto	Rendimento descontado IR	Rendimento líquido real (descontada inflação e IR)
Caderneta de poupança*	6,17%	6,17%	-1,59%
Tesouro Selic	12,65%	10,12%	2,07%
CDB banco médio	14,55%	11,64%	3,47%
CDB banco grande	9,49%	7,59%	-0,28%
LC	15,18%	12,14%	3,94%
LCA*	12,40%	12,40%	4,18%
LCI*	12,78%	12,78%	4,53%
RDB	14,67%	11,74%	3,57%
Debênture incentivada*	14,42%	14,42%	6,05%

Fonte: G1 – Levantamento Yubb

A Figura 9 mostra que a caderneta de poupança é o ativo da Renda Fixa que gera menos retorno para o investidor. O Tesouro Selic, por exemplo, é um produto financeiro ofertado pelo Tesouro Nacional, de forma mais explicativa, é como se o investidor estivesse emprestando dinheiro para o governo e em troca receberá o valor que investiu (capital inicial) acrescido de juros, essa rentabilidade bruta é de 100% da Taxa Selic, mas ainda sim existem pessoas que se mantêm investindo na poupança, conforme constatado na Figura 8. A caderneta de poupança possui um rendimento que pode mudar em relação ao cenário da taxa de juros do país (Taxa Selic). Quando a Taxa Selic está abaixo de 8,5% ao ano, a poupança remunera o investidor em 70% da Taxa Selic + T.R (Taxa Referencial de longo prazo, historicamente se encontra em torno de 0%). O segundo caso é quando a Taxa Selic está igual ou maior que 8,5% ao ano, nesse caso a poupança remunera o investidor com uma taxa pré-fixada de 6% ao ano. Até o final do primeiro semestre de 2022 o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), principal indicador inflacionário do país indicava uma taxa acumulada de mais de 12% ao ano, nesse cenário a taxa de juros do país, a Taxa Selic, já encontrava em patamares maiores que 10% ao ano, ou seja, enquanto o indivíduo era remunerado em 6% ao ano na poupança, a inflação do país já estava em mais de 12%, causando uma rentabilidade real negativa para quem investe nesse título, ou seja, o patrimônio está sendo corroído pela inflação.

Um ponto positivo é que apesar de uma boa parte da população ainda investir na poupança, esse número vem diminuindo ao longo dos anos, a edição de 2021 do Raio X do Investidor afirma que “Os brasileiros estão usando mais os produtos financeiros como opção de investimento. Ações, títulos privados e fundos ganharam participação no portfólio dos investidores em 2020, enquanto a caderneta de poupança perdeu espaço pela primeira vez em quatro anos, desde que a ANBIMA realiza pesquisa com a população economicamente ativa das classes A, B e C em todo o País.”, caso essa tendência prevaleça, pode-se esperar que ao longo dos anos a caderneta de poupança perca cada vez mais espaço no portfólio dos brasileiros. Junto a isso, a expectativa é que a população tenha um aumento considerável de conhecimentos e experiências sobre Educação Financeira e seus subtemas.

2.2.2 Está majoritariamente endividada e/ou inadimplente

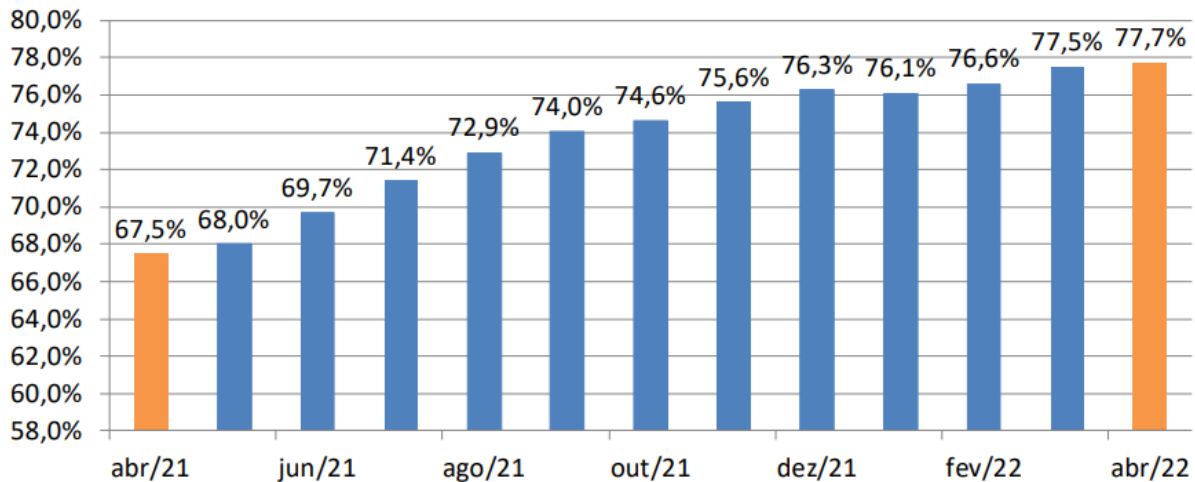
O fato de o indivíduo não deter os conhecimentos básicos sobre Finanças Pessoais faz com que este não saiba planejar, acompanhar e gerir os seus ganhos e gastos. Atualmente existem diversos mecanismos para que essa atividade possa ser feita, algumas pessoas utilizam cadernos ou folhas impressas com os campos de receitas e despesas, outros optam por utilizar meios eletrônicos como aplicativos ou planilhas em Excel. Quando esse controle não é feito o indivíduo perde a noção das suas receitas e despesas, essa “cegueira” faz com que não exista um controle de quanto se gastou e quanto ainda pode se gastar, é nesse ponto que o indivíduo pode começar a se endividar, caso esse descontrole não seja sanado, pode-se chegar ao espectro da inadimplência.

Apesar de não parecer para a maioria, a classificação de endividado e inadimplente está presente na vida dos brasileiros mais do que se pensa. Para embasar essa afirmação é preciso analisar os dados da Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic Nacional), sendo apurada mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) desde janeiro de 2010.

Os dados são coletados, em todas as capitais dos estados e no Distrito Federal, com aproximadamente 18 mil consumidores. Segundo a CNC, “Das informações coletadas, são apurados importantes indicadores: percentual de consumidores endividados, percentual de consumidores com contas em atraso, percentual de consumidores que não terão condições de pagar suas dívidas, tempo de endividamento e nível de comprometimento da renda. O aspecto mais importante da pesquisa é que, além de traçar um perfil do endividamento, ela permite o acompanhamento do nível de comprometimento do consumidor com dívidas e sua percepção em relação a sua capacidade de pagamento. Com o aumento da importância do crédito na

economia brasileira, sobretudo o crédito ao consumidor, o acompanhamento desses indicadores é fundamental para analisar a capacidade de endividamento e de consumo futuro deste, levando em conta o comprometimento de sua renda com dívidas e sua percepção em relação a sua capacidade de pagamento.”

Gráfico 2 - Percentual de famílias endividadas (% do total)

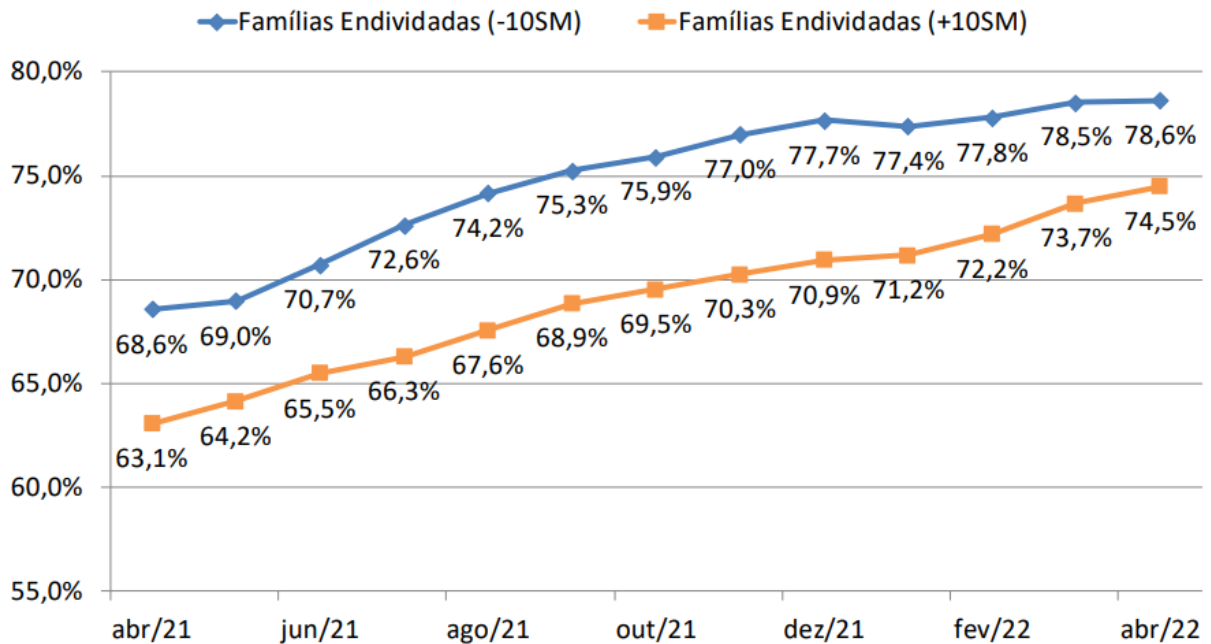


Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

É importante ressaltar que os percentuais acima consideram as seguintes ferramentas financeiras: cartão de crédito, cheque especial, cheque pré-datado, crédito consignado, crédito pessoal, carnê de loja, prestação de carro e prestação de casa. Dito isso, os dados mostram que o percentual de famílias endividadas, segundo a pesquisa, apresenta um crescimento desde o mês de abril de 2021 até atingir 76,3% em dezembro do mesmo ano.

Em janeiro de 2022 o percentual apresentou uma diminuição em relação ao mês anterior, porém, o índice voltou a crescer para os meses de fevereiro, março e abril, sendo abril o mês com o maior percentual de endividamento tendo 77,7% das famílias endividadas, o maior nível desde janeiro de 2010, início da série histórica da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic). Um fator preocupante é que ao comparar o mês de abril nos anos de 2021 e 2022 é possível notar que o percentual de endividados era de 67,5%, 10,2 pontos menor que a porcentagem mais atual, conforme elucidado no Gráfico 1.

Gráfico 3 - Endividamento por faixa de renda



Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

A partir do Gráfico 3 é possível observar que as famílias com uma menor faixa de renda (-10SM) possuem maiores índices de endividamento. Assim como concluído no trabalho Endividamento e Inadimplência no Brasil: Os efeitos da propensão ao risco e dos gastos com saúde (2014).

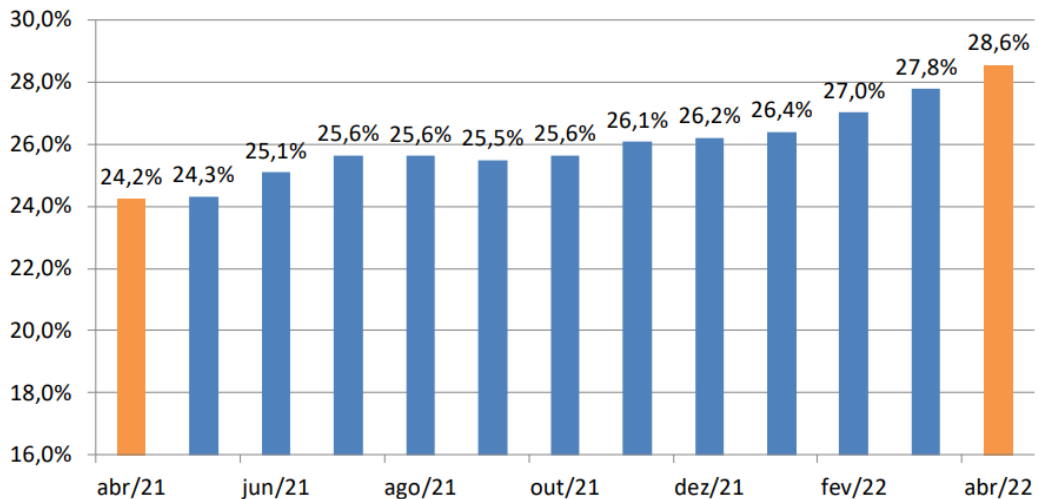
As ocupações que revelaram maiores variações a respeito da presença de dívidas familiares foram todas na condição de empregados. Com relação à inadimplência nas famílias, os resultados estimados indicaram que estão presentes com maior intensidade nas famílias de empregados privados, públicos, domésticos e por conta própria. O estudo permitiu constatar, ainda, a excessiva concentração de riquezas, em 25% das pessoas de referência das famílias, o que implica em maior comprometimento dos rendimentos das famílias mais pobres, enquanto, os mais ricos não ultrapassam os 50% de relação entre dívidas e ativos.

CHIARAMONTE (2014)

Esse fato pode ser dar por diversos fatores, dentre eles o acesso à informação e as experiências vividas pelo indivíduo. Famílias com alto poder aquisitivo possuem uma maior possibilidade de ter disponível um percentual da renda para investir, esse tipo de prática pode ser repassada para os demais membros da família, além disso, um maior nível de renda permite que serviços “não essenciais” como cursos, mentorias e outros materiais possam ser adquiridos sem que seja preciso abdicar de um consumo necessário, famílias com uma faixa de renda mais

baixa consomem primeiro o necessário e posteriormente, caso haja a possibilidade, satisfazem seus desejos com os demais gastos. Um ponto crucial é que instituições, como o Governo, poderiam equalizar essa situação ao tornar obrigatório o ensino de Educação Financeira nas escolas públicas e privadas, além disso, intensificar as ações que foquem nesse tema nas instituições públicas de todo o país.

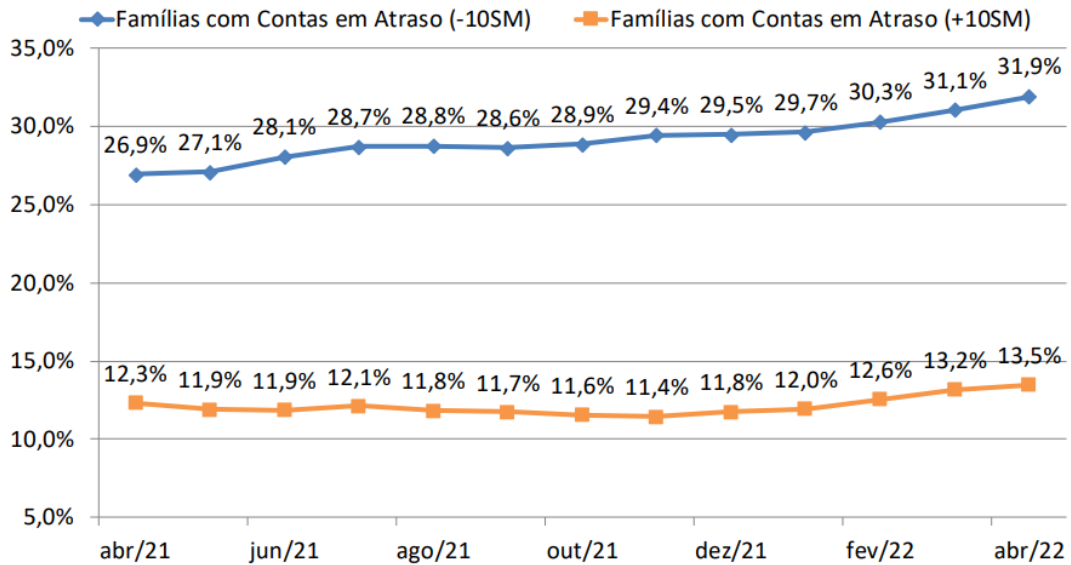
Gráfico 4 - Percentual de famílias com contas ou dívidas em atraso (% do total)



Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

Em relação ao total de famílias que se declararam endividadas, elucidado no Gráfico 4, para o mês de abril de 2022, 28,6% dessas famílias admitem que possuem dívidas ou contas atrasadas. Um fato alarmante é que esse índice segue aumentando desde setembro de 2021, nesse período o índice estava em 25,5%, maior que a porcentagem mais atual em 3,1 pontos. Essa classificação já insere as famílias no conceito de inadimplência, ou seja, aquele que falta ao cumprimento de suas obrigações jurídicas no prazo estipulado.

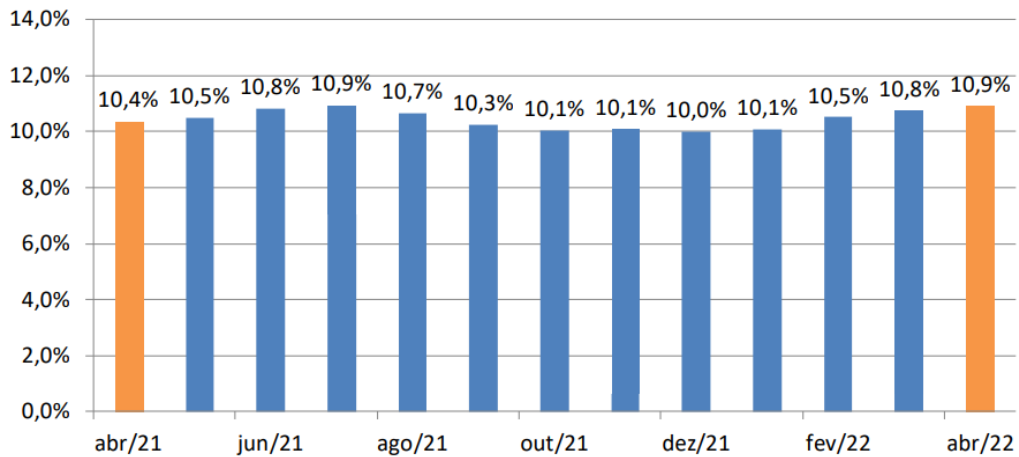
Gráfico 5 - Contas ou dívidas em atraso por faixa de renda



Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

Ao analisar o indicador de contas ou dívidas em atraso por faixa de renda no Gráfico 5, é possível observar que há uma diferença significativa entre famílias que ganham mais de 10 salários-mínimos (+10SM) e famílias que ganham menos de 10 salários-mínimos (-10SM). Um fato comum entre os dois é que desde o mês de abril de 2021 os índices apresentaram aumentos consecutivos, exceto para os meses de outubro e novembro de 2021, para as famílias com mais de 10 salários-mínimos. Para esse índice, a comparação entre abril de 2021 e abril de 2022 para as famílias (-10SM) é um aumento de 5 pontos e para as famílias (+10SM) o aumento foi de 1,2 pontos, ou seja, as contas ou dívidas em atraso tiveram um aumento 4,16 vezes menor para famílias com mais de 10 salários-mínimos. Segundo a pesquisa, "O cartão de crédito segue como o tipo de dívida mais procurado pelos consumidores, mesmo sendo a modalidade que oferece os custos mais elevados."

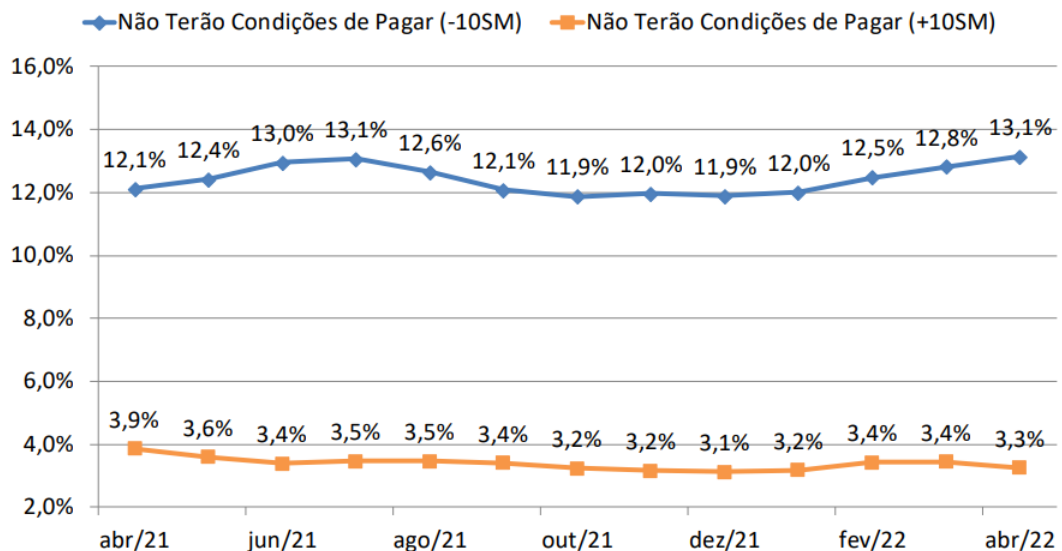
Gráfico 6 - Percentual de famílias que não terão condições de pagar (% do total)



Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

Para o mês de abril de 2022, o percentual das famílias endividadas com contas ou dívidas em atraso declararam que não terão condições de pagar as dívidas é de 10,9%, conforme elucidado no Gráfico 6. Ao comparar com o mês de abril de 2021, esse percentual teve um aumento de 0,5 pontos. Sendo que esse crescimento apresentou uma queda nos meses de setembro, outubro, novembro, dezembro de 2021 e janeiro de 2022, posteriormente foram registrados aumentos expressivos para os meses subsequentes, até o período mais atual.

Gráfico 7 - Percentual de famílias que não terão condições de pagar por faixa de renda



Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022

Ao analisar o percentual de famílias que não terão condições de pagar por faixa de renda, elucidado no Gráfico 7, observa-se uma semelhança com o indicador apresentado

anteriormente, onde as famílias com maior faixa de renda apresentam um menor percentual, logo, as famílias com menor faixa de renda admitem que não terão condição de arcar com seus compromissos, esse é o indicador mais preocupante, pois, nesse ponto já não existe nem a possibilidade de haver um pagamento do que se deve. Para contornar essa situação, medidas extremas precisam ser tomadas, normalmente a indicação é buscar um aumento de renda, derivado de outras atividades, diminuir os gastos e intensificar o pagamento das dívidas que apresentam valores ou prazos maiores, visando ser afetado da menor forma possível pelos juros.

Tabela 1 - Nível de endividamento (% em relação ao total de famílias)

Categoria	Abril de 2021	Março de 2021	Abril de 2022
Muito endividado	14,4%	17,6%	17,8%
Mais ou menos endividado	24,6%	27,0%	27,4%
Pouco endividado	28,5%	32,9%	32,5%
Não tem dívidas desse tipo	32,4%	22,5%	22,2%
Não sabe	0,0%	0,0%	0,0%
Não respondeu	0,0%	0,0	0,0%

Fonte: CNC (PEIC Nacional) - abril de 2022 | Tabela: elaboração do autor

O relatório da PEIC Nacional também possui uma classificação do nível de endividamento dos entrevistados, como pode ser observado na Tabela 1, é possível notar que a categoria de famílias que se consideram “Muito endividado” teve crescimento de 0,2 pontos de março de 2022 para abril de 2022 e um aumento ainda mais significativo na comparação de um ano (abril 2021 - abril 2022) sendo de 3,4 pontos. Para as demais classificações relevantes na análise de endividamento, nota-se que a categoria “Mais ou menos endividado” também apresentou uma elevação de 2,8 pontos na comparação de um ano (abril 2021 - abril 2022).

Como abordado, os dados mostram que há um alto nível de endividamento entre as famílias, principalmente as que possuem menor faixa de renda (-10SM). Bortoluzzi, Boligon, Hollveg e Medeiros (2015) afirmam que no período analisado (2011 - 2014), para esse mesmo índice, o percentual de endividamento das famílias brasileiras já era alto, sendo o crédito pessoal e o financiamento imobiliário as formas de crédito mais utilizadas. Os autores concluem que a principal causa para esse elevado nível de endividamento são as diversas opções de crédito disponíveis. Esses percentuais tornam-se ainda mais perigosos ao se refletir que o fato de estar

endividado abre muitas portas para que o indivíduo ou grupo familiar adentre em zona de risco, a inadimplência.

Os juros explicam isso, pois, como se é conceituado nos estudos básicos de economia, os juros são o valor do dinheiro no tempo, em uma das pontas existe alguém ou alguma instituição que deseja receber aquele pagamento, caso ele não seja feito ocorrerão juros, na grande maioria das vezes os juros compostos, que fazem com que a dívida cresça de forma exponencial, também conhecido como os juros sobre juros. Nesse caso, o indivíduo com baixo nível de educação financeira utiliza os juros compostos contra si mesmo, ao invés de usá-lo ao seu favor em aplicações financeiras de longo prazo. O livro *Conquiste Sua Liberdade Financeira*, de Leandro Rassier, cita que “os juros são de suma importância para a economia como um todo. De um lado, por ser um agente disciplinador por atraso em pagamentos, e, por outro, por proporcionar remuneração de aplicações financeiras. Cabe ao consumidor e ao investidor conhecerem as operações, analisarem cada situação e decidirem se irão utilizá-las a seu favor ou contra si.”

2.2.3 Não possui uma visão de médio e longo prazo

De acordo com pesquisa do Serviço de Proteção ao Crédito e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (2018) mostra que 8 em cada 10 brasileiros (78%) admitem que não estão se preparando para a hora de se aposentar. A estimativa das entidades é de que cerca de 104,7 milhões de adultos acima de 18 anos estão nessa situação. De uma perspectiva contrária, apenas 19% dos não-aposentados têm se preparado. Ainda segundo a pesquisa, o principal motivo para que não exista um preparo maior para o longo prazo é a realidade de ter um orçamento apertado, a tabela abaixo mostra os outros principais motivos.

Tabela 2 - O Preparo para a aposentadoria no Brasil

Respostas - RM	Geral
Não sobra dinheiro no orçamento	47,3%
Estou desempregado	21,7%
Já comecei a guardar dinheiro, mas devido a problemas financeiros não consegui continuar	19,0%
Tenho planos e prioridades na vida que me impedem de guardar dinheiro para a aposentadoria	15,2%

Sobra pouco dinheiro e por isso acho que não vale a pena guardar	14,9%
Não tenho disciplina. acabo gastando com outras coisas	13,8%
Estou aguardando o momento certo de começar	11,7%
Não sei como fazer	10,6%
Ainda sou muito jovem para pensar nisto	4,7%
Prefiro viver e aproveitar o agora comprando coisas e me divertindo do que guardar dinheiro para o futuro	3,4%
Outro	2,7%
Não sei	2,3%

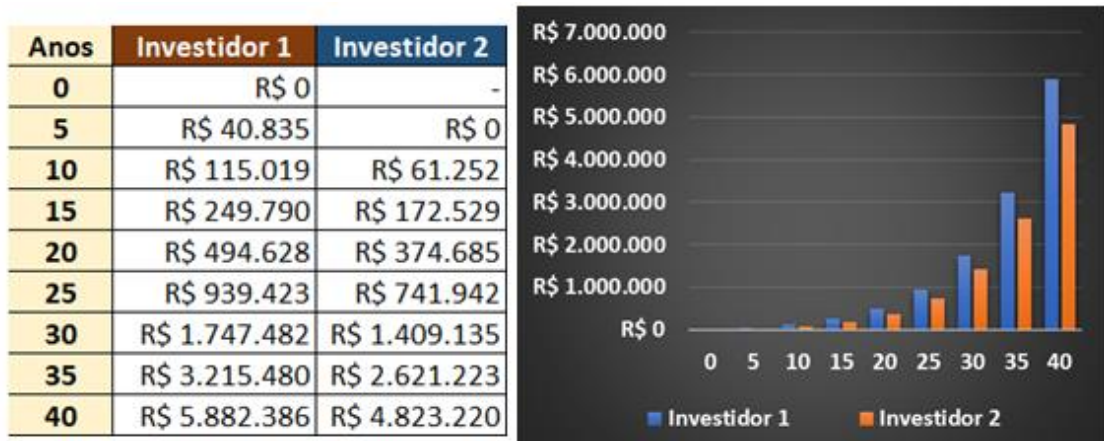
Fonte: SPC Brasil e CNDL - abril 2018 | Tabela: elaboração do autor

A partir dessa pesquisa também é possível notar que alguns dos entrevistados (14,9%) acham que não vale a pena guardar dinheiro para esse período da vida, Tabela 2. Outros assinalaram que estão aguardando o momento certo para começar (11,7%) e que são jovens demais para pensar nisso (4,7%). Para essa pesquisa foram entrevistados 3.818 casos em um primeiro levantamento para identificar quem não é aposentado e possui algum tipo de preparo para a aposentadoria. Em seguida, continuaram a responder o questionário somente 804 entrevistados que faziam algum tipo de preparo.

Em relação às afirmações feitas na pesquisa sobre o tempo de começar a pensar na aposentadoria e a não perspectiva de longo prazo, um exercício proposto no livro *Conquiste Sua Liberdade Financeira*, de Leandro Rassier mostra que o tempo é um dos principais fatores para se atingir a liberdade financeira, um fato também interessante é que essa perspectiva de tempo normalmente precisa ser de longo prazo, otimizando assim o uso dessa variável.

O autor propõe o seguinte questionamento, “O que rende mais no final de 35 anos? Aplicar R\$ 500 por mês, desde o início, durante 35 anos ou esperar 5 anos para começar e então investir R\$ 750 por mês durante os próximos 30 anos, aplicados a uma taxa de 1% a.m.?”

Figura 9 - Exemplo de 2 investidores e seus aportes



Fonte: Conquiste sua liberdade financeira - Leandro Raissen - Gráfico e tabela: elaboração do autor

A Figura 18 mostra que mesmo que o investidor comece investindo 50% a mais do que o investidor 1, ainda sim depois de 35 anos do começo da operação, este não conseguiu atingir o capital acumulado do investidor 1, que iniciou seu investimento antes. A proposta dessa atividade é mostrar que o tempo certo de se planejar para o futuro é o mais cedo possível, quanto antes, melhor. O fator tempo influenciará fortemente no patrimônio e renda futura do indivíduo, aproveita-se disso a pessoa que possui uma intenção de poupar e investir, junto a isso uma perspectiva de longo prazo, fugindo do imediatismo. A construção de um patrimônio saudável e sólido requer constância e paciência, duas características importantes que a maioria dos brasileiros não possui. Segundo o Datafolha (2017), 65% dos brasileiros não poupam para o futuro, os dados ressaltam a existência do imediatismo e da pouca tendência de poupar para todas as classes da população, porém esse número é elevado entre as classes mais pobres. Além do que já foi citado em relação ao brasileiro não possuir uma perspectiva financeira de médio e longo prazo, o site *InfoMoney* noticiou uma pesquisa feita pelo Banco Mundial (2017), que comprova a afirmação,

A população brasileira não tem o hábito de poupar para a aposentadoria. Em um levantamento feito em 143 países, o Brasil ficou na 12ª pior posição, já que aqui apenas 4% da população tem uma reserva financeira para o futuro. A pesquisa evidencia que a questão é comportamental, não depende de riqueza ou pobreza, já que em países com o PIB per capita semelhante ao do Brasil, o hábito de poupar para a aposentadoria é mais difundido. Na Tailândia, por exemplo, 60% da população poupa para a velhice.

InfoMoney, por Reinaldo Domingo, 11 de janeiro de 2017

Por não deter uma perspectiva de longo prazo, boa parte da faixa de idosos do país acaba dependendo apenas da Previdência Social como principal fonte de renda, remuneração que

muitas vezes não é o suficiente para que o padrão de vida dessas pessoas seja pelo menos mantido, uma pesquisa feita pelo SPC Brasil e pela CNDL (2016), mostra que mais de um terço (33,9%) dos idosos que já estão aposentados continuam exercendo alguma atividade profissional. Segundo os dados, o principal motivo para isso está relacionado com a necessidade financeira, tendo em vista que a aposentadoria não é suficiente para pagar as contas de pelo menos 46,9% dos entrevistados. Para essa pesquisa foram entrevistados 619 consumidores com idade acima de 60 anos de ambos os gêneros e de todas as classes sociais nas 27 capitais brasileiras.

2.2.4 Não consegue gerir as finanças individuais e familiares

Em relação ao fato de não ter conhecimento e experiências práticas na hora de gerir e planejar as finanças individuais ou do grupo familiar, o brasileiro se mostra bastante desorganizado. Uma pesquisa feita pelo SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) (2019) mostra que 47,7% dos entrevistados admitem não controlar o próprio orçamento, sendo que 71,3% estão ou já estiveram com o nome sujo. Segundo a instituição que fomenta e realiza a pesquisa, o objetivo do estudo é entender como o consumidor brasileiro se relaciona com o consumo e o uso dinheiro, tendo em vista os preceitos de uma vida financeira equilibrada. Foram ouvidos residentes em todas as capitais brasileiras, com idade igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos e todas as classes econômicas (excluindo analfabetos), entre os dias 21 e 28 de novembro de 2019. Além do que já foi citado, os principais pontos ressaltados na pesquisa são:

- 48% dos entrevistados não controlam o orçamento, entre esses, 20% acreditam que não precisam anotar, confiando somente nas contas de cabeça, 16% assumem não ter disciplina e 16% não sabem exatamente quanto ganham no mês.
- 61% dos entrevistados sentem alguma dificuldade para controlar o orçamento, sendo os principais motivos: renda/ganhos variáveis (21%) e não ter disciplina para registrar os ganhos e gastos (20%)
- 48% estão ou estiveram com o nome sujo nos últimos 12 meses. 37% ainda estão negativados e 11% já limparam o nome

Como elucidado inicialmente, a carência de abordagens com foco em Finanças Pessoais em escolas, universidades, empresas, ambientes familiares e demais ambientes, faz com que esses percentuais se tornem cada vez piores. Quanto mais distante um indivíduo se encontra do

planejamento e controle financeiro, menor será sua perspectiva de entender e lidar melhor com o dinheiro. Essa distância faz com que o indivíduo perca a noção dos seus gastos e ganhos, muitas as despesas são maiores que as receitas, outro estudo feito pela SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) (2013), afirma que oito em cada dez entrevistados têm pouco ou nenhum conhecimento sobre como fazer o controle das despesas pessoais. A pesquisa entrevistou 656 consumidores em todas as capitais brasileiras e, segundo os dados, somente 18% dos entrevistados têm conhecimento total sobre o fluxo de receitas e despesas no orçamento pessoal, conforme a Figura 10 ilustra. A maior parcela, 71%, tem apenas conhecimento parcial de suas finanças e outros 10% têm baixo ou nenhum conhecimento.

Figura 10 - Pesquisa educação financeira - SPC Brasil



Fonte: www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/874

Um dos fatores que dificulta o controle e a gerência das finanças é o imediatismo, a necessidade de adquirir bens e serviços sempre que possível faz com que as pessoas aumentem cada vez mais suas tendências consumistas, além disso, esse tipo de atitude pode despertar também essa condição para as pessoas que estão no mesmo convívio, como marido/esposa, filhos, amigos, colegas de trabalho, etc. O estudo citado, mostra que seis em cada dez entrevistados chegaram ao fim do último mês sem ter conseguido poupar nenhum centavo. Na avaliação dos especialistas do SPC Brasil,

A constatação é reflexo da “cultura do imediatismo” que conduz o pensamento de boa parte dos brasileiros. De cada entrevistados, pelo menos quatro admitem que costumam adquirir produtos mesmo não tendo condições de gastar, ainda que eventualmente. Do universo de entrevistados, 30% reconhecem ter comprado, nos últimos três meses, algum bem que fez com que excedessem seu limite financeiro.

Especialistas do SPC Brasil, Pesquisa Educação Financeira 2014

Tabela 3 - Hábito de compra dos consumidores

Produto	Comprou financiado ou parcelado	Deixou de pegar ou pagou em atraso
Roupas, Calçados	63%	19%
Eletrônicos (celular, computadores etc.)	58%	15%
Eletrodomésticos	44%	13%
Móveis	29%	13%
Viagens	22%	9%
Brinquedos	20%	11%
Veículos ou motos	13%	31%
Imóvel	9%	12%

Fonte: www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/874 - | Tabela: elaboração do autor

A partir da análise dos itens mais comprados que fizeram com que o limite financeiro do mês fosse excedido, Tabela 3, é possível notar que a maioria são produtos voltados para a satisfação imediata, uma roupa nova, o celular lançamento do ano, viagens que não estavam planejadas, dentre outros gastos que poderiam ser contidos sem que houvesse a necessidade de extrapolar as limitações financeiras do orçamento.

É importante ressaltar que esse descontrole também está afetando os mais jovens, outra pesquisa feita também pela SPC Brasil e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em 2019, revela que “metade dos jovens com idades entre 18 e 24 anos, nascidos dentro da chamada Geração Z e considerados os primeiros nativos digitais, tendo crescido em um ambiente com acesso a grandes quantidades de informação, recursos tecnológicos e propensão ao auto aprendizado, não realizam o controle das finanças pessoais (47%). A principal justificativa é o fato de não saber fazer (19%), sentir preguiça (18%), não ter hábito ou disciplina (18%) ou não ter rendimentos (16%). Por outro lado, 53% afirmam controlar receitas e despesas, e apesar de bastante conectados, 26% ainda utilizam o tradicional bloquinho de papel para organizar o orçamento”. Os dados foram levantados em uma pesquisa conduzida pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que avaliou hábitos de gestão das finanças pessoais desse grupo. Junto ao dado apresentado, o estudo afirma que 65% dos jovens da Geração Z contribuem

financeiramente para o sustento da casa. A partir dos dados é possível observar uma desproporção em relação ao número de jovens que realizam o controle de suas finanças (47%) e os mesmos jovens que ajudam financeiramente em casa (65%), é preciso que essa experiência de contribuir seja expandida e mais presente na vida do jovem, não só em relação a ter uma conta fixa da casa, mas desde etapa de sentar e anotar os gastos em um caderno ou aplicativo, até a parte de decidir sobre a compra de um bem ou serviço que beneficiará a família.

Como o sistema educacional pode ensinar o que não conhece? E como os pais podem ensinar a seus filhos o que a escola não ensina? Como você pode ensinar contabilidade para uma criança? Ela não achará aborrecido? E como os pais podem ensinar a investir se eles próprios são avessos ao risco? Em vez de ensinar a meus filhos a buscar a segurança, decidi que o melhor era ensiná-los a ficar espertos.

Trecho do livro *Pai Rico Pai Pobre* - Robert K. Sharon L.

O trecho citado acima mostra que há um despreparo e uma despreocupação por parte dos agentes que deveriam prover o ensino da Educação Financeira para crianças e jovens. O autor ressalta que o sistema educacional não possui sequer o conhecimento necessário para que ele pudesse ser repassado, além disso, também é possível entender que os pais não possuem vivências suficientes, para serem repassadas aos filhos, sobre os âmbitos que englobam a educação financeira, dentre eles o de investimentos, principal nicho abordado pelos autores no livro.

2.2.5 Não consegue lidar com momentos de crise

É racional concluir que um indivíduo que não consegue lidar com suas finanças em períodos de normalidade econômica, também não saberá lidar em períodos de crises. Um exemplo de anormalidade que afetou praticamente todos os países do mundo foi a pandemia causada pelo vírus da COVID-19. Um estudo feito pelo Instituto *Axxus* (2021), *Efeitos da Pandemia nas Finanças Pessoais no Brasil*, mostrou que 76% dos brasileiros entrevistados não administraram bem as suas contas durante a pandemia, conforme elucidado na Tabela 4.

Tabela 4 - Você e sua família estão administrando bem as finanças pessoais nesses tempos de pandemia?

	Amostra	Sim	Razoável	Não	Não sei responder
Norte	200	8%	14%	76%	2%
Nordeste	675	9%	15%	73%	3%
C. Oeste	175	9%	16%	73%	2%
Sudeste	1.100	7%	13%	79%	1%
Sul	350	11%	16%	71%	2%
Brasil	2500	8%	14%	76%	2%

Fonte: *Axxus* - agosto 2021 | Tabela: elaboração do autor

Além disso, 86% dos brasileiros afirmam que tiveram as finanças muito prejudicadas nos meses de isolamento social, dados da Tabela 5. Esse fato pode ter ocorrido por diversos motivos como as demissões, diminuição ou corte de benefícios como vale-transporte e vale-alimentação, custos de se adaptar ao home office (móveis, *hardwares*, etc.), dentre outros acontecimentos que causaram um aumento nos custos ou diminuição nas receitas. Assim como fora avaliado por Kawohl e Nordt (2020, *apud* Kimura 2020) que a pandemia do Covid-19 exigiu a introdução de medidas restritivas, com efeito substancial na economia global, incluindo o aumento do nível de desemprego. Sem sua principal fonte de renda, muitas famílias vêm enfrentando e enfrentarão grandes dificuldades financeiras.

Tabela 5 - A pandemia prejudicou as suas finanças e da sua família?

	Amostra	Não	Um pouco	Muito	Não respondeu
Norte	200	3%	6%	89%	2%
Nordeste	675	2%	7%	88%	3%
C. Oeste	175	13%	18%	68%	1%
Sudeste	1.100	4%	8%	86%	2%
Sul	350	4%	6%	89%	1%
Brasil	2500	4%	8%	86%	2%

Fonte: *Axxus* - agosto 2021

Como citado, alguns fatores podem ter influenciado para que o cenário de planejamento financeiro no Brasil tenha piorado durante a pandemia, os entrevistados afirmam que os principais erros cometidos durante esse período de colapso sanitário foram principalmente comprar demais, ou seja, segundo a definição da própria pesquisa “manter o mesmo padrão adotado antes da pandemia”, além disso, também é possível observar, com base na Tabela 6, que um percentual considerável dos entrevistados adquiriu dívidas.

Tabela 6 - Qual principal erro que você ou sua família estão cometendo?

	Amostra	Não Planej.	Comprar D+	Fazer Dívidas	Outros
Norte	180	5%	61%	32%	2%
Nordeste	594	7%	58%	29%	6%
C. Oeste	155	8%	55%	34%	3%
Sudeste	1.012	11%	61%	27%	1%
Sul	305	12%	49%	28%	11%
Brasil	2246	9%	58%	29%	4%

Fonte: Axxus - agosto 2021 | Tabela: elaboração do autor

Bannier e Schwarz (2018, *apud* Kimura 2020) mostram que uma maior educação financeira conduz a maiores níveis de acúmulo de capital. Desta forma, maior conhecimento sobre finanças pode contribuir para que as famílias possam lidar melhor com as dificuldades econômicas advindas da pandemia do COVID-19.

2.2.6 Constantemente é influenciada por vieses comportamentais

Os vieses comportamentais muitas vezes possuem uma participação relevante na tomada de decisão dos indivíduos, principalmente nas escolhas ruins, ou seja, aquelas que causam endividamento, inadimplência, preocupação, desmotivação e outros problemas.

Visando ambientar de forma técnica porque o imediatismo ou viés do presente e outros vieses fazem parte do cotidiano da população brasileira, é válido pontuar os sistemas propostos por Daniel Kahneman em seu livro “Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar”, o autor propõe dois modelos diferentes de pensamento, é partir desses sistemas que os indivíduos tomam suas decisões. O sistema 1 possui as seguintes características: rápido, automático e faz pouco ou

nenhum esforço. De forma inversa, o sistema 2 possui as seguintes características: devagar, lógico, requer concentração e foco.

Das características é possível observar uma diferença notável entre os dois sistemas, o autor afirma que na maioria das vezes utilizar o sistema 2 pode trazer um cansaço psicológico para o indivíduo, sendo esse o principal motivo para que comumente o sistema 1 seja ativado na maioria das interações, incluindo as decisões financeiras, por exemplo, as decisões de compra motivadas apenas pelo desejo de gastar, ou seja, o indivíduo busca ter uma satisfação imediata, muitas vezes sem saber sequer como pagará aquele produto ou serviço. Além disso, também podem acontecer interações nas quais os indivíduos façam cálculos mentais para estipular se aquele gasto cabe no orçamento, qual seria o valor à vista ou parcelado, tentar incluir no orçamento receitas que ainda não são certas e outros pensamentos irracionais ou guiados unicamente pelo sistema 1.

A partir da definição de Daniel Kahneman, a interação acima elucidada um viés conhecido como contabilidade mental. Camargo et al. (2015) *apud* Lourenço (2006) expõe que a teoria da Contabilidade Mental propõe essencialmente que os indivíduos executem mentalmente operações de contabilidade, de forma semelhante ao que fazem as empresas, o que lhes permite organizar e avaliar as suas decisões econômico-financeiras. Grotta (2019) afirma que “a contabilidade mental é de suma importância para o dia a dia de cada indivíduo, as atitudes irracionais levam a grandes consequências, uma vez que acabam entrando em dívidas desnecessárias por não terem controle adequado do que realmente precisam.”

Introduzida a importância e a definição de alguns dos principais vieses comportamentais e os sistemas que guiam a tomada de decisão, Fonseca (2022) traz um embasamento relevante para o cerne da discussão “um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisas Datafolha (2017) para medir o grau do imediatismo ou viés do presente identificou que a “paciência” do brasileiro é de 0,26, número que mostra “imediatismo exacerbado”, segundo a pesquisa”, além disso, o autor também pontua uma perspectiva de comparação em relação aos outros países que apresentaram índices mais satisfatórios, como por exemplo, os Estados Unidos (0,77), países anglo-saxões (0,76), Japão (0,70). Em um estudo de caso com 419 estudantes de seis faculdades de São Paulo, com idades que variavam de 18 a 35 anos, Barbagallo (2018) afirma que “Os resultados indicam a influência do conhecimento financeiro no comportamento financeiro dos jovens adultos, destacando a importância da educação financeira entre eles. Sugere, de acordo com os resultados relacionados ao nível de educação, que além da promoção da educação financeira, a melhora do nível geral de ensino no Brasil é fundamental para a formação de

cidadãos conscientes e aptos a tomar decisões financeiras mais racionais, sem a utilização da contabilidade mental.”

Em relação à proposição deste tópico, é importante ressaltar que até mesmo os indivíduos que possuem um conhecimento sobre o assunto também são influenciados por vieses comportamentais, Milanez (2001) traz uma análise de caso feita por outros autores onde se constata que “Existem reações exageradas (*overreaction*) dos analistas e investidores com relação ao desempenho de ações que apresentam tendência de alta em detrimento daquelas que têm baixo desempenho recente. Assim, comparando um portfólio de ações perdedoras contra um portfólio de ações vencedoras, verifica-se que o retorno da primeira carteira é superior ao da segunda. Recentemente, Dall'agnol (2002) atualizou o estudo com dados mais recentes e confirmou os resultados encontrados por Costa Jr.”

Além dos dados e estudos citados, para embasar a afirmação de que uma população com baixos índices de educação financeira é constantemente influenciada por vieses comportamentais, Torres e Halfed (2011) corroboram com a alegação desse tópico, porém, afirmam que podem existir outras contemplações, “os efeitos da irracionalidade do ser humano são sentidos, também, no mercado brasileiro. A sobre reação do mercado é o fundamento das Finanças Comportamentais mais identificadas facilmente no mercado nacional, porém existem outras considerações a respeito”.

3 A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA SOCIEDADE

3.1. Educação Financeira no mundo

Em relação às perspectivas e ações históricas da Educação Financeira no mundo, a OCDE é o órgão de maior presença quando se trata desse tema, uma das primeiras ações promovidas pela organização foi o *Final Education Project*, em 2003. Cunha (2020, p. 3 *apud* OCDE, 2005a, p. 11) afirma que “A iniciativa se justifica pela preocupação, demonstrada por países, com três processos em curso: o aumento de trabalhadores a se aposentar em cenário de diminuição da cobertura previdenciária promovida por Estados e empregadores; o aumento do endividamento em condições de acesso facilitado a crédito e a mercados financeiros desregulados e o aumento de transações financeiras eletrônicas, em contexto onde há grupos sociais fora do sistema bancário”. Então, definindo em tópicos, a preocupação da instituição era com três pontos principais:

- Um possível déficit na previdência
- Aumento do endividamento
- Aumento das transações financeiras eletrônicas

Trazendo para o contexto atual, é possível notar que estes ainda são problemas que muitos países ainda precisam lidar, principalmente o aumento das transações financeiras realizadas por meios eletrônicos, cada vez mais são observadas novas tecnologias que facilitam as interações entre agentes econômicos, facilitando a vida da sociedade, porém, essas facilidades podem acarretar problemas como os golpes financeiros e o fácil acesso ao crédito, muitos indivíduos não sabem lidar com esses mecanismos e acabam entrando no endividamento e posteriormente na inadimplência.

Ainda nesse espectro, em 2008 a OCDE cria a Rede Internacional de Educação Financeira (OCDE/INFE), que é uma aprimoração do projeto já citado de 2002, segundo a própria organização os principais objetivos dessa nova ação são de coletar dados e evidências comparáveis, desenvolver metodologias para medir o impacto, compartilhar experiências e boas práticas, desenvolver pesquisas e análises comparativas, instrumentos de política de design e promover implementação e monitoramento eficazes.

Sendo composto por 130 países, a INFE divulga seus trabalhos de várias maneiras, inclusive produzindo relatórios globais e regionais e organizando seminários e mesas redondas de alto nível e workshops técnicos. A OCDE/INFE tem membros de alto nível de 280

instituições públicas - incluindo bancos centrais, ministérios das finanças e ministérios da educação - em 132 países. A capilaridade desse tipo de projeto faz com que o tema da Educação Financeira possua uma maior relevância e disseminação, VIEIRA, G. S.; PESSOA, C. A. (2020, p. 660) cita que “Desde a sua criação, a Rede Internacional de Educação Financeira é considerada o principal veículo para discussões e para análise dos níveis de conhecimento da população, a fim de avaliar a realidade de cada país e subsidiar o desenho de políticas públicas no âmbito da Educação Financeira.”

Através das datas, é possível constatar que o INFE foi criado em um período que o mundo passava pela crise financeira de 2008, também conhecida como crise do subprime. Esse fato histórico corrobora sobre a real necessidade de a população de um país ter acesso ao ensino contínuo de Educação Financeira. Ainda tratando da crise, na qual o principal catalisador foi uma especulação imobiliária nos Estados Unidos, retratado no filme “A Grande Aposta”, onde frases do tipo “as pessoas nunca deixarão de pagar suas hipotecas” são ditas, é possível notar que a falta de conhecimento sobre temas como risco, retorno, investimento, especulação, organização financeira e outros tópicos ajudaram para que o colapso viesse à tona.

Ademais, sobre o cenário da Educação Financeira no mundo, as Figuras 11, 12, 13, 14 e 15 elucidam um mapeamento bibliográfico que possui como base os dados colhidos de diferentes materiais acadêmicos, o objetivo é compilar as informações sobre o país/região, programas e ações, instituições fomentadoras e o objetivo, respectivamente.

Figura 11 - Estratégias de educação financeira nos Estados Unidos

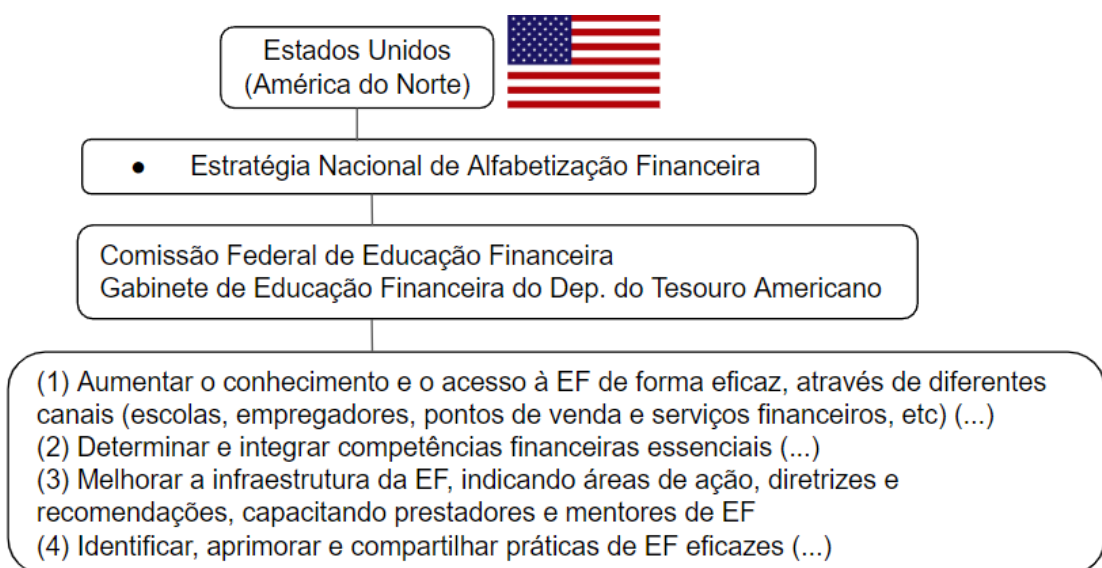
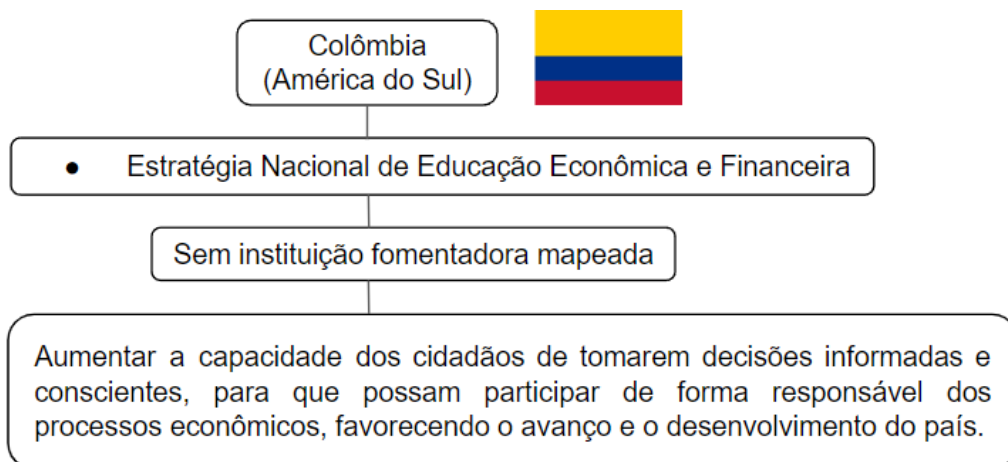


Figura 12 - Estratégias de educação financeira em Gana



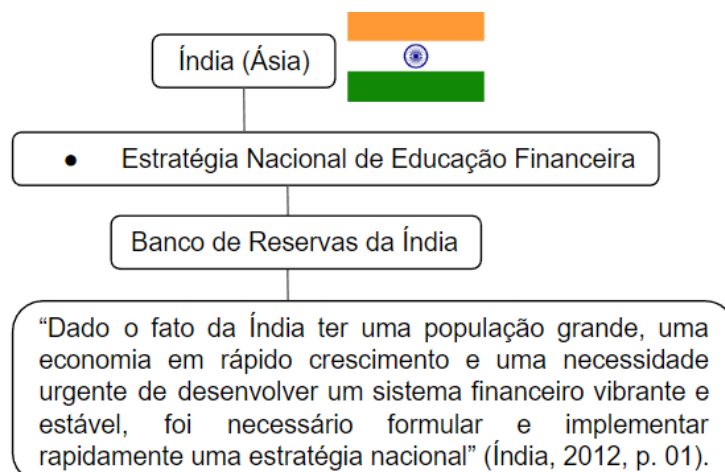
Fonte: VIEIRA e PESSOA (2020) | Figura: elaboração do autor

Figura 13 - Estratégias de educação financeira na Colômbia



Fonte: VIEIRA e PESSOA (2020) | Figura: elaboração do autor

Figura 14 - Estratégias de educação financeira na Índia



Fonte: VIEIRA e PESSOA (2020) | Figura: elaboração do autor

Figura 15 - Estratégias de educação financeira na Austrália



Fonte: VIEIRA e PESSOA (2020) | Figura: elaboração do autor

Figura 16 - Estratégias de educação financeira na Portugal



Fonte: VIEIRA e PESSOA (2020) | Figura: elaboração do autor

Além dos países citados, VIEIRA e PESSOA (2020) elucida que “*Os países que possuem uma estratégia nacional de Educação Financeira consolidada são Austrália (2011), Brasil (2010), República Tcheca (2010), Gana (2009), Índia (2010), Irlanda (2009), Japão (2005), Malásia (2003), Holanda (2008), Nova Zelândia (2008, 2010), Portugal (2011), Eslovênia (2011), Espanha (2008), Inglaterra (2003), Estados Unidos (2006), El Salvador (2008). E os que apresentam projetos em andamento são: Canadá, Colômbia, Estônia, Indonésia, Quênia, Letônia, Líbano, Malawi, México, Peru, Polônia, Romênia, Sérvia, África do Sul, Suécia, Tanzânia, Turquia, Uganda, Rússia, Tailândia, Zâmbia*”.

É possível perceber que a maioria das ações são representadas por uma Estratégia Nacional de Educação Financeira, ou seja, os países possuem como objetivo principal fomentar e estimular o aprendizado no ambiente populacional como um todo, além disso, na maioria dos casos o principal órgão responsável pela estratégia é o Banco Central de cada país. Esse fato acontece porque comumente os Bancos Centrais possuem como função gerir a política econômica de cada nação, o objetivo principal é garantir a estabilidade e o poder de compra da moeda e do sistema financeiro como um todo, os programas de educação financeira incentivam que a população possua conhecimentos financeiros para que boas decisões possam ser tomadas e que a perenidade e o equilíbrio econômico do país seja mantido, atendendo assim ao propósito principal da autoridade monetária citada.

3.2. Educação Financeira no Brasil

Assim como nos outros países, a educação financeira no Brasil vem ganhando notoriedade nos mais diversos ambientes, principalmente nas redes sociais, como já citado acima na introdução. Porém, diferente de alguns países, o histórico do Brasil é conturbado e volátil quando se trata de ambiente econômico, o país passou por longos períodos de inflação e hiperinflação, mudanças constantes de moedas e um cenário político instável. Esses fatores fazem com que as políticas não alcancem efeitos positivos relevantes e prolongados para a população e as instituições que movimentam o país, assim como elucidado por Souza (*apud* D’Aquino 2008, p.9) “Numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro tinha resultados frágeis e desanimadores”. O Quadro 1 mostra os diferentes períodos, governantes e planos para estabilização da moeda.

Quadro 1 - Planos econômicos no Brasil (de 1986 até 1994)

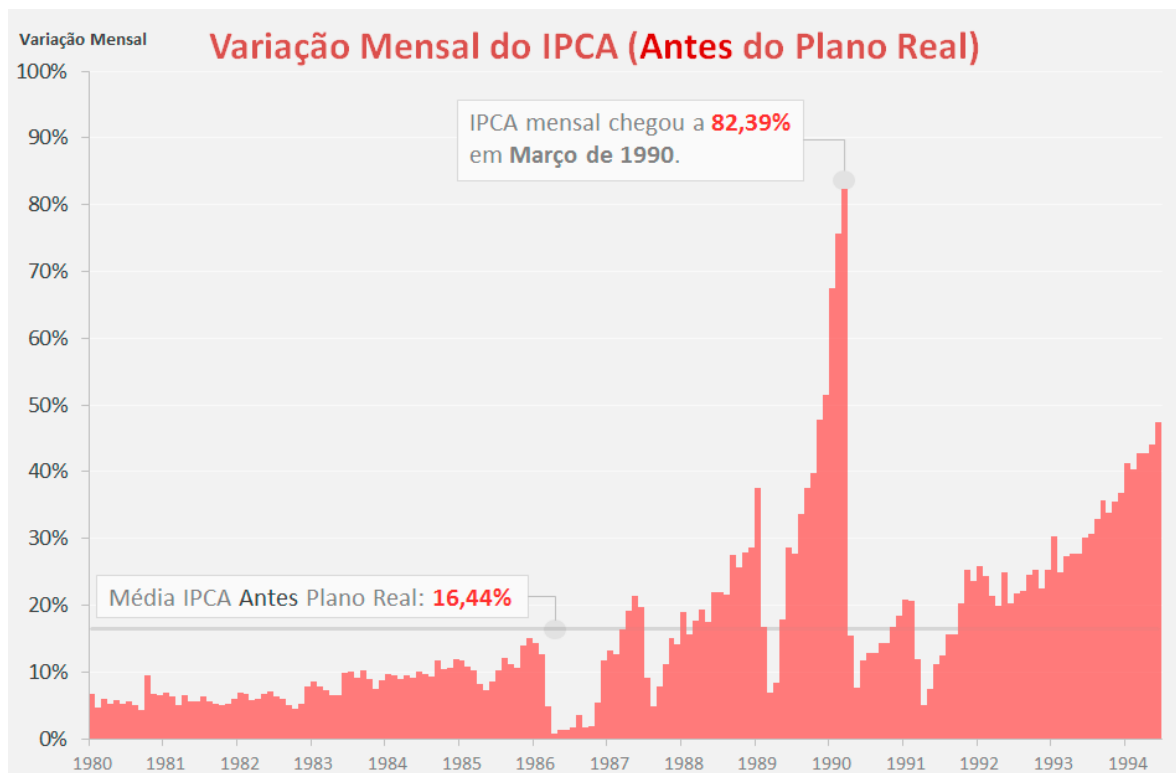
Plano	Data	Presidente
Plano Cruzado	28 de fevereiro de 1986	José Sarney
Plano Bresser	12 de junho de 1987	José Sarney
Feijão com Arroz	06 de janeiro de 1988	José Sarney
Plano Verão	15 de janeiro de 1989	José Sarney
Plano Collor	15 de março de 1990	Fernando Collor de Melo
Plano Eris	Maio-dezembro de 1990	Fernando Collor de Melo
Plano Collor II	31 de janeiro de 1991	Fernando Collor de Melo
Plano Marcílio	10 de maio de 1991	Fernando Collor de Melo

Plano Real	01 de julho de 1994	Itamar Franco
-------------------	---------------------	---------------

Fonte: USP – Economia Brasileira Contemporânea (2019) | Tabela: Elaboração própria do autor

O Dragão da Inflação, teve seu protagonismo na economia nacional entre os anos de 60 e 90. Durante os anos 80, a década perdida, a situação se complicou, após dois choques do petróleo e maxidesvalorizações cambiais, no período em que conviveram com essa hiperinflação, os brasileiros se acostumaram com as remarcações diárias de preços no comércio, os produtos sumiam das prateleiras rapidamente. Para evitar a perda de valor aquisitivo da moeda, as famílias faziam estoque de comida, ou seja, assim que recebiam a renda, a população ia gastá-la o mais rápido possível. Dito isso, é possível constatar que no decorrer dos períodos de altas inflacionárias não era possível planejar e gerir o orçamento, porque os preços dos bens e serviços estavam em constante mudança, além disso, a perspectiva de investir era praticamente nula, tendo em vista que o dinheiro “parado” era corroído pela inflação, perdendo assim o seu valor em meio ao ambiente econômico instável.

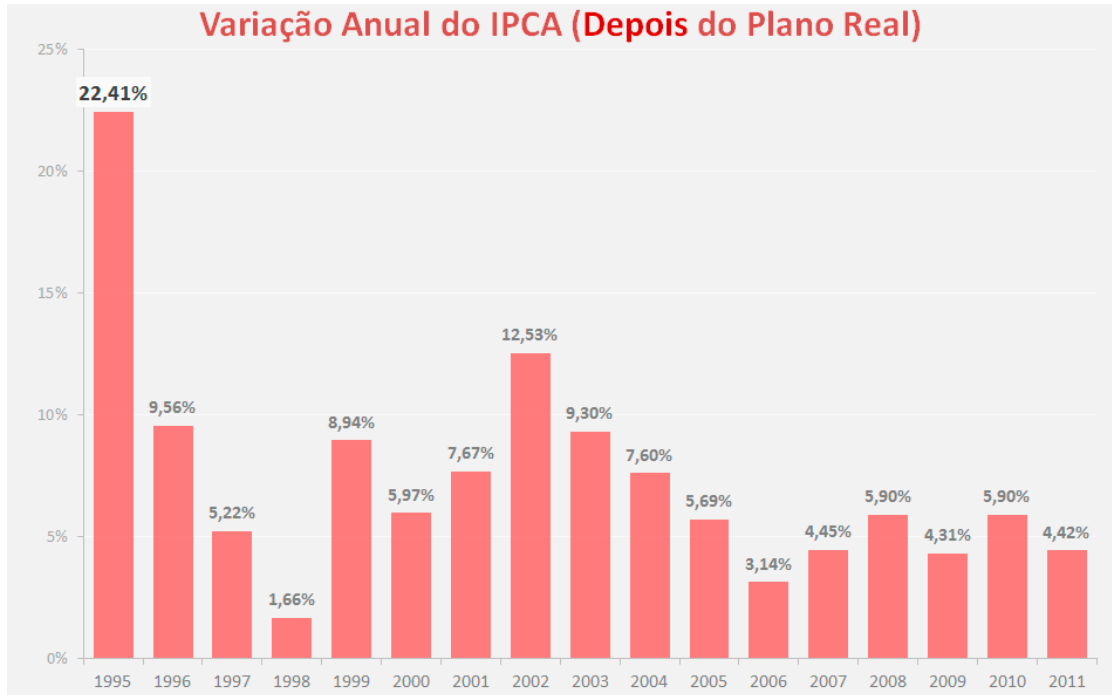
Figura 17 - Variação mensal do IPCA (antes do plano real)



Fonte: USP – IBGE - HC Investimentos

Apesar dos diversos planos econômicos que tinham como principal ferramenta a troca de moeda, a inflação só começou a ceder com a implantação do Plano Real, conforme elucidado na Figura 28.

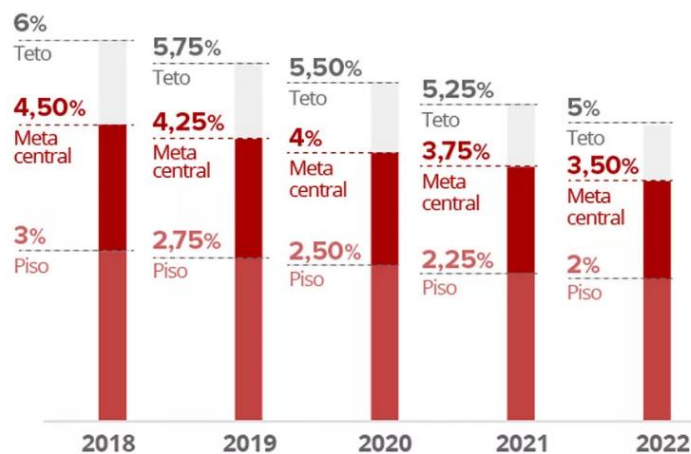
Figura 18 - Variação mensal do IPCA (depois do plano real)



Fonte: USP – IBGE - HC Investimentos

Em relação ao controle inflacionário e da moeda vigente, um fato relevante é que desde 1999 o Brasil determina metas para a inflação, que são divulgadas anualmente pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), a Figura 19 mostra as metas inflacionárias mais recentes.

Figura 19 - Meta da inflação (2018-2022)



Fonte: G1.com – Conselho Monetário Nacional

Esse tipo de ação permite que a autoridade monetária seja mais transparente e eficiente em relação ao cenário econômico do país, além disso, a população possui uma segurança e fundamento para consumir, poupar e investir seu dinheiro de forma planejada e estável, mesmo que a inflação ainda seja uma preocupação em períodos de crise, principalmente quando há choques de demanda e oferta nos países do mundo. Outro mecanismo que auxilia na tomada de decisão e análise de perspectivas econômicas futuras é o Boletim Focus, relatório que resume as projeções do mercado para a economia. Ele é formulado a partir de pesquisas macroeconômicas realizadas por instituições como bancos, consultorias, corretoras, universidades e distribuidoras. Atualmente, o Boletim Focus é elaborado por profissionais do BCB/Gerin (Departamento de Relacionamento com Investidores e Estudos Especiais) e é emitido semanalmente através do site do Banco Central.

Tendo em vista os pontos citados sobre o histórico inflacionário do país e os mecanismos que ajudam no controle e estabilidade econômica, o cenário da educação financeira no Brasil pode ser considerado novo, ou seja, as experiências e estratégias das instituições para educar a população ainda estão em processo de desenvolvimento e aplicação, o objetivo é que essas políticas não sejam deixadas de lado. SAVOIA (2007) afirma que “O extenso período de inflação comprometeu a capacidade de planejamento econômico-financeiro de longo prazo.

Com a abertura econômica, no início dos anos 1990, e o processo de estabilização do Plano Real, o mercado financeiro nacional se transformou e criou novos instrumentos, aumentando a complexidade dos produtos oferecidos. Desse modo, os indivíduos e as famílias passaram a demandar maior conhecimento e informação atualizada, para tomarem as suas decisões financeiras de forma fundamentada e segura. Apesar dessas mudanças, a educação financeira não foi agregada, de maneira oficial, nas grades curriculares e, nas universidades, não se constata uma ação efetiva e duradoura”, o artigo citado é de 2007, essa perspectiva temporal é importante, além do autor citado, Matta (2012) afirma que “este quadro de ausência do poder público na educação financeira pessoal da sociedade brasileira tem diminuído. Em 2008, foi dado início aos estudos para o desenvolvimento de ações governamentais coordenadas voltadas ao tema. Tal ação por parte do governo brasileiro supre uma lacuna existente até então no cenário brasileiro a respeito do desenvolvimento de conteúdos informacionais voltados à gestão financeira pessoal (...)”.

Como constatado acima, são recentes as ações realizadas em prol de uma maior oferta de educação financeira para a população, além disso, com o passar dos anos é possível notar que o ambiente econômico encontra-se em constantes mudanças e adaptações, SILVA(2019) cita o fato de que os projetos feitos na época não possuíam um impacto em larga escala, ou seja,

não eram suficientes para atender a demanda por aprendizado financeiro, junto a isso, o autor cita “O aumento da complexidade das operações e serviços financeiros, a globalização, os avanços tecnológicos, os novos canais de distribuição eletrônica e a integração do mercado exigem dos cidadãos uma cultura financeira mais aprimorada e consciente, a fim de, conseguirem se integrar a tais transformações e fazer com que o resultado delas seja uma melhor qualidade de vida particular e para toda a sociedade.”, elucidado o cenário do período, através do documento oficial “BRASIL: IMPLEMENTANDO A ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA” disposto no site do Banco Central do Brasil, é possível ter acesso à estruturação do primeiro grande projeto voltado para a educação financeira no Brasil.

Com o objetivo de propor a estratégia nacional de educação financeira, o COREMEC constituiu um grupo de trabalho em 2007 (denominado “Grupo de Trabalho do COREMEC” deste ponto em diante). Esse grupo propôs, em 2009, um rascunho da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). O rascunho foi validado pelos quatro reguladores que compõem o COREMEC e, em dezembro de 2010, o Decreto Presidencial nº 7.3977 estabeleceu formalmente a ENEF. Esse Decreto também criou o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF).

BRASIL: IMPLEMENTANDO A ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA - Banco Central do Brasil

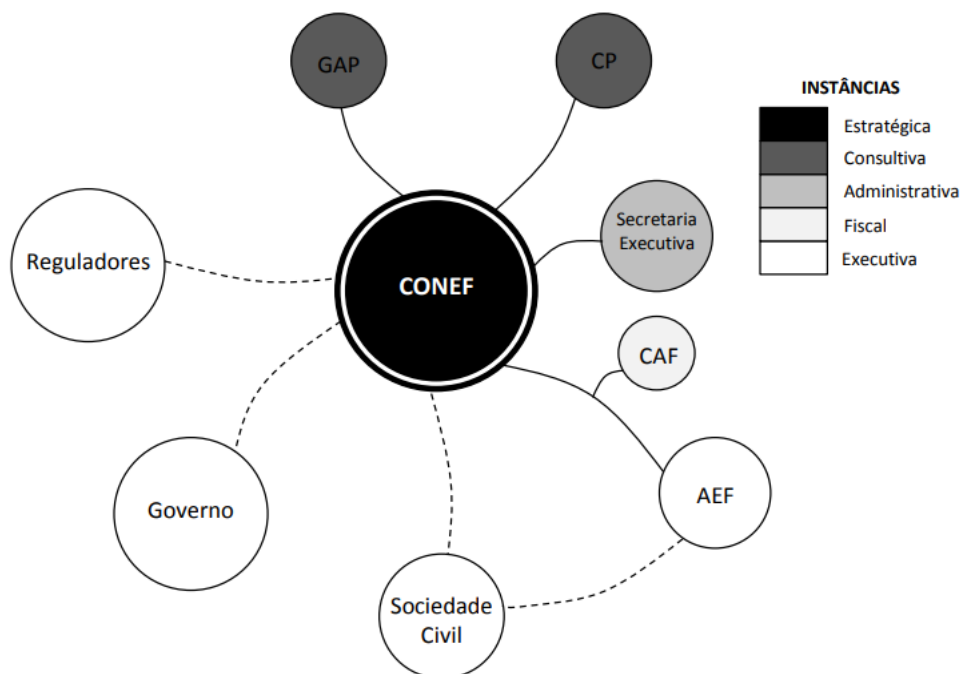
De acordo com o Art. 1º do Decreto Presidencial n.º 7.3977(BRASIL) “Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.”, o Art. 2º do documento oficial também elucidada quais as principais diretrizes que a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) deve seguir em suas ações:

- I - Atuação permanente e em âmbito nacional;
- II - Gratuidade das ações de educação financeira;
- III - Prevalência do interesse público;
- IV - Atuação por meio de informação, formação e orientação;
- V - Centralização da gestão e descentralização da execução das atividades;
- VI - Formação de parcerias com órgãos e entidades públicas e instituições privadas; e
- VII - Avaliação e revisão periódicas e permanentes.

Dois são os principais pontos em relação às diretrizes, o primeiro é que se torna claro que a estratégia objetiva está presente em todas as regiões do país, de forma igualitária.

O segundo ponto é o foco em que as ações devem ser gratuitas, esse fato faz com que as ações feitas pelo programa possam alcançar as mais diversas classes sociais, nivelando o aprendizado e fazendo com que a sociedade possa ter acesso aos conteúdos sem um custo direto de matrícula, inscrição, livros ou mensalidades, como ocorre na maioria dos cursos e ações do setor privado. Através do material do Banco Central citado acima, é possível compreender a estrutura da ENEF.

Figura 20 - Fluxograma da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)



Fonte: Banco Central

A partir do fluxograma (Figura 33) é possível notar que o projeto possui uma estrutura robusta e capilarizada, o quadro abaixo detalha as principais instâncias da Estratégia Nacional de Educação Financeira, sendo possível observar que a estratégia foi planejada e inclui entidades públicas e privadas, esse tipo de parceria traz benefícios operacionais e econômicos para o projeto, que como um todo não possui fins lucrativos. A utilização dos pontos positivos advindos de cada um dos espectros, público e privado, em prol da educação financeira é um fator que pode se prolongar por bastante tempo, tendo em vista que os resultados beneficiarão ambas as partes. O quadro abaixo caracteriza as instâncias e suas respectivas organizações, membros e atribuições.

Quadro 2 - Instâncias, organizações, membros e atribuições da ENEF

Instância	Organização	Membros	Atribuições
Estratégica	CONEF- Comitê Nacional de Educação Financeira	<ul style="list-style-type: none"> • Diretor do Banco Central do Brasil • Presidente da Comissão de Valores Mobiliários • Diretor-Superintendente da PREVIC • Superintendente da SUSEP • Secretário-executivo do MEC • Secretário-executivo do MF • Secretário-executivo do MPS • Secretário-executivo do MJ • Representantes da sociedade civil - 2011-2014 - ANBIMA, BM&FBOVESPA, FEBRABAN e CNseg 	Responsável pela governança estratégica da ENEF. O CONEF define planos, programas, ações e coordena a implementação da ENEF, além disso, também cria grupos de trabalho com expertise para fornecer suporte técnico.
Consultiva	GAP – Grupo de Apoio Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> • Ministério da Educação, como Presidente Banco Central • CVM • Ministério da Fazenda • Susep • Previc • Conselho Nacional de Educação • Instituições de ensino federais 	É uma instância consultiva do CONEF. Ele fornece orientação pedagógica a todas as ações da ENEF. O Ministério da Educação preside o GAP e também atua como sua Secretaria-Executiva.
Executiva	AEF – Associação de Educação Financeira do Brasil	<ul style="list-style-type: none"> • ANBIMA • BM&FBOVESPA • CNseg • FEBRABAN 	É uma instância executiva do ENEF. Por meio de um Acordo de Parceria com o CONEF, ela é responsável por conceber, planejar, estruturar, desenvolver, implementar e administrar iniciativas transversais da ENEF.

Fonte: Banco Central | Tabela: elaboração do autor

Além dos pontos citados, a ENEF também possui outras características, com base no infográfico disponibilizado pelo site da organização¹:

¹ <https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>. Acesso em: 05/10/2022

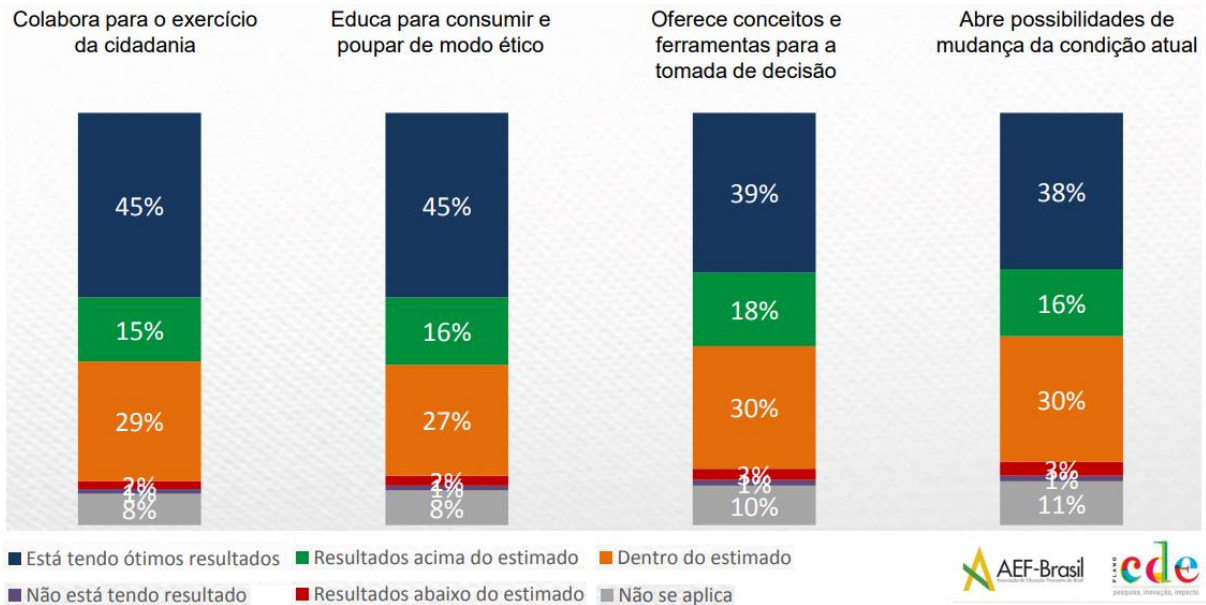
Figura 21 - Características gerais da ENEF



Fonte: Vida e Dinheiro

Em relação aos resultados advindos da ENEF, através do mapeamento de iniciativas de Educação Financeira (abril/2018) é possível analisar os avanços e a aceitação do projeto.

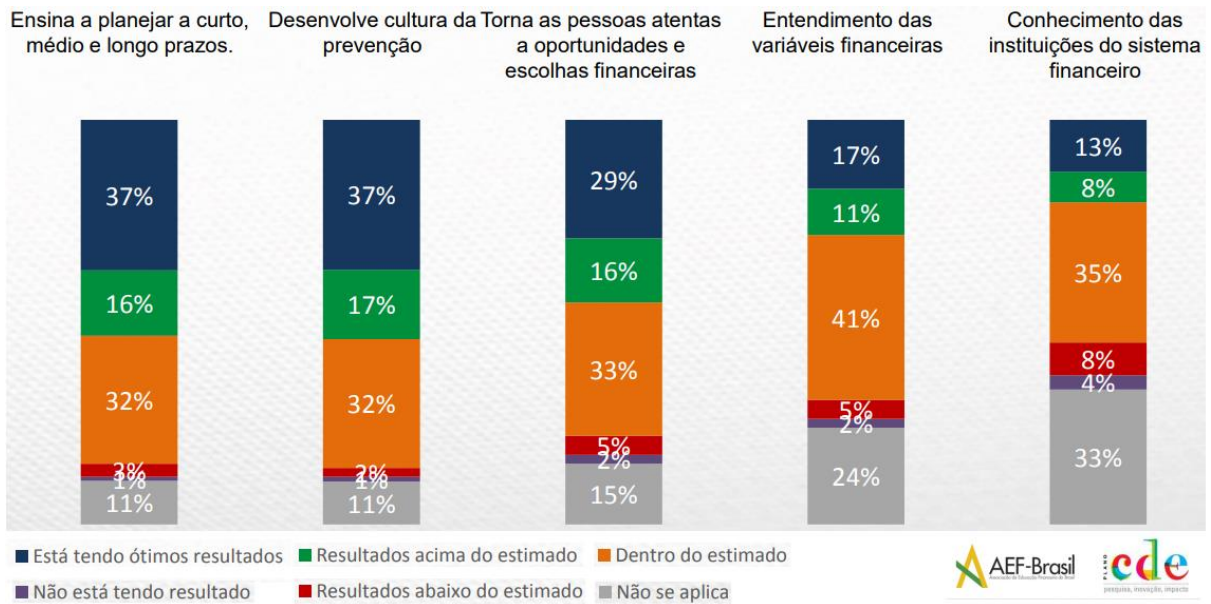
Figura 22 – Avaliação 1 da ENEF



Fonte: AEF-Brasil

Assim como explicitado na Figura 22, os inscritos consideram que conseguem bons resultados em aumento da cidadania e atenção para escolhas financeiras mais conscientes. Além disso, é possível observar que no geral, a maior parcela dos respondentes afirma que atingiram ótimos resultados ou resultados acima do estimado.

Figura 23 - Avaliação 2 da ENEF



A Figura 23 elucida que conhecimentos de variáveis financeiras e das instituições do sistema financeiro são os temas menos desenvolvidos entre os inscritos. Além disso, a partir do estudo foram possíveis obter algumas conclusões em relação ao programa em geral, dentre elas:

- Em 2018, foram mapeadas 72% mais iniciativas do que em 2013.
- Iniciativas online têm maior alcance, enquanto grande parte das iniciativas presenciais são locais – principalmente as iniciativas em escolas.
- A ENEF pode incentivar parcerias de conteúdo e formação entre iniciativas digitais/nacionais e presenciais/locais
- A maior parte das iniciativas não têm enfoque em um público específico, atingindo homens e mulheres, jovens, idosos e grupos de perfil sociodemográfico indiferentemente.
- Parcerias com Secretarias de Educação são importantes para aumentar capacitação e cobertura da EF
- Poucas iniciativas monitoram seu impacto

Com base na análise do relatório de Educação Financeira (abril/2018) é possível constatar que a ENEF obteve de fato um impacto nos níveis de educação financeira para os indivíduos que fizeram parte de ações ou projetos fomentados pela organização. Em relação aos principais pontos citados ao final do relatório, é válido ressaltar que como já imaginado, as

iniciativas online possuem um maior alcance, dito isso, é importante que o CONEF e o GAP aumentem as ações ofertadas no modo online, pois assim será possível alcançar um maior número de pessoas, além disso, o formato online pode diminuir custos de transporte, alimentação, dentre outros, ou seja, uma das diretrizes do projeto segue sendo instaurada, a de fazer com que as ações sejam gratuitas. O relatório também constata que apesar do aumento das atividades oferecidas, nota-se que em alguns casos não há um monitoramento em relação aos avanços e dificuldades tidas durante o aprendizado.

- Em 2018, foram mapeadas 72% mais iniciativas do que em 2013.
- 1383 iniciativas começaram o questionário (vs. 803 em 2013)
- 526 completaram o cadastro (vs. 317 em 2013)

Esse fato faz com que não seja possível uma mensuração empírica das atividades, conseqüentemente há uma dificuldade maior para que os órgãos planejadores e estrategistas possam ter um embasamento sobre o que está ou não funcionando, se realmente o alcance do projeto está em um nível bom, se está ocorrendo uma aceitação por parte do público-alvo e outras possíveis análises que poderiam ser feitas através de um acompanhamento constante.

Com o objetivo de estimular e assegurar a presença dos participantes e oferecer um embasamento de conclusão, seria interessante os projetos ofertarem certificados de conclusão, horas complementares, bolsas e outros tipos de mecanismos, a sugestão parte do que foi comentado (AEF, 2018) “Maioria das iniciativas não emite certificados ou faz avaliações de seus resultados. No entanto, os cadastrados avaliam positivamente as iniciativas em construção de cidadania e consumo ético.”

É válido elucidar que o processo de aprendizagem sobre educação financeira como um todo, desde a parte teórica até as experiências práticas, precisa ser feito ativamente no curto prazo, ou seja, as ações não podem ser pontuais, elas precisam ser efetivas e constantes, estando presente na vida dos indivíduos diariamente, considerando que os resultados desse tipo de programa são obtidos no médio e longo prazo, pois se trata do âmbito educacional/alfabetizante, além disso, esta é uma área que culturalmente não é disseminada nos ciclos sociais nos quais a massa populacional convive.

Em relação à perspectiva mais atual sobre a ENEF, através do site é possível acessar o Mapa da Educação Financeira no Brasil (www.vidaedinheiro.gov.br/mapas/), através da ferramenta é possível encontrar as iniciativas de educação financeira realizadas no Brasil nas diversas regiões do Brasil, conforme estruturado na Tabela 7.

Tabela 7 - Dados da ENEF para um estado de cada região do País

Estado (Região)	Semana ENEF	Selo ENEF	Projeto Itinerante	Professores em EAD	Programa de adultos	Artigos
Ceará (Nordeste)	41	3	49	351	-	-
Paraná (Sul)	4734	60	28	243	17	1
São Paulo (Sudeste)	1310	27	113	1396	98	5
Amapá (Norte)	-	-	1	137	-	-
Goiás (Centro-Oeste)	664	1	27	750	-	-

Fonte: AEF-Brasil | Tabela: elaboração do autor

Em relação aos dados gerais elucidados no site (para todas as regiões):

- 15656 Iniciativas com SEMANA ENEF
- 304 Iniciativas com SELO ENEF
- 622 Escolas Projeto Itinerante
- 711 Iniciativas no Mapeamento Nacional
- 4 Universidades nos POLOS EDUCACIONAIS
- 209 Programa de Adultos
- 6367 Professores em EAD
- 9 Artigos

Após uma análise do mapa da educação financeira, é possível notar a necessidade dessas ações chegarem em Estados e Municípios mais distantes dos núcleos econômicos do país, como por exemplo, Amapá ou Roraima, que contam com apenas 3 iniciativas cadastradas e 12 professores em EAD. Por fim, é válido ressaltar que a Estratégia Nacional de Educação Financeira conta com uma nova abordagem para os dias atuais. Através do COMUNICADO FBEF N.º 1/2021, DE 20 DE MAIO DE 2021, disponível no site do Governo Federal (www.gov.com.br) “O Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF), do qual a Comissão

de Valores Mobiliários (CVM) faz parte, divulgou, por meio do Comunicado FBEF 1/2021, princípios e diretrizes para a implementação da Nova Estratégia Nacional de Educação Financeira.”, O FBEF estabeleceu os seguintes princípios da nova ENEF:

- I. atuação permanente e em âmbito nacional.
- II. prevalência do interesse público.
- III. atuação por meio de informação, formação e orientação.
- IV. formação de parcerias com órgãos ou entidades públicas e com instituições privadas.
- V. avaliação e revisão das ações implementadas.
- VI. proibição de oferta de produtos e serviços nas ações de educação financeira.

A nova ENEF pode ser vista como algo positivo, podendo significar que as instituições públicas estão com o objetivo de progredir e otimizar a fomentação de educação financeira para a população brasileira, a efetiva funcionalidade e constância dos projetos e ações poderá ser analisada em trabalhos posteriores.

3.3. Educação Financeira e a Base Nacional Comum Curricular

Tendo sua elaboração iniciada no ano de 2014, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, sendo um parâmetro obrigatório para a estruturação dos currículos escolares e propostas pedagógicas da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio do Brasil. Segundo o Ministério da Educação (MEC) a BNCC possui 3 versões, a 1ª versão da BNCC foi disponibilizada em 16 de setembro de 2015, a 2ª versão da BNCC foi disponibilizada em 3 de maio de 2016 e em 02 de abril de 2018 o Ministério da Educação entregou ao Conselho Nacional de Educação (CNE) a 3ª versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, o histórico detalhado da BNCC pode ser acessado através do site².

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

MEC - Educação é a Base³

² <https://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 28/10/2022

³ www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 28/10/2022

Após a análise do histórico da BNCC, é possível concluir que o mecanismo é considerado recente e apesar de ser obrigatório e a principal referência para as instituições de ensino, este ainda se encontra em fase de desenvolvimento e aperfeiçoamento, assim como os programas de educação financeira citados neste trabalho.

No que se refere à presença da Educação Financeira na Base Nacional Comum Curricular, este fato foi consolidado no ano de 2017, conforme elucidado por ENEF (2017), “Em 2017, a AEF-Brasil celebrou mais um avanço: a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a inclusão da Educação Financeira entre os temas transversais que devem entrar nos currículos das escolas brasileiras nos próximos anos.

A proposta é que, uma vez inserida em disciplinas como o português, por exemplo, de forma transversal, o estudante seja capaz de ler e compreender, com autonomia, faturas, boletos e carnês”, a ação estipula que as instituições de ensino insiram os novos temas em seus currículos até 2019.

Em relação ao tema, VIEIRA e PESSOA (2020) afirma que “Não podemos negar que as atividades desenvolvidas pela ENEF são importantes para a disseminação da EF no nosso país, mas não o suficiente, pois, pelo fato da Educação Financeira tornar-se uma temática obrigatória nos currículos do Ensino Fundamental e Médio, a partir de 2017 com a instituição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda há professores que não sabem como abordar o tema em sala de aula, escolas que ainda não organizaram sua matriz curricular para trabalhar de forma transversal, interdisciplinar e processos formativos que orientem os professores quanto ao trabalho com a EF.”

O fato da Educação Financeira estar presente, de forma obrigatória, nas escolas e universidades de ainda está em processo de aceitação e adaptação por partes das instituições, dentre os projetos que já foram implantados destaca-se o Programa Nacional de Educação Financeira nas Escolas, uma parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), criada com o objetivo de incentivar o tema entre crianças e jovens de todo o Brasil. Lançada em 2021, a iniciativa visa capacitar mais de 500 mil professores ao longo de três anos, para que possam alcançar mais de 25 milhões de estudantes da educação básica. Outra ação notória e que visa levar mais conhecimentos sobre finanças para crianças e jovens é o Aprender Valor, do Banco Central do Brasil (BC). Destinado a escolas e redes municipais e estaduais de educação, especificamente ao ensino fundamental, o programa propõe projetos escolares que integrem a educação financeira aos diferentes componentes curriculares, a partir de sequências didáticas com atividades sobre planejamento do uso de recursos, poupança, entre outras.

Para que outros projetos obtenham sucesso na disseminação da Educação Financeira para crianças e adolescentes, é preciso que os pais e demais familiares também estejam envolvidos no projeto, o aprendizado em conjunto torna o processo mais dinâmico e interessante. É muito pensado que a Educação Financeira deve ser englobada apenas em disciplinas consideradas de exatas, ou seja, aquelas que envolvem cálculos matemáticos e o raciocínio lógico, porém, isso não é factível. Por exemplo, durante os diferentes períodos históricos o dinheiro teve e tem até hoje um papel fundamental na organização e interação da sociedade, o livro *O homem Mais Rico da Babilônia* de George S. Clason trata-se de uma coletânea de parábolas escritas por Clason a partir de 1926 e distribuídas, sob a forma de panfletos, em bancos e companhias de seguro norte-americanas. As parábolas são ambientadas na antiga Babilônia e trazem ensinamentos sobre assuntos financeiros: Planejamento financeiro, a importância de se poupar, empréstimos, entre outros.

Em relação à possibilidade da multidisciplinaridade dos temas que envolvem a educação financeira, GIORDANO e ASSIS (2018) afirmam que “ao que parece, a construção e consequentemente a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017, 2018) pode tornar-se um fator muito importante, capaz de impulsionar a ampliação das ações educativas que visem a promoção da Educação Financeira Brasileira, considerando tanto sua presença curricular dentro da própria disciplina de Matemática, quanto articulando-a com outros saberes, pois a Educação Financeira surge na BNCC como um tema transversal, e, assim como outros, se relaciona com diversas disciplinas do currículo escolar da educação básica, envolvendo disciplinas como Geografia, Filosofia, Sociologia e História. Seja nos níveis fundamental ou médio, favorecendo a abordagem interdisciplinar.”

4 REVISÃO DE LITERATURA

Ainda que o tema Educação Financeira não ser muito difundido na sociedade como um todo, o contrário acontece para o ambiente acadêmico, a partir das pesquisas foi possível observar que existe um repertório de trabalhos acadêmicos bastante robusto, fazendo com que o assunto se popularize cada vez mais, além da contribuição acadêmica, é possível notar que as redes sociais como *Instagram* e *Youtube*, foram meios que impulsionaram significativamente a oferta de materiais sobre temas que envolvem a Educação Financeira. Apesar dos dados mostrarem um cenário preocupante em relação às Finanças Pessoais do brasileiro, a difusão da educação financeira através dos meios sociais eletrônicos trouxe benefícios relevantes, “dados obtidos mostram que mesmo com número crescente de inadimplentes segundo órgãos de crédito como Serasa e dados do IBGE, agravado também pela pandemia de 2020, a expansão do conteúdo pelas mídias sociais e maior acesso às informações tem impacto positivo para aqueles que seguem esses canais financeiros, o que pode indicar o início da transformação do padrão brasileiro em relação ao consumo e quebrar o tabu sobre como lidar com o dinheiro em nossa sociedade” Nascimento (2022). A autora traz em seu trabalho o ranking com os influenciadores mais relevantes no mundo das finanças para o Brasil, Figura 24.

É possível notar que atualmente, a presença de pessoas aprendendo sobre finanças e investimentos nas redes sociais é cada vez maior, além disso, a facilidade com que o assunto pode ser abordado ajuda no alcance dos influenciadores, atualmente muitos dos conteúdos são entregues através de vídeos curtos no *Tik Tok*, os *reels (Instagram)* e os *shorts (Youtube)*, além disso, os conteúdos também são repassados através de *lives* (vídeos ao vivo) e em formatos longos, por meio do Youtube.

Em relação aos demais ambientes, como por exemplo nas escolas, nota-se uma maior dificuldade da inserção dos temas que circundam a educação financeira, “no planejamento estratégico das instituições do mercado financeiro que a produzem, afirma-se como “desafio” retirar o tema do lugar secundário, complementar, que lhe foi atribuído na Proposta da Base Nacional Curricular Comum, para “torná-lo essencial, ou seja, parte do ambiente escolar, associado à cultura da escola, conforme proposto na proposta de Redirecionamento Estratégico” (AEF, 2016c, p. 14)” CUNHA (2020).

Figura 24 -Ranking de influenciadores no mundo das finanças para o Brasil

	Influenciador ou Canal	Seguidores no Youtube	Formação Acadêmica
1°	<i>Nathalia Arcuri</i>	6,46 milhões	<i>Jornalismo</i>
2°	<i>Thiago Nigro</i>	5,24 milhões	<i>Relações internacionais</i>
3°	<i>Mirna Borges - EconoMia</i>	1,26 milhões	<i>Engenharia Mecânica e Coach financeira</i>
4°	<i>Gustavo Cerbasi</i>	914 mil	<i>Administração Pública e Mestre em Finanças</i>
5°	<i>Clube do Valor - Bruno Strack</i>	700 mil	<i>Administração de Empresas</i>
6°	<i>Patrícia Lages</i>	580 mil	<i>Jornalismo</i>
7°	<i>NulInvest</i>	500 mil	<i>Plataforma de investimentos</i>
8°	<i>InfoMoney</i>	432 mil	<i>Plataforma de investimentos</i>
9°	<i>Murilo Duarte – Favelado Investidor</i>	327 mil	<i>Ciências Contábeis</i>
10°	<i>Nath Finanças</i>	326 mil	<i>Administração de Empresas</i>
11°	<i>Rafael Seabra</i>	300 mil	<i>Ciência da Computação e MBA em Finanças</i>
12°	<i>Financeiro - Nilce Moretto e Leon Martins</i>	280 mil	<i>Comunicação e Relações internacionais</i>
13°	<i>Lucas Pit - Pit Money</i>	257 mil	<i>Economia</i>
14°	<i>Blog do Valor - André Bona</i>	230 mil	<i>Turismo e MBA em Gestão Empresarial</i>
15°	<i>Dinheiro à vista</i>	200 mil	<i>Canal de Educação Financeira</i>
16°	<i>Saldo Extra</i>	140 mil	<i>Canal de Educação Financeira</i>
17°	<i>Roberto Navarro</i>	127 mil	<i>Administração de Empresas e Coach Financeiro</i>
18°	<i>Valor Econômico</i>	100 mil	<i>Canal de Economia e Finanças</i>
19°	<i>Felipe Molero</i>	89 mil	<i>YouTuber</i>
20°	<i>Dinheirama - Conrado Navarro</i>	53 mil	<i>Administração de Empresas e Coach Financeiro</i>
21°	<i>DSOP</i>	11 mil	<i>Canal de Economia e Finanças</i>

Fonte: Nascimento (2022)

Em um cenário global, o órgão de maior referência em relação ao tema Educação Financeira é a OCDE, que continuamente incentiva a criação e execução de programas e atividades que fomentem o ensino dos temas que englobam a educação financeira, até mesmo para os países que não fazem parte do seu conglomerado econômico. Através do Boletim Responsabilidade Social e Ambiental do Sistema Financeiro n.º 39, estruturado pelo Banco Central, conclui-se que:

Os programas de educação financeira devem ajudar os consumidores de produtos e serviços financeiros a encontrar soluções adequadas às suas necessidades e, ao mesmo tempo, a ampliar a compreensão sobre os riscos inerentes a esse mercado (OCDE, 2005). Esse conhecimento deve permitir que os clientes tenham visão integrada das suas decisões de crédito, poupança, investimento e consumo, o que deve ser compatível com a sua realidade financeira. Este é um tema atual cujos promotores são diversos agentes sociais, tais como: escolas, empresas, governo, instituições financeiras, organizações não governamentais e outros (HOLZMANN; MIRALLES, 2005).

Em relação aos agentes sociais de uma sociedade, Savoia, Saito e Petroni (2006, p.5 *apud* Vieira *et. al* 2011) agrupam alguns princípios e orientações definidos pela OCDE (2005) para a boa prática da Educação Financeira:

- O processo de Educação Financeira deve ser considerado pelos órgãos administrativos e legais de um país, como um instrumento para o crescimento e estabilidade econômica, sendo necessário que se busque complementar o papel que é exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor.
- O envolvimento das instituições financeiras no processo de Educação Financeira deve ser estimulado, de tal forma que a adotem como parte integrante de suas práticas de relacionamento com seus clientes, provendo informações financeiras que estimulem a compreensão de suas decisões, principalmente, nos compromissos de longo prazo e naqueles que comprometem expressivamente a renda atual e futura de seus consumidores.
- A Educação Financeira deve começar na escola. É recomendável que as pessoas se insiram no processo, quanto antes.
- As instituições financeiras devem ser incentivadas a certificar-se que os clientes leiam e compreendam todas as informações.
- Espera-se que cada vez mais as famílias assumam maior responsabilidade pessoal por seu próprio bem-estar financeiro. Isso implica que eles precisam de habilidades financeiras significativas, especialmente considerando que a tomada de decisões financeiras mal-informadas pode ter um impacto duradouro, tanto nos consumidores quanto na sociedade.

A partir de uma elucidação introdutória sobre a Educação Financeira e seus subtemas, é possível concluir que os assuntos que envolvem esta área, deveriam estar presentes em todos os ambientes da sociedade, desde uma simples conversa entre um grupo de amigos até uma disciplina obrigatória na grade curricular das instituições de ensino públicas e privadas. Junto a isso, também é necessário que exista uma melhor estruturação do tema, visando facilitar o entendimento e a organização da área. O presente trabalho propõe uma nova abordagem para o tema Educação Financeira, focando em 4 subtemas: Finanças Pessoais, Economia, Investimentos e Finanças Comportamentais.

Inicialmente, no espectro das Finanças Pessoais, em relação aos níveis de endividamento e inadimplência da população brasileira ou de um grupo específico, um estudo

de caso de Claudino *et al.* (2022), constatou que “o maior conhecimento de educação financeira influencia na condição de menores níveis de endividamento, porém esse conhecimento não exclui a possibilidade de contrair dívidas de risco”.

A carência de experiências e demais aprendizados sobre educação financeira faz com que o indivíduo possua uma menor percepção das possibilidades decisórias em uma situação que envolve primordialmente o dinheiro, nas suas mais diferentes formas e atividades atreladas. “Quanto menor a educação financeira do respondente, maior é a influência da compra impulsiva, da propensão ao endividamento e do materialismo em suas compras, sendo a relação entre educação financeira e a compra impulsiva a mais evidente neste grupo. A ausência de conhecimentos financeiros básicos ou a incapacidade de administrar as finanças pessoais pode levar o indivíduo à tendência impulsiva de comprar bens materiais incontrolavelmente.” (MARTINS *et al.*, 2021, p. 15).

Além de abordar essas duas problemáticas, a carência de educação financeira nas escolas e demais instituições e a relação do tema com o endividamento e a inadimplência, também foram observados estudos que possuem como objetivo medir o nível de conhecimento sobre educação financeira de grupos específicos, esses estudos possuem um foco maior no subtema finanças pessoais. Majoritariamente, as formas de análise e mensuração desse perfil de conhecimento foram obtidas através de questionários estruturados, contendo perguntas e reflexões sobre o tema. A partir da base de dados são feitas análises estatísticas descritivas em relação aos objetivos específicos e gerais de cada trabalho.

No trabalho Finanças pessoais: análise do nível de educação financeira de jovens estudantes do IFPB, de Silva *et. al* (2018), são abordadas algumas perguntas relevantes sobre um dos subtemas propostos neste trabalho, as Finanças Pessoais. Os principais questionamentos feitos para os entrevistados são “Você se considera uma pessoa consumista ou poupadora?”, “Você planeja, organiza e controla seus ganhos e gastos?”, “Antes de comprar algo você analisa a necessidade disto?”. É possível notar que a pesquisa busca analisar principalmente quais os hábitos financeiros dos indivíduos, além disso, trazer uma reflexão sobre o espectro financeiro na vida de cada um. A partir da coleta, estruturação e análise dos dados os pesquisadores concluem que “o perfil dos respondentes, com relação a conhecimentos sobre finanças e vivência de gestão financeira, é formado por jovens que não recebem mesada, não exercem atividade remunerada, possuem certo conhecimento financeiro, seja teórico ou baseado nas orientações dos responsáveis, que a maioria se encontra em uma faixa etária entre 17 e 18 anos e que apresenta vulnerabilidade ao consumo.” (SILVA *et. al*, 2018).

Esse parece ser um perfil interessante, porém, é importante ressaltar que a pesquisa informa que cerca de 88% dos entrevistados moram com os pais, trazendo para a discussão o fato de ainda serem dependentes financeiramente, nesse ponto ressalta-se novamente a necessidade de os pais incluírem os filhos nas dinâmicas financeiras da vida, principalmente quando se trata da organização financeira da família.

Mostrar a realidade financeira pessoal, da moradia e do país é um fator fundamental para que um jovem cresça entendendo como funcionam os ciclos financeiros e seus impactos, além disso, o jovem também se sente parte desse ciclo de controle e gestão, no futuro essa prática o ajudará a tomar melhores decisões. “Aprender a administrar as finanças pessoais é um desafio que muitos adultos não conseguem encarar com sucesso. Para que os adultos sejam indivíduos responsáveis financeiramente, é preciso uma base de conceitos e ferramentas, por isso, a importância da educação financeira enquanto ainda é jovem.” (COELHO 2014, apud Silva et. al, 2018).

Além dos problemas financeiros, o desconhecimento e a falta de prática para o controle e planejamento das finanças pessoais podem causar outros diversos tipos de problemas, “A ineficiente gestão das finanças pessoais, entre os jovens, pode desencadear muitos conflitos pessoais e sociais, como dificuldades de relacionamento entre as pessoas de uma sociedade. Mesmo essa sociedade sendo considerada consumista, por muitos, é preciso administrar as finanças pessoais a fim de evitar maiores prejuízos.” (SILVA et. al, 2018).

Em relação ao subtema de economia, é válido ressaltar a importância do estudo dos assuntos que envolvem essa área. A economia comumente é dividida em dois grandes ramos: a microeconomia, que é o estudo econômico dos indivíduos, de forma mais detalhada, e a macroeconomia, que é o estudo econômico dos agregados, de uma perspectiva mais ampla. A professora de história Juliana Bezerra, por meio do site *Diferença*⁴, traz uma definição para essas duas áreas que fundamentam as ciências econômicas, conforme elucidado no Quadro 3.

⁴ www.diferenca.com. Acesso em: 08/11/2022

Quadro 3 - Microeconomia e macroeconomia

	Microeconomia	Macroeconomia
Significado	O ramo da economia que estuda o comportamento de um consumidor individual, empresa ou família.	O ramo da economia que estuda o comportamento de toda a economia, nacional e internacional.
Lida com	Variáveis econômicas individuais.	Variáveis econômicas agregadas.
Aplicação	Aplicada em questões operacionais ou internas.	Aplicada em questões ambientais e externas.
Escopo	Abrange questões como produto individual, demanda, oferta, preços de produtos, preços de fatores, salários, etc.	Abrange questões como renda nacional, nível geral de preços, distribuição, produção nacional, etc.
Importância	Útil na determinação dos preços de um produto, juntamente com os preços dos fatores de produção (terra, mão-de-obra, capital, etc.) dentro da economia.	Mantém a estabilidade no nível geral de preços e resolve os principais problemas da economia como inflação, deflação, reflatão, desemprego e pobreza como um todo.
Preços	A microeconomia que determina o preço de uma determinada mercadoria, juntamente com os preços dos bens complementares e substitutos.	A macroeconomia é útil para manter o nível geral de preços.
Análise de economia	Feita de baixo para cima.	De cima para baixo.
Exemplo de questões abordadas	"Como o preço de uma determinada mercadoria afetará sua quantidade demandada?"	"Como o PIB poderia ser afetado pela taxa de desemprego?"

Fonte: Microeconomia e macroeconomia – www.diferenca.com

Os assuntos que compõem essas duas áreas afetam diretamente a vida de todos os indivíduos economicamente ativos de uma sociedade. “Worthington (2006) afirma que o conhecimento financeiro pode ser enquadrado em duas vertentes: pessoal e profissional. Do ponto de vista pessoal, é atrelado à compreensão da economia e de como as decisões das famílias são afetadas pelas circunstâncias econômicas. Inclui ainda tópicos da gestão de recursos, tais como: orçamento, poupança, investimento e seguro. No âmbito profissional, o conhecimento financeiro é vinculado à compreensão de relatórios financeiros, fluxos de caixa e mecanismos de governança corporativa das empresas.” (SAVOIA, SAITO e SANTANA, 2011, p. 6 *apud* Worthington 2006). A partir de um conhecimento sobre economia o indivíduo pode melhorar suas decisões de consumo e investimento. “Quem entende como os eventos e decisões econômicas do governo e das empresas podem impactar a economia como um todo, estará mais propenso a se antecipar em relação aos demais e se beneficiar a partir disso.

Provavelmente, em algum momento da nossa vida, seremos consumidores, empreendedores e investidores.” (Arthur Dantas Lemos⁵, 2019).

Um contato inicial com os conceitos e indicadores econômicos pode causar confusão, porém, se feita de forma contínua, essa interação permite que o indivíduo enxergue o mundo ao seu redor de uma forma diferente, mais analítica, podendo até mesmo começar a se questionar sobre os problemas fundamentais da economia “O que produzir e quanto produzir?”, “Como produzir”, “Para quem produzir?”. Segundo Donário e Borges (2013), mesmo que exista uma vasta disponibilidade de recursos, não será possível atingir níveis de produção que satisfaçam as vontades dos indivíduos que compõem uma sociedade.

Os autores elucidam que “Qualquer sociedade enfrenta um conjunto de problemas, independentemente da sua forma de governo, do seu nível de riqueza, ou do seu sistema econômico – mecanismo institucional através do qual os recursos são afetados e utilizados para a satisfação das necessidades humanas.” (DONÁRIO e BORGES, 2013). Como já elucidado, deter um conhecimento sobre economia faz com que o indivíduo possa ser menos afetado por problemas advindos dos diferentes cenários econômicos do país, por exemplo, altas inflacionárias, desvalorização da moeda local, externalidades negativas, dentre outras adversidades.

Economia é a ciência que estuda como as pessoas e as sociedades tomam decisões que lhes permitam obter o máximo de proveito dos escassos recursos de que dispõem. E porque cada país, cada empresa e cada pessoa tem que lidar com restrições e limitações, a economia está, literalmente, em todo lugar. Por exemplo, você poderia estar fazendo alguma outra coisa agora ao invés de ler este livro: se exercitando, assistindo a um filme ou conversando com um amigo. A única razão para você estar lendo este livro é que ele é a melhor opção para o seu tempo extremamente limitado. Da mesma maneira, você espera que o papel e a tinta gastos na composição deste livro tenham sido usados da melhor maneira possível e que cada centavo de imposto que seu governo gasta esteja sendo usado da melhor forma e não desperdiçado em projetos de menor importância. A Economia chega ao cerne destas questões, analisando o comportamento individual e empresarial, assim como instituições sociais e políticas, para entender o quão bem eles desempenham a tarefa de converter os limitados recursos da humanidade em bens e serviços que melhor satisfaçam as necessidades e desejos humanos.

Economia para Leigos, Sean Masaki Flynn - pág. 9

Adentrando no ambiente da racionalidade financeira, finanças comportamentais é um tema que vem ganhando cada vez mais notoriedade, só no século XXI foram conquistados dois prêmios Nobel que abordavam diretamente este tema. O primeiro deles foi em 2002, Daniel Kahneman e Vernon Smith desenvolveram a Teoria do Prospecto, também conhecida como Teoria da Perspectiva, esse estudo diz que as possibilidades de perdas influenciam mais do que

⁵ empreenderdinheiro.com.br. Acesso em: 10/09/2022

as chances de ganhos nas decisões, o objetivo era analisar como os indivíduos ponderam suas decisões frente aos diferentes cenários de risco apresentados no estudo.

O segundo Nobel foi para Richard H. Thaler, em 2017, o Conselho Federal de Economia (COFECON) em seu *site*⁶, pontua que “Thaler incorporou pressupostos psicologicamente realistas às análises de tomada de decisão econômica, explicando como esta é afetada pela racionalidade limitada, preferências sociais e falta de autocontrole. Desenvolveu a teoria da contabilidade mental, explicando como as pessoas simplificam a tomada de decisões financeiras por meio de contas separadas em suas mentes e verificando o impacto individual em vez do efeito geral. Demonstrou também que a aversão às perdas faz com que as pessoas valorizem mais um item quando o possuem do que quando não o possuem”.

O repertório de estudos sobre as Finanças Comportamentais mostra que muitas vezes as pessoas tomam decisões de forma irracional, sem sequer perceber, obviamente que todos os indivíduos estão propícios a esse tipo de situação, porém, através de um conhecimento estruturado sobre o tema, é possível ser menos impactado pelos diversos vieses existentes, “através de um exame individual para todos respondentes da amostra, realizado por meio da análise de correspondência, detectou-se que a presença dos vieses comportamentais é verificada em maior quantidade no grupo de baixo nível de educação financeira.” (KICH, 2013).

O principal objetivo na área de Finanças Comportamentais ou também conhecida como Economia Comportamental, é entender o que são, quais são e como lidar com os vieses, essa anomalia cognitiva pode ser entendida como uma tendência que um indivíduo ou grupo de indivíduos possuem em seus pensamentos e atitudes, ou seja, uma propensão irracional a atribuir julgamentos mais positivos ou negativos a alguma situação, agente ou fato.

O portal Guia Invest (www.site.guiainvest.com.br) traz a informação de que atualmente existem mais de 180 vieses que afetam a forma como a sociedade pensa, age e enxerga o mundo. RIBEIRO et al. (2019) identifica que fatores comportamentais como o trabalho, o gênero, renda e as práticas religiosas afetam a propensão ao endividamento. Além dos fatores citados, Silva e Vasconcelos (2021), afirmam que “O estudo identificou que dentre os principais fatores comportamentais influenciadores do endividamento estão o elevado grau de estresse e ansiedade. Ademais, constatou-se que a dificuldade de fazer planejamento é o principal empecilho para uma boa gestão da renda da amostra analisada.”, a partir das bases de estudo acima é possível concluir que há uma relação entre o fator comportamental e a decisão dos indivíduos, além disso, os estudos também mostram a possível existência de um efeito em

⁶ www.cofecon.org.br

cadeia, no qual o indivíduo que não possui um conhecimento sobre educação financeira, principalmente sobre finanças comportamentais, está mais suscetível a ser impactado por fatores comportamentais, conseqüentemente, esse impacto cognitivo pode levar o indivíduo ao endividamento e posteriormente à inadimplência.

Após experiências e estudos sobre as diversas áreas que circundam a Educação Financeira, é possível notar que há uma relação muito próxima entre os subtemas de Investimentos e Finanças Comportamentais, tendo em vista que a maioria dos vieses comportamentais podem ser observados por meio de uma análise da perspectiva do indivíduo que além de consumidor, também é investidor.

Halfel e Torres (2001), afirmam que “O homem das Finanças Comportamentais não é totalmente racional; é um homem simplesmente normal. Essa normalidade implica um homem que age, frequentemente, de maneira irracional, que tem suas decisões influenciadas por emoções e por erros cognitivos, fazendo com que ele entenda um mesmo problema de formas diferentes, dependendo da maneira como é analisado. As decisões tomadas de acordo com a formulação de um problema, em alguns casos, seguem um padrão identificável que pode e deve ser contemplado por um modelo econômico e financeiro”.

Essa interação entre os dois subtemas também pode ser observada através dos mecanismos disponíveis no mercado financeiro para avaliar as melhores alocações para os diferentes tipos de investidores. Do ponto de vista dos profissionais que atuam no mercado financeiro, Fonseca (2021) afirma que ao compreender o comportamento do investidor, a assessoria feita por profissionais da área torna-se mais fácil de ser estruturada.

O autor ainda afirma que “as finanças comportamentais ganharam notoriedade ao se analisar não somente o comportamento racional dos investidores, mas também utilizando esse prévio conhecimento formado em cada um desses através da psicologia para direcionar o foco desse perfil para o produto adequado.”, um ponto importante de se ressaltar é que atualmente, o investidor que não possui condições financeiras ou interesse em ter um profissional do mercado ajudando na tomada de decisão pode aprender sobre finanças comportamentais através de diversos materiais disponíveis atualmente, vale destacar os livros de autores da área, como Rápido e Devagar de Daniel Kahneman, Nudge: Como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade de Richard H. Thaler e Cass Sunstein, A psicologia financeira: lições atemporais sobre fortuna, ganância e felicidade de Morgan Housel, dentre outras obras que focam nessa área:

O estudo daquilo que nos faz funcionar é extremamente fascinante. Para mim, é de especial interesse entender como a psicologia tem um papel tão preponderante no ato de investir, já que em geral se supõe que o mundo dos investimentos seja dominado por números frios e informações sem alma. Quando se trata de decisões de investimento, nosso comportamento às vezes é errático, muitas vezes contraditório e, de vez em quando, tolo. O que é especialmente alarmante e todos os investidores precisam perceber é que muitas vezes eles não estão cientes de terem tomado más decisões. A fim de compreender plenamente o mercado e investir, sabemos agora que temos de entender nossa própria irracionalidade. O estudo da psicologia em relação aos erros de julgamento é de fato tão valioso para o investidor como a análise de um balanço patrimonial e de um demonstrativo de resultado.

O jeito Warren Buffett de Investir - Robert G. Hagstrom

O subtema de investimentos possui um papel fundamental para a Educação Financeira, porém, estudar e praticar os conceitos presentes nessa área pode ser uma tarefa um tanto quanto complicada, pelo menos de início, esse fato acontece principalmente porque no contexto brasileiro, ainda não existe uma cultura que guie o indivíduo ao hábito de poupar e investir, além disso, a visão sobre o que de fato é considerado um investimento é muito limitada, a ideia que se tem é a mais básica, de que investir é aplicar o capital com a expectativa de se obter um benefício futuro, porém, o hábito de investir vai muito além de atingir um aumento patrimonial ou de se fazer presente apenas no âmbito financeiro, a partir do momento em que o indivíduo adquire a percepção de que investimento está presente em vários pontos da vida, este conseguirá aplicar melhor a ideia de que ações positivas hoje, geram benefícios futuros. Por exemplo, a importância de investir em conhecimento, essa é uma das principais formas de melhorar o aspecto financeiro de um indivíduo, a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica Medicina Laboratorial em seu material “Por que investir em Conhecimento?” elucidada que “Conhecimento pode trazer retornos exponenciais, nenhum outro recurso ou investimento pode trazer retornos exponenciais de maneira tão óbvia (exceção feita a atividades ilícitas). O caráter exponencial advém de algumas características importantes do recurso conhecimento. Conhecimento reutilizado em novos contextos pode trazer ganhos enormes com investimento mínimo de tempo ou de novos conhecimentos.”, ou seja, a ideia é ampliar o conceito de investimento para as mais diversas áreas da vida.

Adentrando na concepção mais comum sobre a área de investimentos, a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) através do Portal do Investidor, traz argumentos fundamentais sobre a importância de investir o dinheiro de forma correta e constante, “além de garantir tranquilidade financeira, poupar possibilita a realização de sonhos. Com hábitos de poupança e investindo adequadamente, uma pessoa pode aumentar seu patrimônio pessoal e familiar, aumentando as chances de alcançar seus objetivos.”, ou seja, um indivíduo que investe

parte da sua renda em bons ativos e em si mesmo está construindo um futuro mais sólido do ponto de vista financeiro, social, profissional e acadêmico.

Além de ter uma percepção limitada sobre investimentos, muitas pessoas também não sabem diferenciar os conceitos de poupar e investir, “Investir é empregar o dinheiro poupado em aplicações que rendam juros ou outra forma de remuneração/correção. O investimento é tão importante quanto a poupança, pois, todo o esforço de cortar gastos pode ser desperdiçado quando mal investido”, segundo o Portal do Investidor⁷, site do Governo Federal.

Em relação aos estudos de caso que envolvem o âmbito de investimentos, Nogueira e Alves (2016) afirmam que “O investimento é a ferramenta que nos possibilita atingir expectativas, metas e sonhos em um curto espaço de tempo, ou seja, é deixar de consumir no presente para obter no futuro. Porém o incentivo para o consumo é maior do que para o investimento, pois percebemos que essa cultura do imediatismo, “não deixe para amanhã, o que você pode fazer hoje” e outros adágios populares, tem sido uma realidade na cultura brasileira durante séculos”.

A charge da Figura 43 elucida a dualidade que os agentes econômicos enfrentam todos os dias, de um lado a opção de curto prazo, que gera uma sensação de recompensa e satisfação pessoal imediata, do outro lado a opção de médio e longo prazo, mais difícil de ser escolhida, tendo em vista que abdicar de consumir no presente para investir ainda é um paradigma para muitas pessoas. Um ponto motivante é que a partir dos conhecimentos e experiências obtidos através da educação financeira, é possível chegar a uma decisão mais equilibrada e consciente em relação ao *tradeoff* de consumir agora ou investir para o futuro.

Figura 25 - Charge do *tradeoff* entre economizar e gastar



Fonte: www.juniao.com.br/consumo-consumo-consumo/

⁷ <https://www.gov.br/investidor/pt-br>. Acesso em 19/09/2022

Caso a melhor decisão naquele momento seja de poupar para investir, o indivíduo irá se deparar com dois possíveis caminhos para aportar aquele valor, este deverá escolher entre se irá aportar seu capital na renda fixa e/ou renda variável, se feita da forma correta, esta alocação será feita levando em consideração fatores como o perfil de investidor, objetivo(s) do investimento, nível de conhecimento em relação aos produtos e demais tópicos que envolvem risco, retorno, liquidez, diversificação, etc.

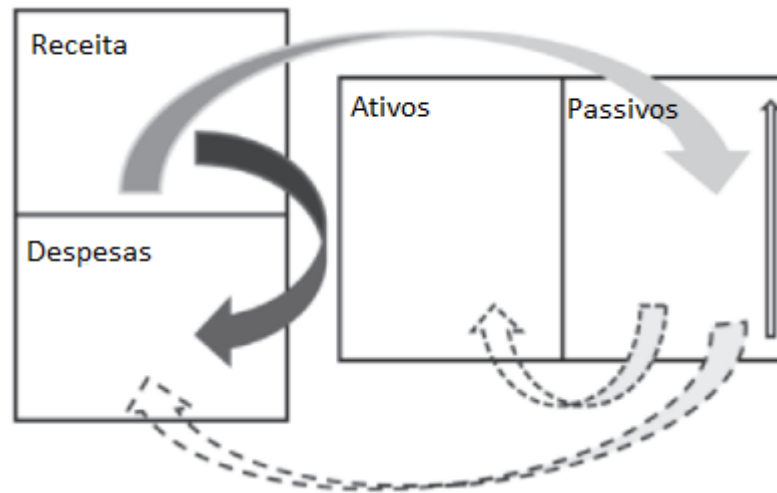
No que tange o ambiente de renda variável, “destacam-se ainda outras vantagens dos investimentos realizados no mercado de renda variável: i) a geração de rentabilidade em longo prazo; ii) o recebimento de dividendos periódicos; iii) a quantia necessária para o início de investimento acessível em relação aos parâmetros brasileiros; iv) a compra ou venda dos ativos, que podem ser realizadas de acordo com o desejo do investidor; v) a realização e o gerenciamento dos investimentos por meio da internet, fazendo uso de programas conhecidos como homebroker; e, vi) a eficiência tributária, ou seja, o imposto de renda reduzido em casos específicos”, em relação ao ambiente de renda fixa, também são elucidados os seguintes pontos “No mercado de renda fixa, as principais vantagens são: i) o baixo risco do investimento realizado, devido ao comprometimento do Governo Federal; ii) a previsibilidade, permitindo que o investidor possa calcular o retorno do recurso aplicado; iii) a alta liquidez — os investimentos realizados podem ser resgatados antes do prazo de vencimento ou de acordo com a vontade do indivíduo; e, iv) a realização de investimentos com pequenas quantias de dinheiro, sem que haja a necessidade do pagamento de taxas para efetivar a operação.” (Torres e Barros, 2014 *apud* BOLSA DE VALORES, MERCADORIAS E FUTUROS DE SÃO PAULO, 2013).

Torres e Barros (2014) também afirma que de uma perspectiva corporativa, os investimentos são uma forma de financiar as instituições que compõem o ciclo econômico, por exemplo, os TPF (Títulos Públicos Federais) são produtos ofertados para o governo captar recursos, as Debêntures e Ações são produtos ofertados para que as empresas possam obter um capital mais barato do que os empréstimos bancários, além disso, títulos como a LCI (Letra de Crédito Imobiliário) e a LCA (Letra de Crédito do Agronegócio) são utilizados para financiar investimentos e demais projetos do setor imobiliário e do agronegócio, esses dois títulos também possuem isenção de imposto de renda, fato que pode beneficiar a rentabilidade do pequeno investidor.

O autor do livro *Conquiste sua liberdade financeira*, Leandro Rassier, traz uma comparação dos impactos financeiros de se investir em “ativos bons” e “ativos ruins”. É importante ressaltar que o autor caracteriza um ativo ruim como sendo aquele que gera despesas

e possui um crescimento lento, ou seja, ao adquiri-lo o indivíduo está comprometendo seu fluxo de caixa futuro, conseqüentemente está diminuindo ou anulando seus lucros.

Figura 26 - Aumento de patrimônio de forma mais lenta



Fonte: Conquiste sua liberdade financeira, Leandro Rassier (2010)

Resumidamente, para este caso, o autor aborda o exemplo de se comprar um carro financiado, onde são observados os seguintes pontos:

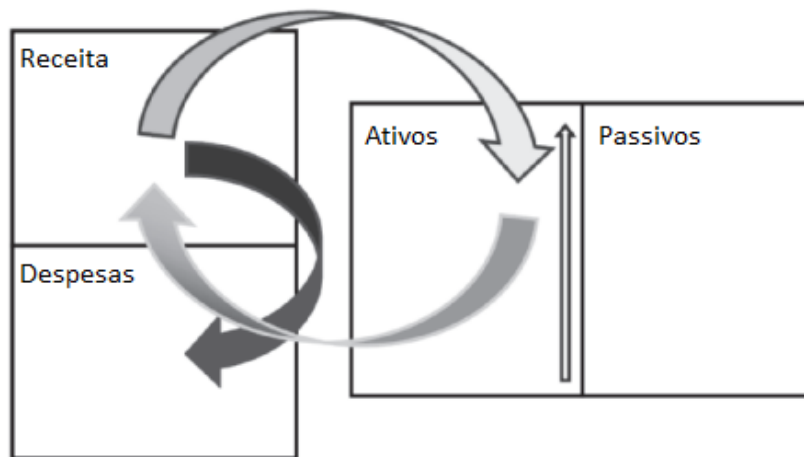
Ao comprar o veículo, há um aumento no ativo, junto a isso também ocorre um aumento do passivo, por conta da dívida adquirida. Para se manter o automóvel, existirão despesas (combustível, imposto, estacionamento, manutenção, etc.) resultando em uma diminuição do fluxo de caixa do indivíduo. Após sair da loja o veículo sofre uma desvalorização em seu preço e ao longo do tempo o valor da parcela, que possui juros, será maior que o valor de mercado do carro, logo, esse aumento do passivo e redução do ativo, irá gerar uma redução do patrimônio líquido.

No decorrer dos meses/anos, as prestações do veículo vão sendo quitadas, fazendo com que o passivo diminua e a diferença entre ativo e passivo vai aumentando gradativamente, causando aumento do patrimônio líquido. Esse é um caso em que o indivíduo obteve um aumento patrimonial lento e até mesmo incerto, porque existem variáveis que não foram consideradas nessa análise, como por exemplo, o indivíduo não conseguir arcar com a parcela do financiamento ou o contrato ter sido feito com base em uma taxa de juros que oscila de acordo com a conjuntura econômica do país, dentre outras possibilidades. O ponto é mostrar que ao adquirir um ativo ruim, o indivíduo por vezes tem a falsa percepção de que está fazendo

um investimento que irá gerar retornos financeiros e operacionais, do ponto de vista de comodidade e satisfação pessoal.

Em relação ao que o autor considera um ativo bom, seria aquele em que gera renda e possui um crescimento mais rápido, ou seja, ao adquiri-lo o indivíduo está melhorando seu fluxo de caixa futuro e aumentando suas fontes de receita, conseqüentemente está aumentando seus lucros.

Figura 27 - Aumento de patrimônio de forma mais rápida



Fonte: Conquiste sua liberdade financeira, Leandro Rassier (2010)

Resumidamente, para este caso, o autor traz o exemplo de se comprar um imóvel para alugar, onde são observados os seguintes pontos:

Ao comprar o imóvel à vista, o ativo se mantém sem alterações, o autor pontua que nessa transação ocorre apenas uma mudança de ativo de curto prazo (capital) para ativo permanente (imóvel). A parte do passivo se manteve inalterada, tendo em vista que não foi adquirida nenhuma dívida por parte do indivíduo. O ponto de mudança positiva está no fluxo de caixa, porque a partir dos aluguéis recebidos torna-se possível investir em outros ativos e conseqüentemente obter um aumento patrimonial, é basicamente um ciclo de investimento.

O autor também pontua que uma aplicação financeira também iria gerar um aumento de geração de renda. Esse é o caso em que o indivíduo utiliza seu capital para criação de um fluxo de caixa positivo e constante, é interessante ressaltar que neste exemplo o autor não levou em consideração o conceito de liquidez, que é basicamente a velocidade e facilidade com a qual um ativo pode ser convertido em caixa.

Caso tivesse levado em consideração esta variável, seria mais interessante investir em produtos financeiros não tangíveis e que também iriam gerar receitas recorrentes, feitas algumas ponderações, é válido ressaltar que o livro citado teve sua primeira publicação no ano de 2010,

período em que o mercado financeiro possuía diferentes dinâmicas e produtos, dito isso, a utilização dos exemplos tem como principal objetivo trazer um embasamento fundamentado e confiável em relação às interações e possibilidades existentes no mundo dos investimentos.

O ponto principal é mostrar que cada âmbito abordado neste trabalho possui uma relevância significativa para o estudo e a compreensão da Educação Financeira. A junção de pensamentos, testes, metodologias, objetivos e conclusões de diversos autores mostra o quanto necessário é para uma sociedade ter os subtemas Finanças Pessoais, Economia, Investimentos e Finanças Comportamentais disseminados e acessíveis para todos os agentes ativos financeiramente, independente da classe e posição econômica.

5 METODOLOGIA

O Conforme elucidado por UFC (2017), o tópico de metodologia apresenta os métodos, as técnicas, os materiais, a definição da amostra ou universo, os procedimentos de coleta de dados e a forma de análise desses indicadores.

5.1 Tipo de pesquisa

O presente trabalho se utilizará de uma pesquisa exploratória, sendo caracterizada por GIL (2008) como um método que busca “proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo). Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado”. Marconi e Lakatos (2017) afirmam que a pesquisa exploratória pode ser tratada como sendo uma pesquisa empírica, tendo como objetivo a estruturação de questionamentos, adversidades e soluções, sendo três os principais fins: descrever hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno para a realização de trabalhos futuros e por fim, alterar e esclarecer conceitos, conforme elucidado no tópico de objetivos específicos deste trabalho, sendo um deles “estabelecer pilares definidos para a Educação Financeira, visando facilitar o entendimento e fomentar a disseminação do tema”. Para atingir o objetivo principal da pesquisa, foi utilizado o procedimento técnico classificado por GIL (2008) como levantamento de campo, o autor define este mecanismo como “a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. Procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obtiveram-se as conclusões correspondentes aos dados coletados. Quanto o levantamento recolhe informações de todos os integrantes do universo pesquisado, tem-se um senso”. Para a formação do senso elucidado, a coleta será feita através de uma observação direta extensiva, uma técnica de pesquisa realizada através do questionário, formulário, medidas de opinião e técnicas mercadológicas.

5.2 Universo e Amostra

O questionário foi aplicado para os discentes da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC) do Campus Benfica, não havendo limitações de semestre, há apenas o precedente de que os entrevistados precisam estar matriculados em algum dos cursos vigentes na instituição citada anteriormente, sendo estes: Finanças, Ciências

Econômicas, Ciências Atuariais, Secretariado Executivo, Administração ou Ciências Contábeis. A escolha de alunos matriculados na FEAAC, se deu pelo fato de que durante a trajetória acadêmica, praticamente todos os conceitos abordados no questionário são vistos dentro e fora das salas de aula, mesmo que de forma rápida ou indireta. Além disso, é racional estipular que os estudantes dos cursos que envolvem o âmbito financeiro, podem possuir uma maior proximidade e experiência com os temas que circundam essa área, sendo este também um objetivo específico do trabalho, analisar se o conteúdo adquirido durante a formação e frequência acadêmica, causam algum impacto no perfil financeiro dos indivíduos. A amostra possui 128 observações de uma população total de 2.689 discentes regularmente matriculados nos cursos citados acima, é válido ressaltar que 3 observações foram retiradas da amostra por conta de preenchimento duplicado e incorreto. A Tabela 8 elucida que a amostra atingiu um percentual de 4,64% do total da população, sendo este um percentual esperado antes de iniciar a coleta dos dados, estipulou-se que esse percentual estivesse em 3% e 5%. A amostra obtida tem margem de erro de 8,5% para um grau de confiança de 95%.

Tabela 8 - População e amostra por curso

Curso	População	Amostra	% na Amostra	% da População
Administração	763	13	10,16%	1,70%
Ciências Atuariais	154	13	10,16%	8,44%
Ciências Contábeis	860	34	26,56%	3,95%
Ciências Econômicas	566	26	20,31%	4,59%
Finanças	159	34	26,56%	21,38%
Secretariado Executivo	187	8	6,25%	4,28%
Respostas Excluídas	-	- 3	-	-
Total	2689	125	100,00%	4,64%

Fonte: SIGAA e dados da pesquisa, 2022.

5.3 Coleta de Dados

Em relação à coleta de dados, o instrumento de coleta foi um questionário que contém 32 questões, o Quadro 4 elucida a divisão das questões por subtemas e o propósito de cada um destes.

Quadro 4 - Subtemas, número de perguntas e objetivos

Parte/Subtema	Nº de perguntas	Objetivo
Perfil do Entrevistado	7	Colher informações pessoais e identitárias do entrevistado, o foco principal é definir e agrupar a amostra que está sendo coletada através do semestre que está cursando, faixa de renda, curso, formação pública ou particular, dentre outros pontos.
Educação Financeira em geral	7	Analisar qual a opinião do entrevistado sobre o assunto e quais as experiências e ambientes nos quais este indivíduo teve contato com a Educação Financeira, formalmente ou informalmente.
Finanças Pessoais	4	Analisar como o entrevistado lida com a parte de organização, gestão e planejamento financeiro. O foco é analisar como a renda e os gastos são realizados e como o indivíduo e seu ciclo social lidam com o dinheiro, de forma geral.
Economia	5	Analisar e colher informações sobre o conhecimento dos entrevistados em relação aos temas que circundam a macroeconomia e microeconomia, além disso, analisar a visão que estes possuem em relação ao valor do dinheiro no tempo, o cenário evolutivo da moeda, indicadores e taxas que norteiam a economia.
Investimentos	6	Analisar como os entrevistados se posicionam frente aos diferentes produtos financeiros, quais as características predominantes na hora de se analisar e efetivamente realizar um investimento. Mensurar quantos indivíduos já investem e em quais ativos. Além disso, entender qual a visão do entrevistado sobre o empreendedorismo.
Finanças Comportamentais	3	Analisar se os entrevistados possuem um conhecimento sobre o que são os vieses comportamentais e se acham que já foram afetados por algum viés. Essa parte do questionário também busca entender qual o perfil de investidor do entrevistado, caso já invista ou se fosse começar a investir.
Total de perguntas	32	Fonte: dados da pesquisa, 2022.

É importante ressaltar que a estruturação das perguntas contidas no questionário possui como principal fonte a elaboração própria do autor, tendo como base a trajetória de estudo e prática dos temas abordados. Ademais, outras fontes também foram utilizadas, dentre elas o Índice de Saúde Financeira do Brasileiro⁸, Cadernos de Produções Didático-Pedagógicas de 2013⁹, Análise do conhecimento financeiro dos alunos de ensino médio (SANTOS, 2011)¹⁰ e dos livros para ensino fundamental e médio da Estratégia Nacional de Educação Financeira¹¹. Optou-se por organizar as perguntas contidas no questionário de acordo com a sugestão de nova abordagem para a educação financeira proposta no presente trabalho, conforme elucidado no Quadro 4.

A divulgação do questionário foi feita através das redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*), *QR Code* distribuído no ambiente de pesquisa através de *folders* e pelo e-mail dos discentes através das respectivas coordenações de cada curso, os entrevistados responderam via *Google Forms*, uma ferramenta que “pode ser utilizada para facilitar o processo de pesquisa dos acadêmicos, bem como servir de ferramenta para avaliação e buscar feedback junto aos alunos acerca da realização das atividades em sala de aula” MOTA (2019). A amostra utilizada no trabalho é formada por 125 discentes dos cursos de Finanças, Ciências Econômicas, Ciências Atuariais, Secretariado Executivo, Administração ou Ciências Contábeis, sendo aplicada no período de setembro de 2022 até outubro de 2022. Assim como proposto por Creswell (2010 *apud* Silva et al. 2018) o motivo da escolha dos métodos citados anteriormente “se deve ao fato de o levantamento apresentar uma descrição das tendências de uma população a partir de uma amostra, com o objetivo de se fazer inferências sobre características, atitudes ou comportamentos dessa população”.

5.4 Tratamento dos dados

Como elucidado na citação de levantamento de campo, para a exploração dos dados será utilizada uma análise quantitativa, com foco principal na estruturação de gráficos e tabelas que permitam a estruturação de hipóteses e conclusões sobre o perfil de conhecimento financeiro e as características dos entrevistados em relação aos quatro subtemas propostos no presente

⁸ <https://indice.febraban.org.br/>. Acesso em: 15/08/2022

⁹ <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 17/08/2022

¹⁰ <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39212/000824860.pdf?sequence=1>. Acesso em 21/09/2022

¹¹ www.vidaedinheiro.gov.br/. Acesso em 17/08/2022

trabalho. Para atingir tal objetivo, foram utilizados os softwares *Excel*, *R Studio* e *R Markdown* que permitiram analisar e entender o perfil de conhecimento de educação financeira dos discentes da FEAAC, o ponto inicial foi analisar as respostas de forma isolada e posteriormente analisar as respostas de forma conjunta, por exemplo, se faz sentido que um entrevistado que se considera com um alto nível de conhecimento em educação financeira, sabe o que são vieses, se sentem seguros para investir seu dinheiro, entendem os conceitos econômicos, dentre outros pontos. Além disso, há uma disponibilização e tratamento dos dados através do *R Markdown*, de forma mais específica, um arquivo no formato *HTML* com os dados em tabelas e gráficos, permitindo assim uma melhor visualização, manipulação e checagem das informações pelos interessados no trabalho. Vale ressaltar que todo o aparato gráfico estruturado nos tópicos de análise dos dados foi feito através da linguagem de programação *R Markdown* e do pacote *plotly* (www.plotly.com).

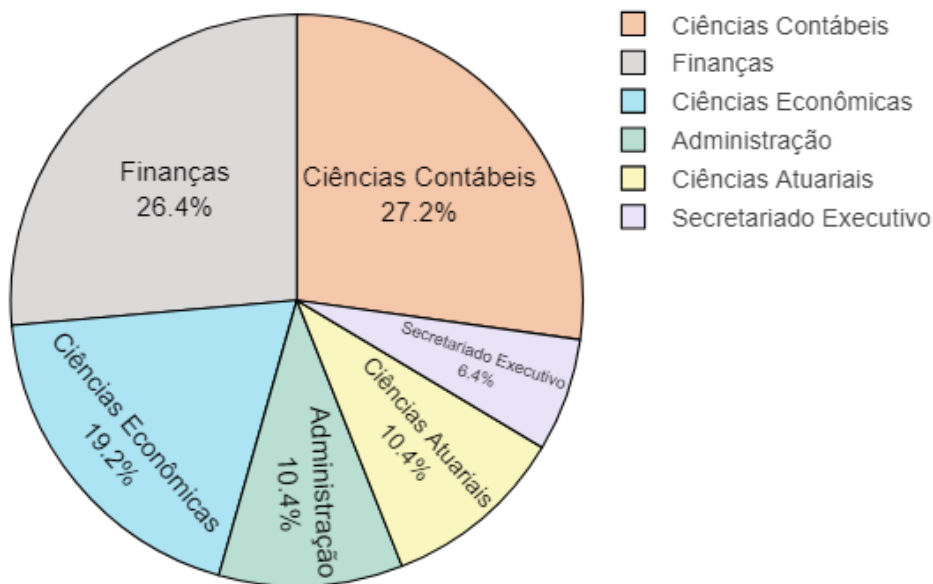
6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Perfil dos entrevistados

O objetivo deste tópico da pesquisa é coletar dados qualitativos e quantitativos que forneçam informações individuais e categóricas sobre o entrevistado, por exemplo, o curso, semestre atual, idade, faixa de renda, dentre outros pontos.

Em relação ao curso, nota-se uma predominância de discentes dos cursos de Finanças (26.4%), Ciência Contábeis (27.2%) e Ciência Econômicas (19.2%), o Gráfico 8 elucida os percentuais totais.

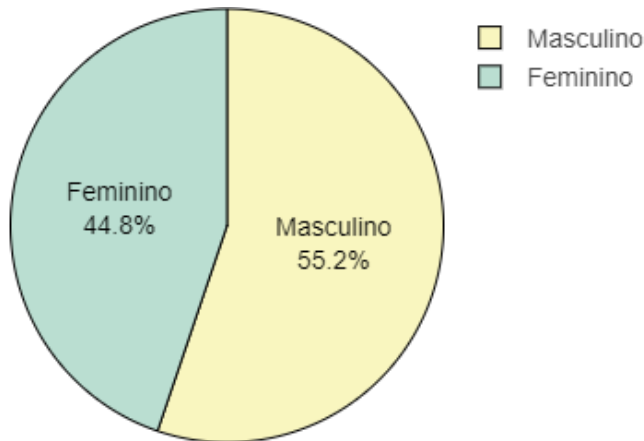
Gráfico 8 - Curso dos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Em relação ao total de entrevistados, houve uma maior parcela de entrevistados do sexo masculino (55.2% ou 69), porém, a diferença percentual em relação à variável feminina (44.8% ou 56) foi de 10.4%, ou seja, 13 discentes, Gráfico 9.

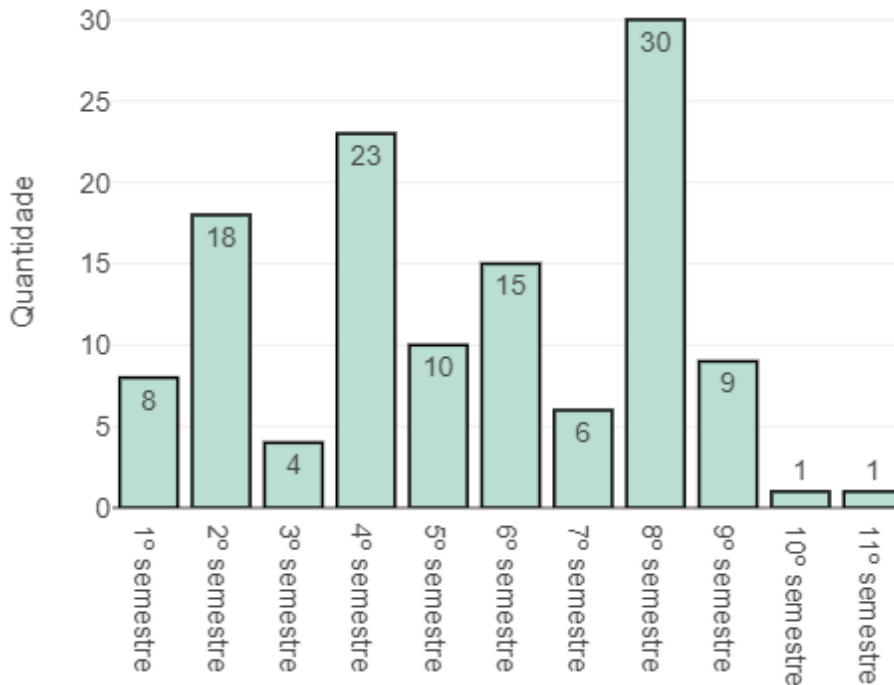
Gráfico 9 - Sexo dos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Em relação ao semestre, nota-se que mais de 50% dos entrevistados estão cursando o 8º semestre (24%), 4º semestre (18.4%) ou 2º semestre (14.4%), diferente do que se constata para o 10º e 11º semestre, ambos possuem 1 observação. Para os demais semestres, nota-se uma maior simetria distributiva.

Gráfico 10 - Semestre (bar)



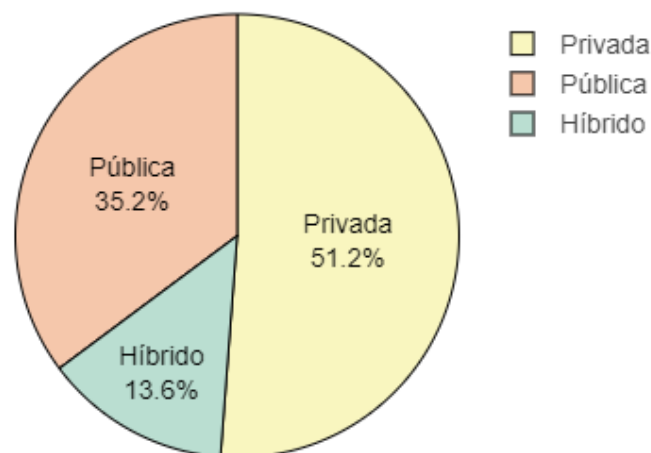
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

No que se refere aos tipos de instituição de estudo durante o período colegial de ensino, é possível observar uma mudança considerável entre os dois períodos. Para o ensino fundamental, nota-se uma predominância de mais de 50% para alunos que estudavam em uma

entidade privada, 35.2% em uma entidade pública e 13,6% de forma híbrida, ou seja, parte na pública e outra parta na privada.

Para o ensino médio, nota-se que muitos alunos migraram para o ensino público, de forma mais exata, 60% da amostra afirma ter finalizado o ensino médio em uma instituição pública, percentual este que difere do que se foi analisado para o ensino fundamental. Além disso, apenas um estudante estudou de forma híbrida e 39.2% afirmam ter estudo em uma instituição particular, os dados estão estruturados no Gráfico 11 e 12. Não se pode afirmar o que causou essa mudança entre tipos de instituição, vários fatores podem ter influenciado para a ocorrência de tal situação, dentre eles o fato que as mensalidades escolares do ensino médio possuem um valor mais alto, principalmente para o 3º ano, fase em que o aluno se prepara para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e demais vestibulares, custos com deslocamento, alimentação e materiais extras podem fazer com que haja um incentivo de realocação de alunos para as instituições de ensino públicas.

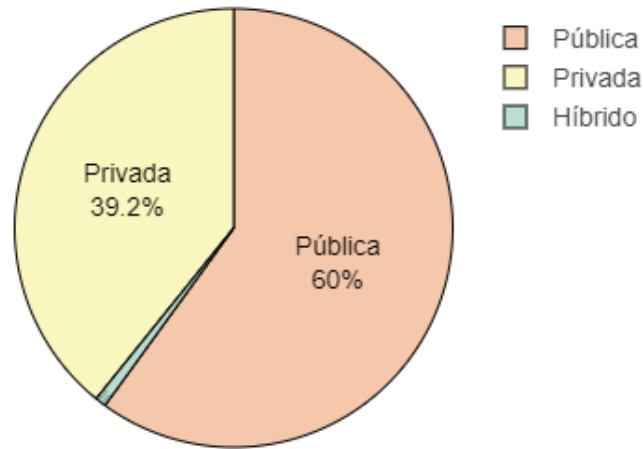
Gráfico 11 - Instituição de estudo (ensino fundamental)



*Híbrido (Parte pública e parte privada)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

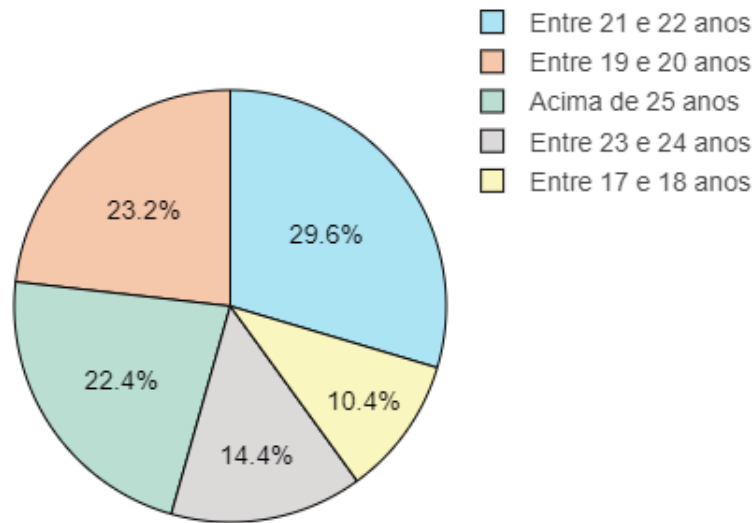
Gráfico 12 - Instituição de estudo (ensino médio)



*Híbrido (Parte pública e parte privada)

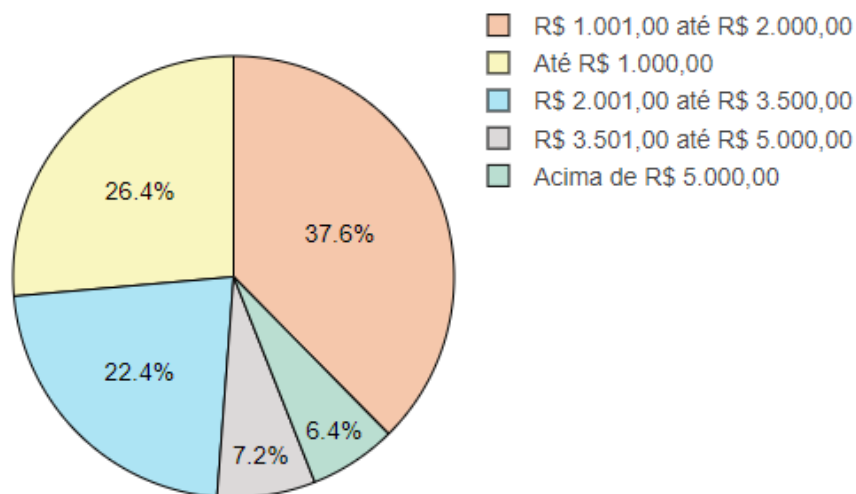
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Conforme é possível observar no Gráfico 13, que contém as faixas de idade dos entrevistados, é possível notar uma maior conformidade, sendo que os indivíduos que possuem entre 21 e 22 anos totalizam 29.6% da amostra, os que possuem entre 19 e 20 anos 23.2% e os indivíduos com mais de 25 anos totalizaram 22.4%, os intervalos menos presentes foram entre 23 e 24 anos e 17 e 18 anos, tendo 14.4% e 10.4% de representatividade na amostra, respectivamente. Por se tratar de um ambiente acadêmico, onde uma maior parcela de alunos advém do ensino médio ou terminaram essa etapa da vida há pouco tempo, era de se esperar que a faixa etária estivesse entre 19 e 22 anos, de acordo com a escala dos 2 primeiros itens, que inclusive correspondem a mais de 50% do total da amostra. Outro ponto relevante é que após observar que uma boa parcela dos respondentes está no 8º semestre, ou seja, próximo ao final da graduação, faz sentido que uma parcela relevante dos respondentes esteja na faixa etária entre 21 e 22 anos, dado que muitos alunos entram na faculdade logo após terminarem o ensino médio, com 17/18 anos.

Gráfico 13 - Faixa etária (*pie*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Para a faixa mensal de renda dos entrevistados, 37.6% responderam que ganham entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00, 26.4% ganham até R\$ 1.000,00, 22,4% ganham entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.500,00, 7,2% ganham entre R\$ 3.501,00 e R\$ 5.000,00 e por fim, sendo a menor parte da amostra, 6,4% dos entrevistados ganham acima R\$ 5.000,00. É importante ressaltar que estas são faixas mensais de renda, conforme elucidado no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Faixa de renda mensal (*pie*)

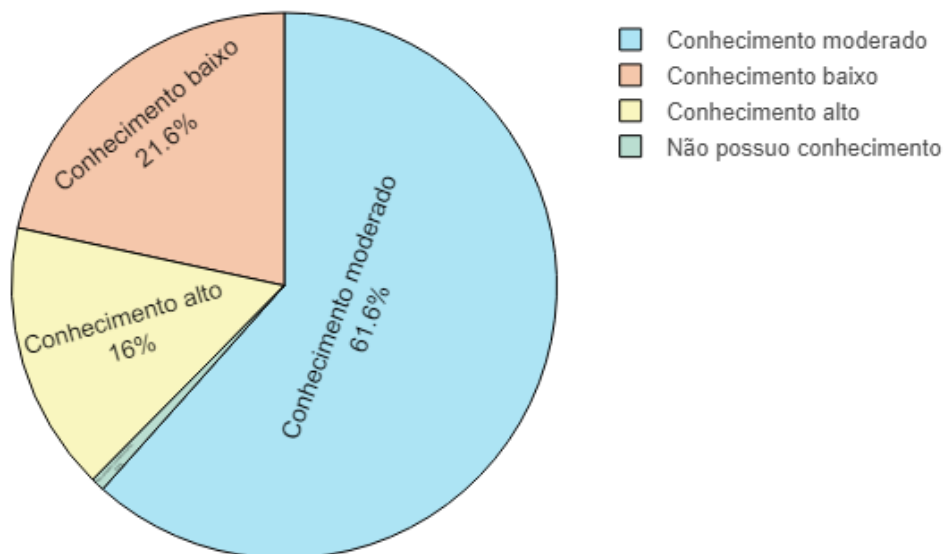
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.2 Abordagem e ambientação sobre Educação Financeira

- *Você acha que possui algum conhecimento sobre Educação Financeira?*

Para o questionamento feito sobre qual o nível de educação financeira que os entrevistados consideram ter, foram obtidos os seguintes resultados, 61,6% afirmam ter um conhecimento moderado, 21,6% possuem um conhecimento baixo, 16% julgam possuir um conhecimento alto e 0,8%, no caso 1 entrevistado, afirma não possuir conhecimento sobre o tema. A partir dos percentuais, Gráfico 15, nota-se que apesar de em algum momento da graduação os entrevistados se defrontarem com disciplinas que envolvam Economia, Finanças Pessoais, Investimentos e Finanças Comportamentais, uma parcela relevante dos discentes afirmam possuir um baixo nível de conhecimento sobre o tema Educação Financeira, vale ressaltar que o intuito dessa questão foi trazer uma perspectiva autoanalítica para o entrevistado, o objetivo não era medir ou ofertar uma nota/classificação, mas sim de extrair informações sobre o espectro de conhecimento que o entrevistado acredita mais se encaixar, dada as suas condições pessoais, sociais, culturais, econômicas e de maneira geral, suas vivências e aprendizados.

Gráfico 15 - Nível de conhecimento sobre educação financeira



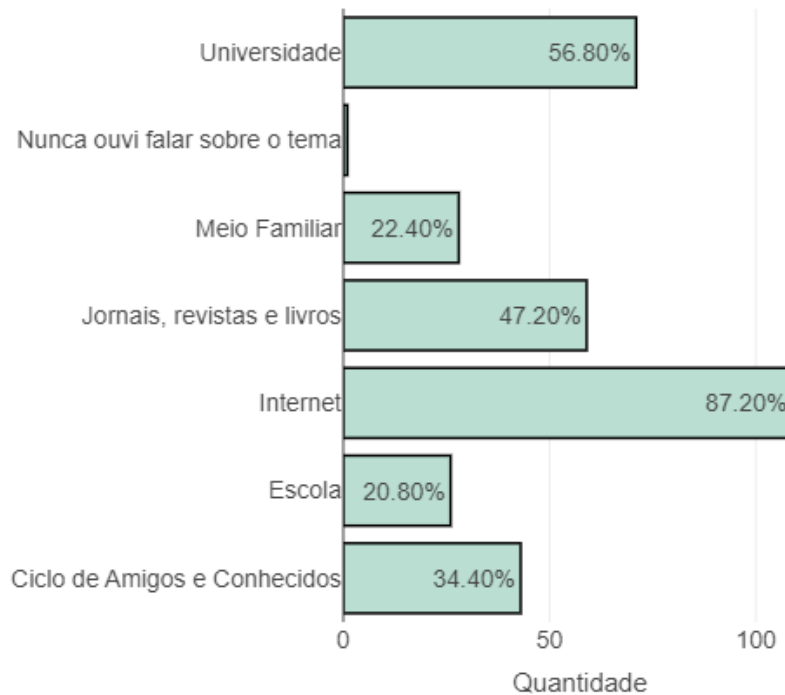
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Em quais ambientes você adquiriu conhecimento sobre Educação Financeira?

Com o objetivo de mapear e analisar os ambientes de maior aprendizado e presença da educação financeira, o questionário abordava a temática através de opções nas quais se estipula que exista uma disseminação do tema, o Gráfico 16 elucidada que o ambiente onde se mais adquire conhecimento sobre o tema, para esta amostra, é a internet, 87,20% dos entrevistados afirmam terem adquirido conhecimento sobre o tema por meio desse ambiente.

Ademais, 56,80% dos entrevistados afirmam ter aprendido sobre Educação Financeira na universidade, este é um dado importante, pois, a academia deveria ser um espaço ativo na disseminação do tema para os discentes, de uma outra perspectiva, 43,20% dos entrevistados afirmam indiretamente que não aprenderam sobre Educação Financeira na Universidade. Em relação aos demais ambientes alocados nas opções, 47,20% aprenderam sobre o tema através de Jornais, revistas e livros, 34,40% dos aprenderam sobre Educação Financeira em seus Ciclos de Amigos e Conhecidos, este também é um dado importante, pode-se estipular que através de conversas informais é possível aprender e ensinar sobre Educação Financeira e seus subtemas, principalmente em grupos onde se existe uma maior afinidade e conhecimento sobre as realidades pessoais dos amigos e colegas. Em relação ao aprendizado na escola, apenas 20,80% dos respondentes afirmam terem aprendido sobre o tema nesse ambiente, um percentual próximo ao ambiente familiar, sendo este de 22,40%. Além dos ambientes de aprendizado sobre Educação Financeira padrões do questionário, havia a opção de os entrevistados adicionarem “outros” ambientes, para este critério 3,20% (4 entrevistados) aprenderam sobre Educação Financeira no ambiente de Trabalho, 1,60% (2 entrevistados) aprenderam sobre Educação Financeira através de Cursos e 0,80% (1 entrevistado) aprenderam sobre Educação Financeira através de Podcast.

Gráfico 16 - Ambientes de aprendizado sobre educação financeira



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

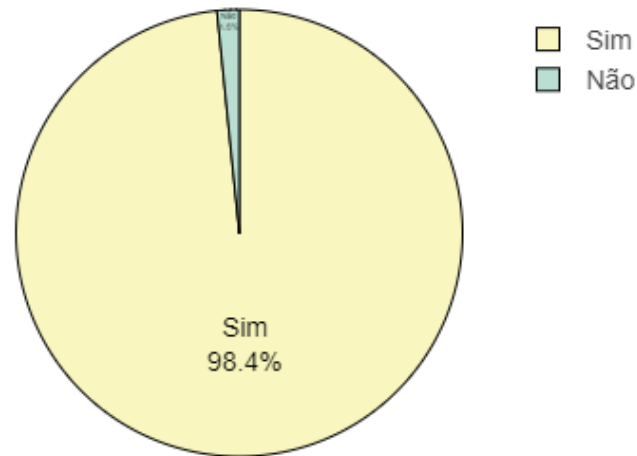
Além dos ambientes de aprendizado sobre educação financeira padrões do questionário, havia a opção de os entrevistados adicionarem “outros” ambientes, conforme os percentuais abaixo:

- 3,20% (4 entrevistados) aprenderam sobre educação financeira no ambiente de Trabalho
- 1,60% (2 entrevistados) aprenderam sobre educação financeira através de Cursos
- 0,80% (1 entrevistado) aprenderam sobre educação financeira através de Podcast

- Na sua opinião, a Educação Financeira deveria ser ensinada nas escolas?

Em relação ao questionamento referente ao ensino da Educação Financeira nas escolas, 98,4% dos entrevistados afirmam que esse tema deveria estar presente no ambiente escolar. Contrastando com a questão citada anteriormente, apesar de 79,20% dos respondentes afirmarem indiretamente que não adquiriram conhecimentos sobre Educação Financeira na escola, estes julgam que o tema deveria ser ensinado e fomentado nas instituições escolares.

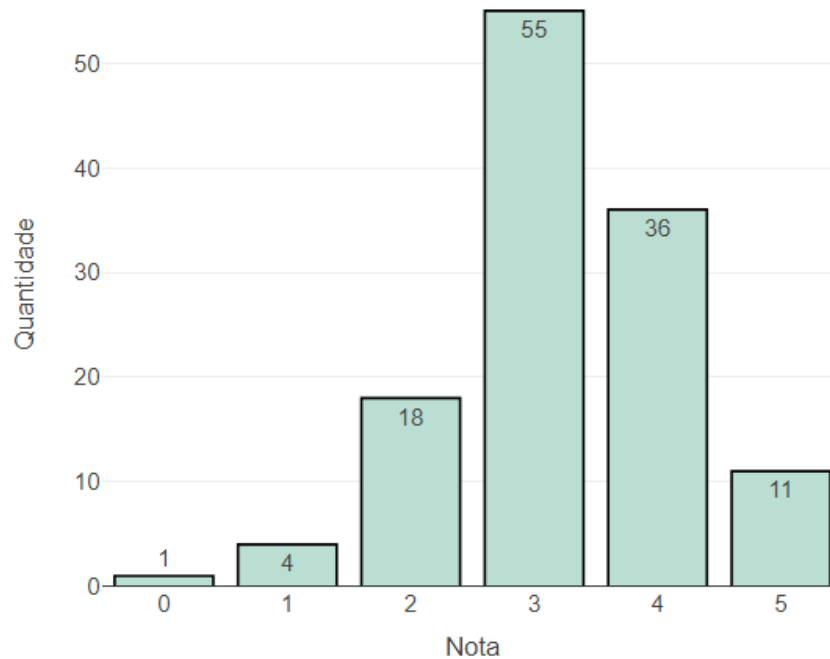
Gráfico 17 - Educação financeira nas escolas



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Se você fosse se dar uma nota de 0 a 5 em relação ao seu nível de Educação Financeira, qual nota seria?

Com o objetivo principal de ter dois parâmetros de autoanálise por parte dos entrevistados, o primeiro sendo qualitativo (questão 1 sobre nível de conhecimento) e o segundo sendo quantitativo, no caso dessa questão, sendo feita através de uma escala de nota de 0 a 5, sem especificidade classificatória, apenas uma proporção crescente, onde 0 é a menor nota e 5 é a nota máxima. Conforme pode ser observado, a maior parte dos respondentes, mais especificamente 44%, se deram uma nota 3, 28,8% se deram uma nota 4, 14,4% se deram uma nota 2, 8,8% se deram uma nota 5 e os demais se deram nota 1 e 0, 3,2% e 0,8%, respectivamente. Em relação às medidas de posição e dispersão, as notas apresentaram média de 3.23, desvio padrão de 0.9683, mediana 3, ponto máximo de 5 e mínimo de 0.

Gráfico 18 - Nota pessoal para o nível de educação financeira (*bar*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Ao ler ou ouvir “Educação Financeira” qual a primeira palavra que te vem na cabeça?

Com o objetivo de trazer um aparato que permitisse uma análise visual e segura, conforme descrito por Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. (2020) “o uso da técnica de Nuvem de Palavras, junto ao olhar atento dos pesquisadores, permite a análise dos dados com segurança.”, o questionário apresenta um tópico no qual os entrevistados preencheram um campo com uma palavra que defina a situação em que estes leem ou ouvem o termo “Educação Financeira”. É possível concluir que a palavra de maior destaque é “dinheiro”, as demais palavras que apresentam relevância são “investimentos”, “organização”, “economia”, dentre outras, Figura 28. O ponto relevante que se pode concluir é que ao ouvir sobre Educação Financeira, a maioria dos entrevistados faz uma associação direta ao dinheiro, o que faz sentido, tendo em vista que o âmbito da Educação Financeira busca analisar, explicar e melhorar a interação dos indivíduos para com o dinheiro.

Figura 28 - Nuvem de palavras

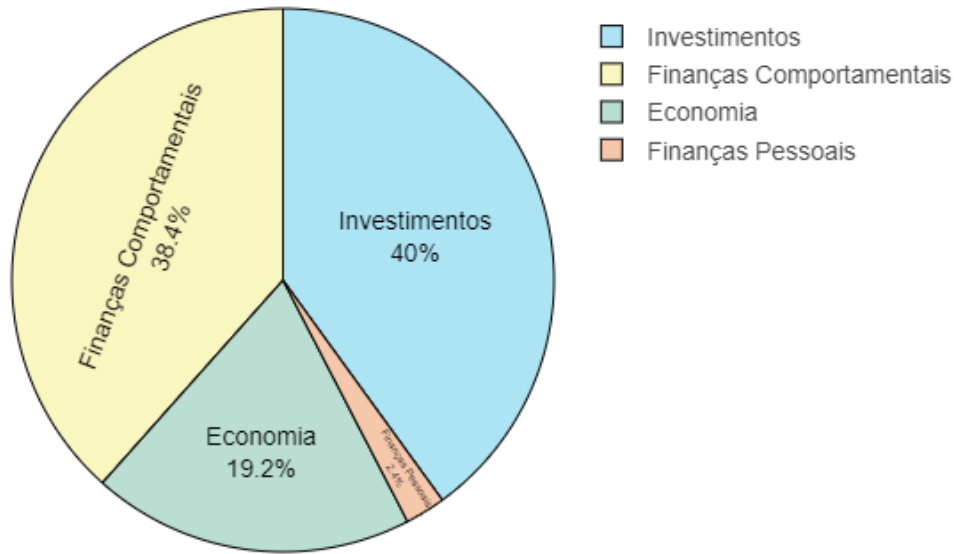


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Qual desses temas você acredita ter menos conhecimento?

A partir da análise do Gráfico 19, é possível concluir que a maior parcela dos entrevistados acredita ter menos conhecimento em relação aos subtemas de Finanças Comportamentais e Investimentos, 40% e 38,4%, respectivamente. Este já era um resultado expectável porque se parte do princípio que ambos os temas possuem um maior nível de complexidade em termos de ensino e aprendizado, além disso, ambos são mais distantes da realidade de boa parte da população, principalmente as Finanças Comportamentais, tema este que é de certa forma considerado contemporâneo até mesmo para as áreas de Economia e Finanças. Em relação aos Investimentos, conforme também foi elucidado no presente trabalho, o número de investidores pessoas físicas na Bolsa de Valores (B3) em relação ao total da população é baixo, quando comparado com países desenvolvidos, esse fato faz com que o tema não seja tão disseminado no país, juntamente com uma não existência da cultura de poupar e investir constantemente um percentual da renda mensalmente ou trimestralmente.

Gráfico 19 - Subtema menos conhecido

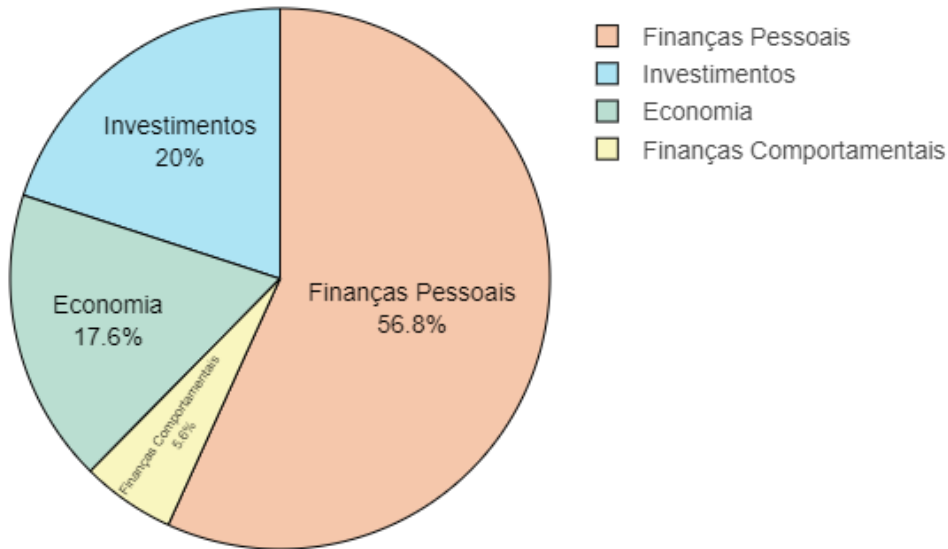


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Qual desses temas você acredita ter mais conhecimento?

Com base no Gráfico 19, torna-se factível afirmar que os temas nos quais os discentes possuem um maior conhecimento são Finanças Pessoais e Investimentos, 56,8% e 20%, respectivamente, este último ficou bem próximo do tema Economia, 17,6%. Em relação aos resultados esperados, os resultados obtidos possuem uma divergência parcial, pois o tema Finanças Pessoais foi o que apresentou maior conhecimento dos entrevistados, porém, esperava-se que o outro tema mais conhecido seria o de Economia, todavia esse fato não se mostrou real, conforme foi comentado acima.

Gráfico 20 - Subtema mais conhecido



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

A partir da análise dos temas mais conhecidos e menos conhecidos, é possível notar que existe um certo desequilíbrio em relação ao tema Investimentos, pois esse tema é ao mesmo tempo o que uma parcela dos indivíduos possui mais conhecimento e outra parcela possui menos conhecimento, diferente por exemplo, do que acontece com o tema de Finanças Comportamentais e Finanças Pessoais.

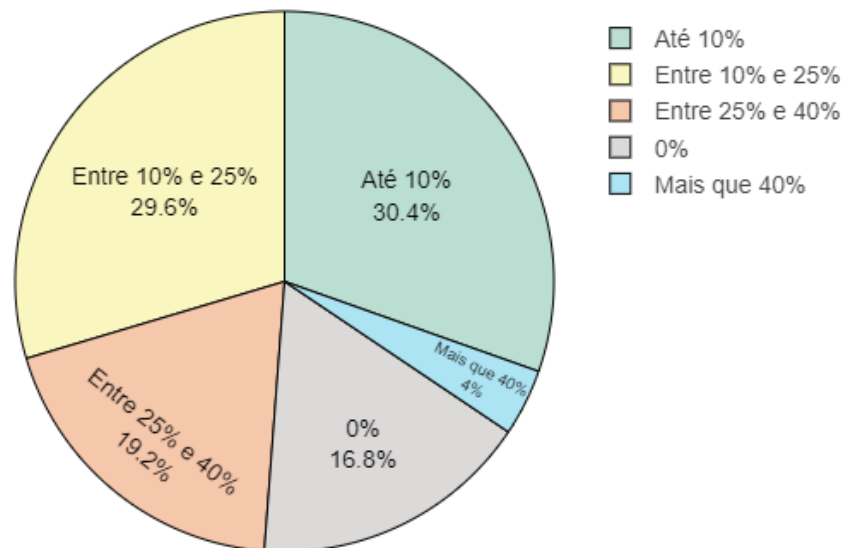
Para o tema menos conhecido, Finanças Pessoais apresentou um percentual de 2,4%, Finanças Comportamentais apresentou um percentual de 38,4%. Já para o tema mais conhecido, Finanças Pessoais apresentou um percentual de 56,8% e Finanças Comportamentais apresentou um percentual de 5,6%, ou seja, nota-se que há um equilíbrio entre esses dois temas, Finanças Comportamentais é um dos temas menos conhecidos e possui um percentual baixo no tópico de tema mais conhecido, de modo inverso, Finanças Pessoais é um dos temas mais conhecidos e possui um percentual baixo no tópico de tema menos conhecido, esse fato não acontece com o tema de Investimentos, esse é o mesmo caso para o tema de Economia, 19,2% dos entrevistados afirmam que esse é o tema menos conhecido e 17,6% afirma que esse é o tema mais conhecido.

6.3 Finanças Pessoais

- Em média, qual o percentual da sua renda mensal destinado para poupar e investir?

Essa questão busca mensurar o nível de poupança e investimento dos entrevistados, os dados mostram que a maior parcela da amostra destina em média até 10% da renda para esse fim, para a faixa entre 10% e 25% da renda, 29,6% dos indivíduos afirmam se encaixar nesse patamar, percentual bem próximo do citado anteriormente. Para a faixa entre 25% e 40% da renda, 19,2% afirmam estar nesse critério. Em relação as faixas extremas, 4% poupam e investem mais que 40% da renda e 16,8% não destina nenhum percentual da renda para esse fim, ou seja, 0%, Gráfico 21. Esse último dado é bastante relevante e pode ser causado por diversos fatores, dentre eles o fato de que os indivíduos só conseguem pagar suas despesas, ou seja, de fato não há valor excedente da renda ou não existe um direcionamento do excedente da renda para esse fim, isto é, ao sobrar um excedente da renda opta-se por consumir no presente ao invés de poupar e investir.

Gráfico 21 - Percentual da renda destinado para poupar e investir



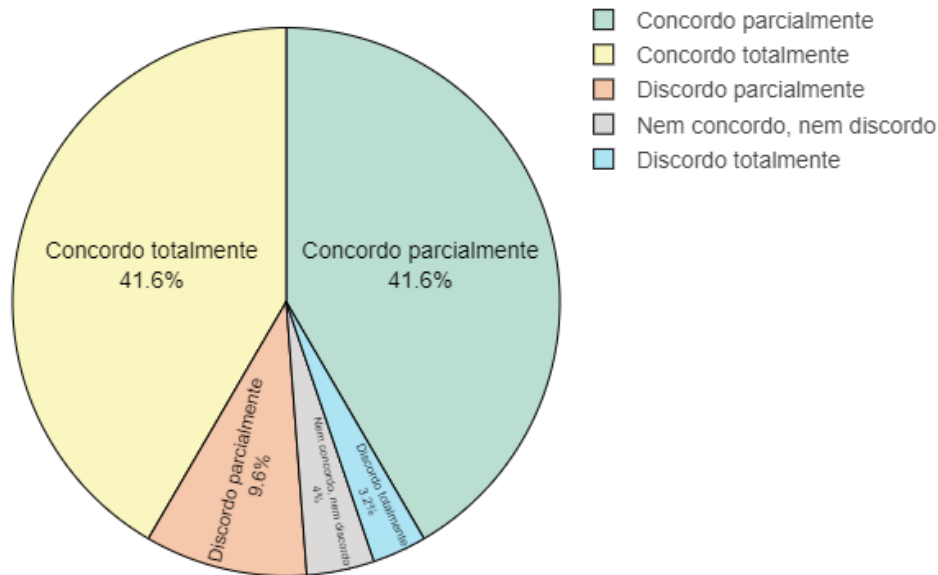
Fonte: dados da pesquisa por R Markdown, 2022.

- Essa Sobre a afirmação “Eu planejo, organizo e controlo meus gastos e ganhos frequentemente”, você:

A questão tem como objetivo analisar o planejamento, controle e organização das finanças pessoais dos indivíduos. Para este indicador, mais de 80% dos entrevistados afirmam que a frase acima os define parcial ou totalmente, mais especificamente 41,6% responderam “Concordo parcialmente” e 41,6% responderam “Concordo totalmente”, por sinal os percentuais foram iguais e dominantes para essa questão. Os demais entrevistados tinham as

opções “Discordo totalmente”, “Nem concordo, nem discordo” e “Discordo parcialmente”, correspondendo aos percentuais de 9,6%, 4%, e 3,2%, respectivamente, Gráfico 22.

Gráfico 22 - Afirmação sobre planejar, organizar e controlar os gastos

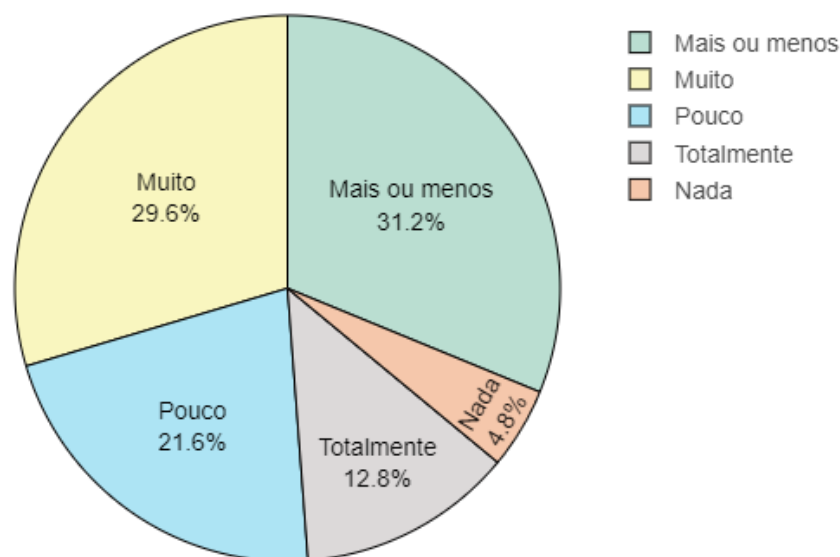


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

***- O quanto essa frase descreve seu ambiente familiar (membros da sua residência)?
“Preocupações com as despesas e compromissos financeiros são motivo de estresse”***

Essa questão possui como objetivo analisar as relações familiares dos entrevistados em relação aos compromissos financeiros, o intuito é entender se essas obrigações causam algum nível de estresse no ambiente doméstico. Em relação aos dados elucidados no Gráfico 23, a maior parcela dos respondentes afirma que a frase descreve mais ou menos o seu ambiente familiar, mais especificamente 31,2% do total da amostra. Para a opção “Muito”, 29,6%, para a opção “Pouco”, 21,6%, para a opção “Totalmente”, 12,8% e para a opção “Nada”, 4,8%. Uma faixa significativa, 27 entrevistados, pontuaram que as despesas e os compromissos financeiros definem totalmente o seu ambiente familiar, um espaço desse tipo pode trazer diversos problemas como a ansiedade, depressão, divórcios, discussões e outras adversidades advindas de um âmbito financeiro desorganizado e problemático, como já apresentado nos trabalhos de Silva e Vasconcelos (2021).

Gráfico 23 - Frase sobre compromissos financeiros no ambiente familiar



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

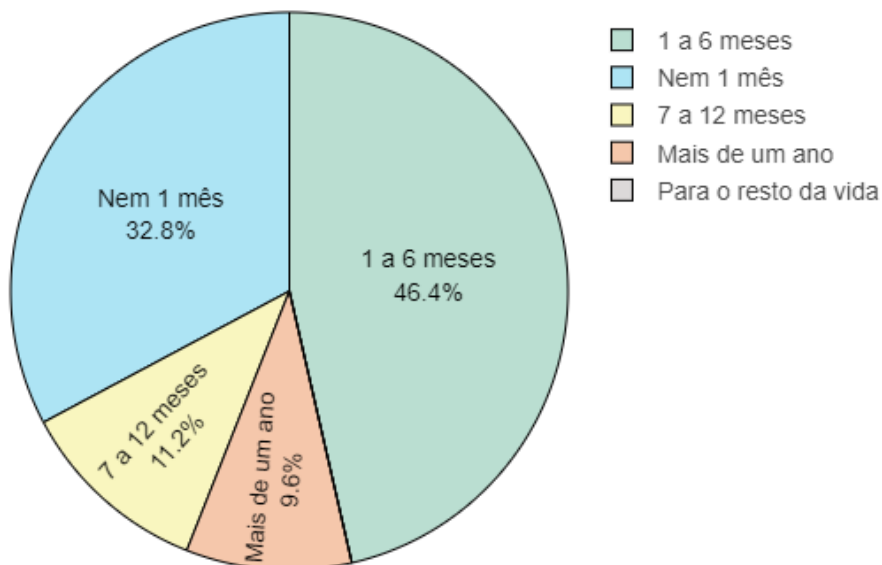
- Considerando apenas o dinheiro que você tem poupado e investido, sem a entrada de novas receitas, por quanto tempo você conseguiria viver só com esse valor?

A questão tem o objetivo de analisar uma das principais ferramentas para se ter uma organização e preparo das finanças pessoais, a reserva de emergência. De uma perspectiva mais conservadora, a recomendação é que um indivíduo possua uma quantia investida de seis vezes as suas despesas fixas, ou seja, aquelas despesas que ocorrem todos os meses, são necessárias na vida do indivíduo e o seu valor não varia ou varia muito pouco, como por exemplo, os gastos com as contas de água e luz, alimentação, aluguel ou prestação de financiamento, etc. Conforme o recomendado dentro do ambiente de finanças, 46,4% dos entrevistados afirmam que caso não ocorra a entrada de novas receitas em seu orçamento, estes conseguiriam viver de 1 a 6 meses com o dinheiro que possuem poupado e investido.

A outra maior parcela dos entrevistados, 32,8%, afirma que não conseguiriam viver nem um mês caso estivessem na situação cita anteriormente, esse é um percentual preocupante, tendo em vista que uma parcela significativa da amostra não possui uma reserva de emergência construída. Para as outras opções, 11,2% afirmam que conseguiriam viver entre de 7 a 12 meses, 9,6% afirmam que conseguiriam se manter por mais de um ano e 0% dos entrevistados possuem valores investidos e poupados que possam fazer com que estes vivam o resto da vida sem a entrada de novas receitas, dados disponibilizados no Gráfico 24. Vale ressaltar que esse último ponto é conhecido como a independência financeira, ou seja, quando o indivíduo consegue arcar

com suas despesas fixas e variáveis sem depender de um emprego, apenas da renda obtida através do seu patrimônio investido, comumente essa renda advém dos juros recebidos de um ativo, dos proventos pagos aos acionistas ou até mesmo do pró-labore/lucro, caso o indivíduo seja um empreendedor.

Gráfico 24 - Reserva de emergência



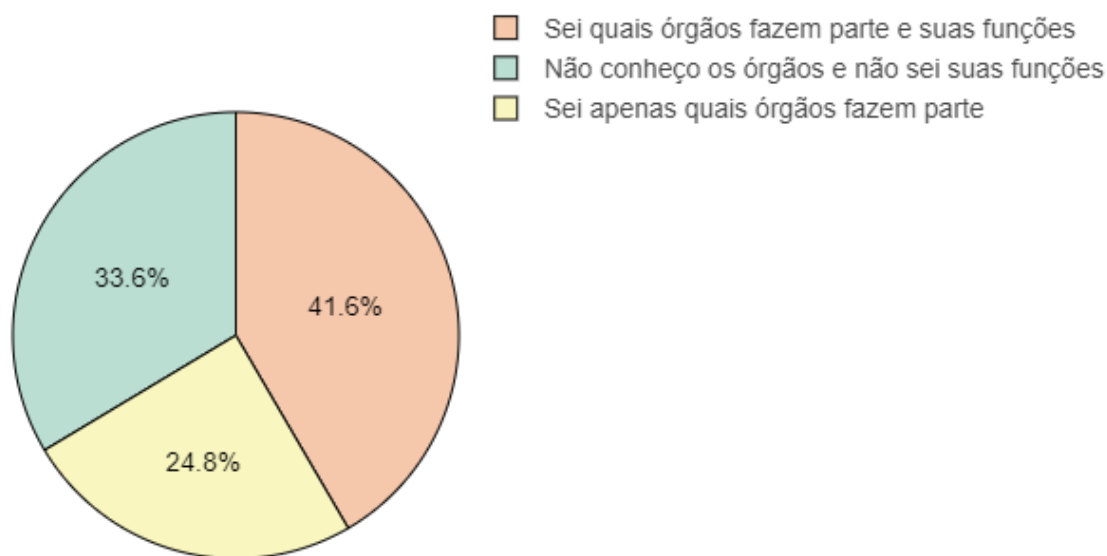
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.4 Economia

Você sabe como é composto o Sistema Financeiro Nacional e quais as funções de cada órgão?

A Em relação ao conhecimento dos entrevistados sobre a composição e as funções do Sistema Financeiro Nacional (SFN), 41,6% dos entrevistados afirmam saber quais órgãos compõem o SFN e as suas funções, 33,6% responderam que não conhecem os órgãos e suas funções e 24,8% afirmam conhecer apenas os órgãos, ou seja, não sabem suas funções, Gráfico 25.

Gráfico 25 - Órgãos e funções do sistema financeiro nacional



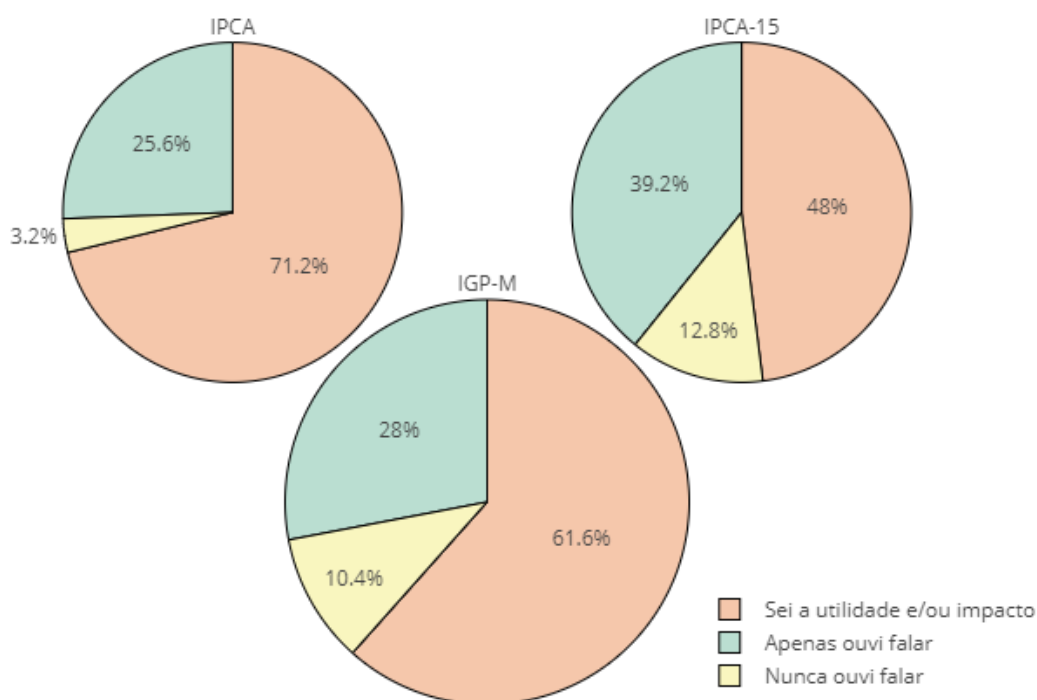
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Sobre os indicadores e taxas da macroeconomia:

Em relação ao conhecimento dos discentes sobre os indicadores e taxas da macroeconomia, o questionário busca abordar diferentes tipos, inflacionários, juros, atividade econômica, socioeconômicos, risco país, liberdade econômica e confiança do consumidor. Os discentes tinham três opções, “nunca ouvi falar”, “apenas ouvir falar” e “sei a utilidade e/ou impacto”.

- Indicadores e taxas da macroeconomia (inflacionários):

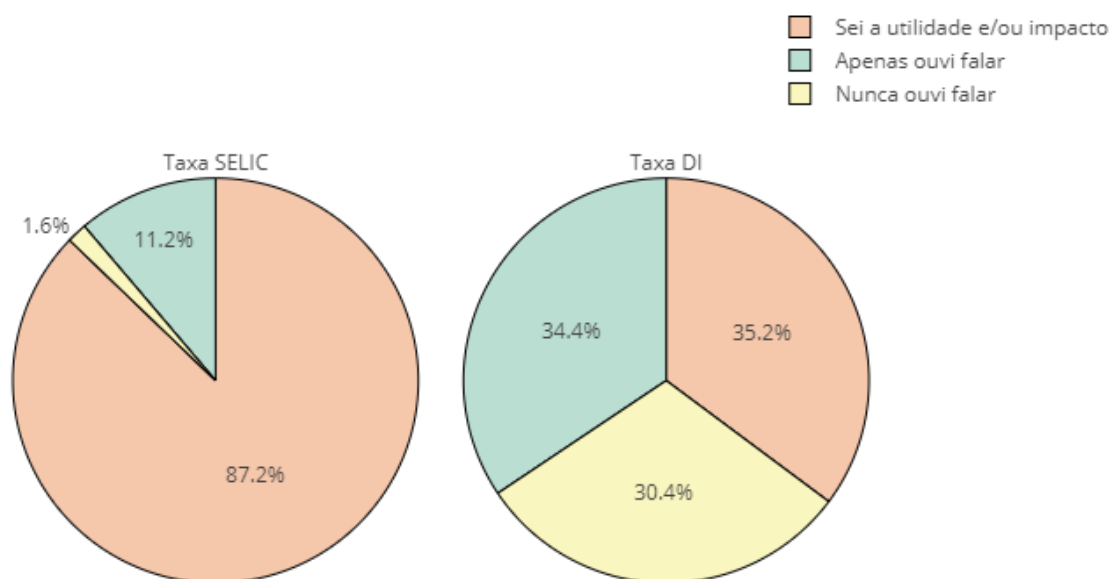
Com base no Gráfico 26, o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) é o mais conhecido pelos respondentes, tendo em vista que 71,2% afirmam saber a sua utilidade e 25,6% declaram ter ouvido falar desse indicador, essas duas repostas somam 96,8%. O indicador menos conhecido é o IPCA-15, considerando que 48% dos respondentes alegam saber a sua utilidade e 39,2% afirmam ter ouvido falar desse indicador, as repostas então somam 87,2%.

Gráfico 26 - Indicadores inflacionários (*pie*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Sobre os indicadores e taxas da macroeconomia (juros):

Em relação aos indicadores de juros, ilustrado no Gráfico 25, a Taxa SELIC (taxa básica de juros da economia) é o mais conhecido pelos respondentes, tendo em vista que 87,2% afirmam saber a sua utilidade e 11,2% declaram ter ouvido falar desse indicador, essas duas repostas somam 98,4%. O indicador menos conhecido é a Taxa DI, considerando que 35,2% dos respondentes alegam saber a sua utilidade e 34,4% afirmam ter ouvido falar desse indicador, as repostas então somam 69,6%. Um ponto importante sobre esse tópico é que possivelmente alguns entrevistados podem ter afirmado que nunca ouviram falar sobre a Taxa DI, porém, essa taxa também é conhecida como CDI, apesar de esse ser o nome do título que os bancos negociam entre si, a definição correta da taxa é DI, sendo essa a taxa de juros média que é negociada pelos bancos nessas transações interbancárias, historicamente é bem próxima da Taxa Selic.

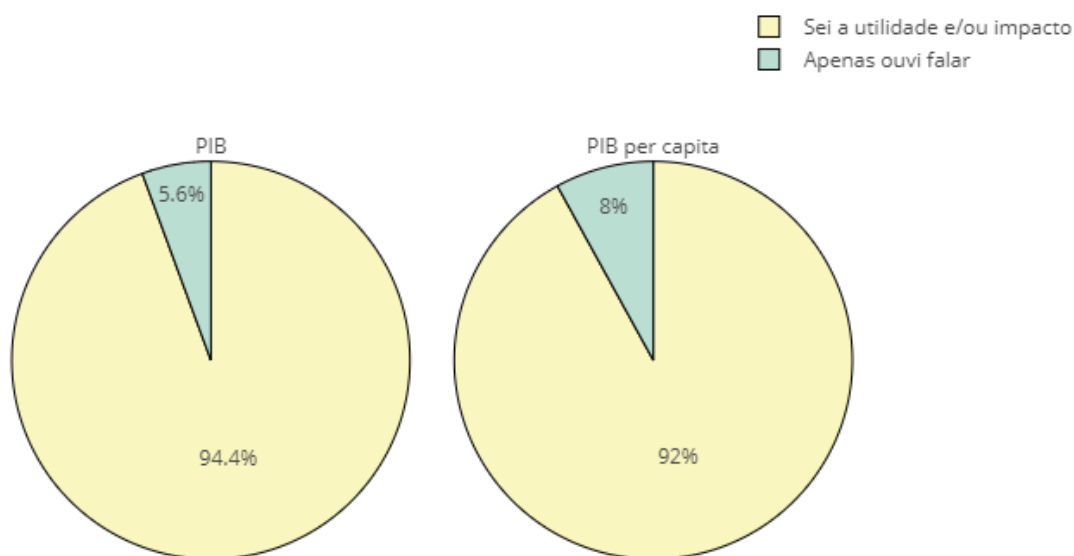
Gráfico 27 - Taxas de juros (*pie*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Sobre os indicadores e taxas da macroeconomia (atividade econômica):

A partir do Gráfico 28 é possível concluir que em relação ao PIB, 94,4% dos entrevistados afirmam saber qual a sua utilidade e/ou impacto e 5,6% afirmam apenas ter ouvido falar desse indicador, as respostas então somam 100%, ou seja, todos os respondentes conhecem esse indicador. Para o PIB per capita, 92% dos entrevistados afirmam saber qual a sua utilidade e/ou impacto e 8% afirmam apenas ter ouvido falar desse indicador, as respostas então somam 100%, ou seja, todos os respondentes também conhecem esse indicador.

Gráfico 28 - Indicadores de atividade econômica (pie)

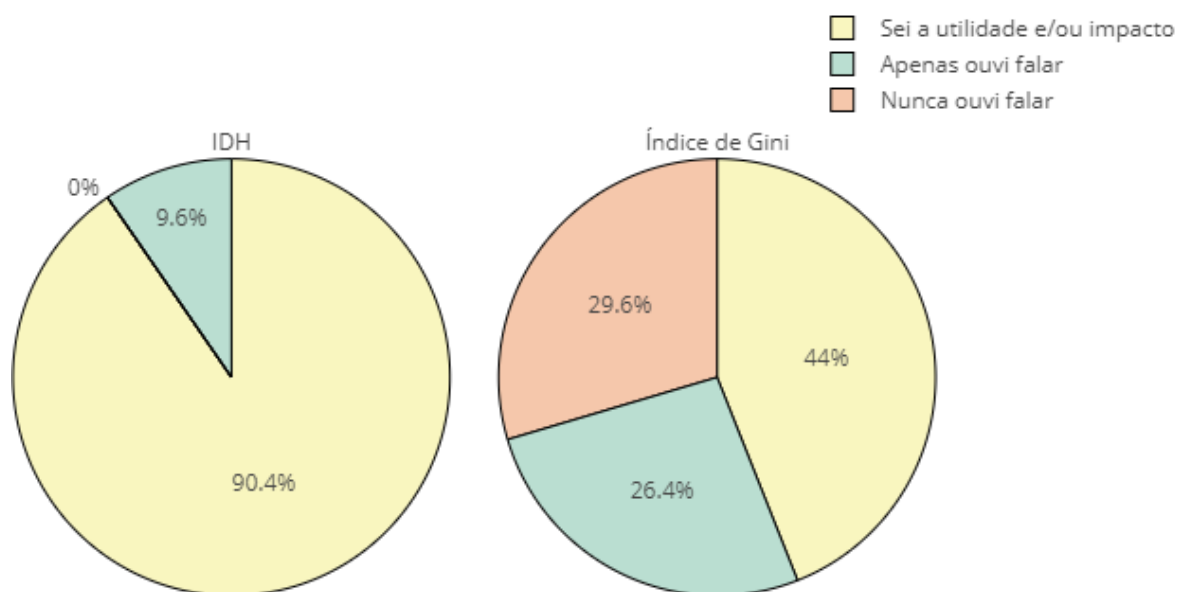


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Sobre os indicadores e taxas da macroeconomia (socioeconômicos):

Com relação aos indicadores socioeconômicos, Gráfico 29, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é o mais conhecido pelos entrevistados, 90,4% afirmam saber sua utilidade e 9,6% declaram ter ouvido falar desse indicador, essas duas repostas somam 100%, ou seja, todos os respondentes conhecem esse indicador. Para o Índice de Gini, conforme esperado, uma parcela relevante dos respondentes, 29,6%, afirmam nunca ter ouvido falar desse indicador. Para as demais opções, 44% afirmam saber qual a sua utilidade e 26,4% alegam apenas ter ouvido falar sobre o índice de Gini.

Gráfico 29 - Indicadores socioeconômicos (pie)



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

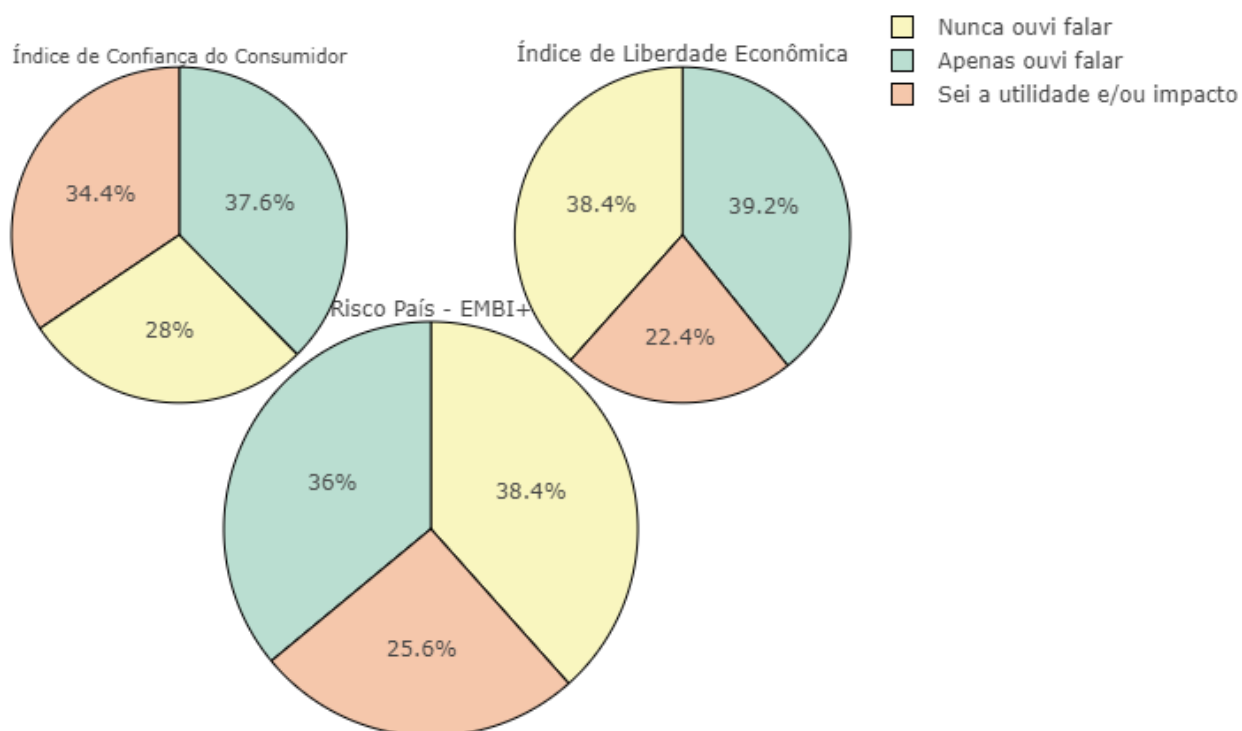
- Sobre os indicadores e taxas da macroeconomia (risco país, liberdade econômica e confiança do consumidor):

Em relação aos demais indicadores presentes no questionário, optou-se por unificá-los em um tópico. De acordo com o Gráfico 30, o índice de confiança do consumidor apresentou os seguintes percentuais, 37,6% apenas ouviram falar, 34,4% sabem a sua utilidade e/ou impacto e 28% nunca ouviram falar sobre esse indicador.

Para o índice de liberdade econômica, 39,2% apenas ouviram falar, 28,4% sabem a sua utilidade e/ou impacto e 22,4% nunca ouviram falar sobre esse indicador. Em relação ao Risco País – EMBI+, 38,4% nunca ouviram falar, 36% apenas ouviram falar e 25,6% sabem a sua utilidade e/ou impacto. Conforme esperado, para esse tópico o indicador menos conhecido foi o índice de liberdade econômica, juntamente com o Risco País – EMBI+, ambos apresentam um percentual de 38,4%. Esperava-se que o indicador de liberdade econômica não fosse tão conhecido por se tratar de um índice internacional e de certa forma recente, criado em 1995 através de uma parceria entre o *The Wall Street Journal* e o *think tank norte-americano Heritage Foundation*. O índice considera doze categorias de “liberdade econômica”: nos negócios; no comércio; liberdade fiscal; de intervenção do governo; monetária; de investimentos; financeira; de corrupção; do trabalho; e direitos de propriedade, para 186 países.

Em 2022, o Brasil ocupa a 133ª posição, de acordo com a *Heritage Foundation* em sua edição mais recente.

Gráfico 30 - Indicadores risco, liberdade e confiança (pie)

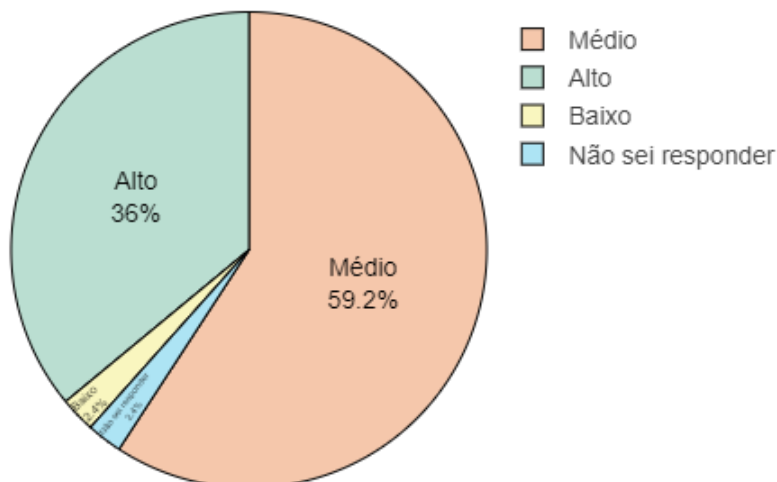


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- A imagem abaixo retrata a evolução do dinheiro ao longo do tempo, sobre esse tema, você considera que seu nível de conhecimento é:

A questão tem como objetivo de analisar o nível de conhecimento dos discentes em relação ao processo evolutivo do dinheiro em nossa sociedade, desde o escambo até as criptomoedas. Em relação aos dados dispostos no Gráfico 31, a maior parcela dos entrevistados, 59,2%, acredita ter um conhecimento médio, 36% um conhecimento alto, 2,4% um conhecimento baixo e 2,4% não souberam responder sobre esse tema. A opção “Não sei responder” foi adicionada propositalmente, tendo em vista que existe a possibilidade de o indivíduo não saber ou não conseguir mensurar diretamente o seu nível de conhecimento sobre o tema proposto.

Gráfico 31 - Evolução do dinheiro ao longo do tempo



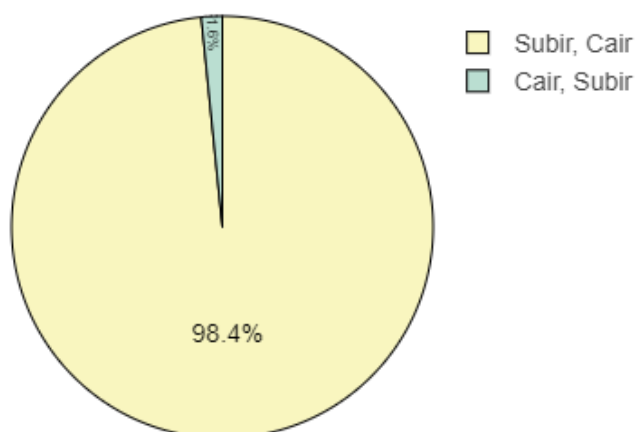
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Na sua visão, quando a demanda é maior do que a oferta, os preços dos produtos tendem a _____. Por outro lado, quando a oferta é maior do que a demanda, os preços tendem a _____.

O conhecimento prévio de como funciona a dinâmica de oferta e demanda dentro de uma economia faz com que um indivíduo possa ter noção sobre vários outros temas, como por exemplo os preços, juros, investimentos, preferências, etc. A questão busca medir o conhecimento dos discentes sobre esse tema através de interação entre a oferta e a demanda de determinado produto. A maior parcela dos entrevistados, 98,4%, afirmou que quando a demanda de um produto é maior que a oferta e quando a oferta desse mesmo produto é maior que a demanda, os preços tendem a subir e cair, respectivamente. A outra parte da amostra, 1,6%, afirma que a relação é contrária, para o primeiro caso os preços tendem a cair e para o segundo caso os preços tendem a subir, conforme o Gráfico 32.

Ainda que o objetivo do questionário não ser um mecanismo de notas ou ranking de conhecimento para os discentes, esta é uma das únicas questões em que havia apenas uma resposta certa, pelo fato de que para mensurar essa noção de oferta e demanda era preciso fazer um questionamento desse tipo. Nota-se então que os entrevistados possuem a noção básica do funcionamento das relações econômicas em termos de oferta e demanda, ou seja, da escassez e abundância de um determinado produto.

Gráfico 32 - Oferta e demanda



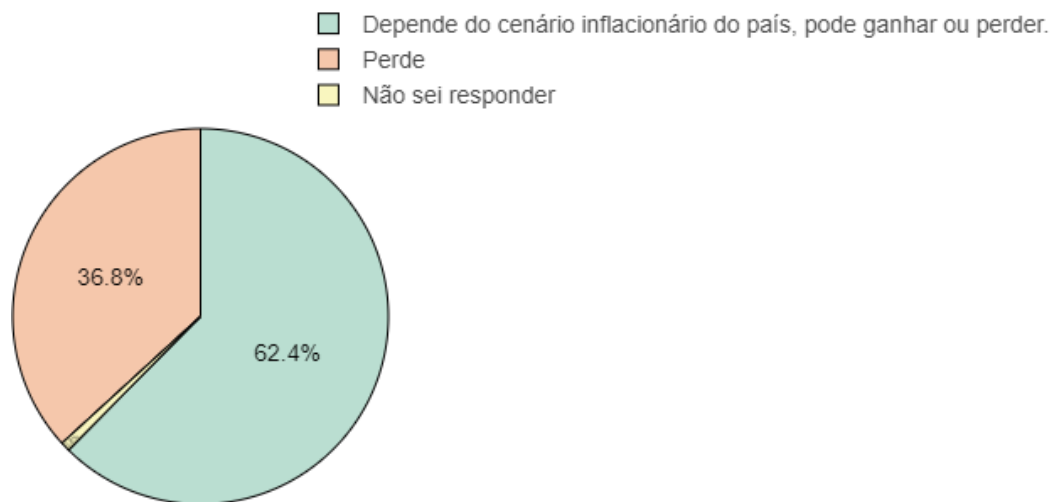
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Na sua visão, com o passar do tempo o dinheiro (*papel-moeda*) _____ valor?

A questão tem o objetivo de analisar a noção dos discentes em relação ao valor do dinheiro no tempo, ou seja, o que acontece com o papel-moeda de um país ao passar do tempo. Em relação aos dados dispostos no Gráfico 33, 62,4% acreditam que esse fato vai depender do cenário inflacionário do país, pois o dinheiro pode ganhar ou perder valor, 36,8% afirmam que ao passar do tempo o dinheiro perde o seu valor, independente do cenário inflacionário do país e 0,8% não souberam responder.

Dentro do ambiente econômico de uma nação, o dinheiro ao passar do tempo pode perder ou ganhar valor, isso depende principalmente do cenário inflacionário do país, em períodos de constante inflação o papel-moeda tem seu valor corroído e em períodos de deflação o papel-moeda tem seu valor aumentando, ambos os fatos acontecem por conta de um aumento geral dos preços, inflação ou de uma queda geral dos preços, deflação. De acordo com o SINDIFISCO (Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil), até janeiro de 2021 “o real já havia perdido cerca de 85% de seu poder de compra. Ou seja, uma pessoa precisa de R\$ 627 hoje para comprar o que ela compraria com R\$ 100 em 1994. Em outras palavras, os brasileiros ficaram 6 vezes mais pobres em menos de 30 anos.”.

Gráfico 33 - Valor do dinheiro no tempo



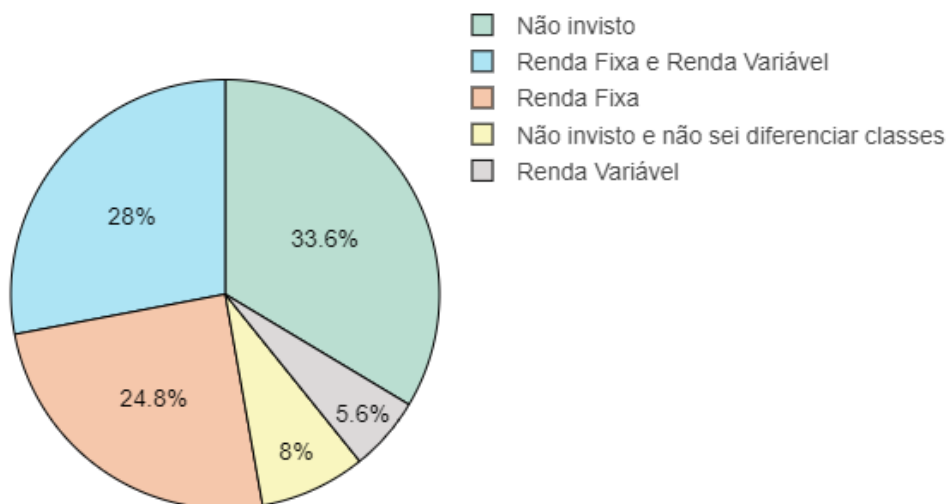
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.5 Investimentos

- Você investe em alguma classe de ativos?

Em relação aos investimentos, Gráfico 34, a maior parcela dos entrevistados afirma que não investe, mais especificamente 33,6%, esse é um percentual elevado e que desperta um alerta em relação ao controle e planejamento do âmbito de investimentos na vida dos discentes da FEAAC. Para as demais opções, 28% investem em renda fixa e renda variável, 24,8% investem apenas em renda fixa, 8% não investem e não sabem diferenciar as duas classes e 5,6% dos respondentes investem apenas em renda variável.

Gráfico 34 - Classe de ativos investidos

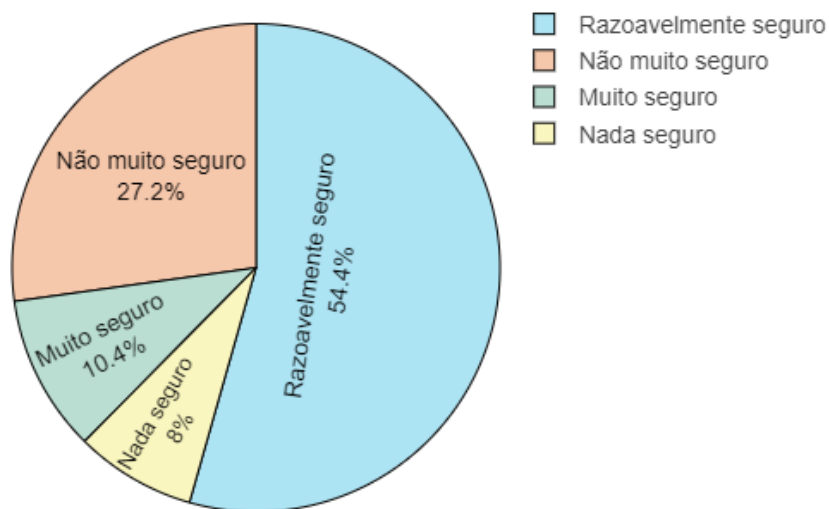


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Como você se sente a respeito dos seus conhecimentos para gerir e investir seu próprio dinheiro?

Com base no Gráfico 35, pode-se concluir que mais de um terço dos entrevistados afirmam que se sentem nada seguros ou não muito seguros para gerir e investir o próprio dinheiro, mais precisamente 35,2%, esse pode um dos principais motivos para que uma parcela significativa e parecida dos entrevistados tenha afirmado que não investem seu dinheiro, conforme elucidado no item anterior. Ademais, a maior parcela dos entrevistados sente-se razoavelmente segura ou muito segura para investir e gerir seu capital, 54,4% e 10,4%, respectivamente.

Gráfico 35 - Conhecimentos para gerir e investir os recursos próprios

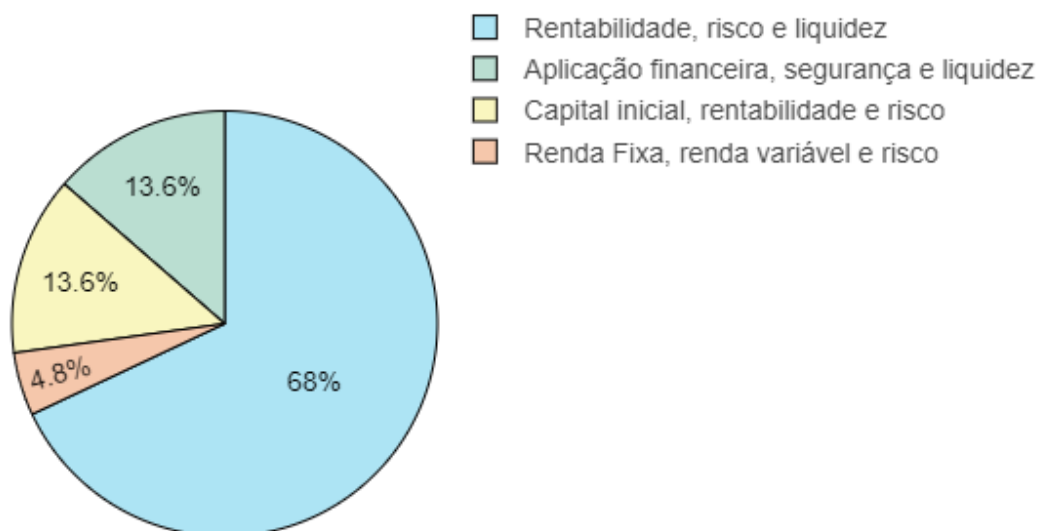


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Na sua visão, dentre as opções abaixo, quais são as 3 principais características de um investimento?

Acerca das principais características de um investimento, Gráfico 36, 68% dos entrevistados afirmam que os atributos mais importantes de uma aplicação financeira são rentabilidade, risco e liquidez, sendo essa a resposta que faz mais sentido no momento de se analisar um investimento. No que se refere aos outros percentuais, 13,6% acreditam que essas características são a aplicação financeira, segurança e liquidez, para esse mesmo percentual os respondentes acreditam que seja o capital inicial, rentabilidade e risco. Para a última opção e menos assinalada, 4,8% dos discentes afirmam que o mais relevante é a renda fixa, renda variável e risco.

Gráfico 36 - Três principais características de um investimento

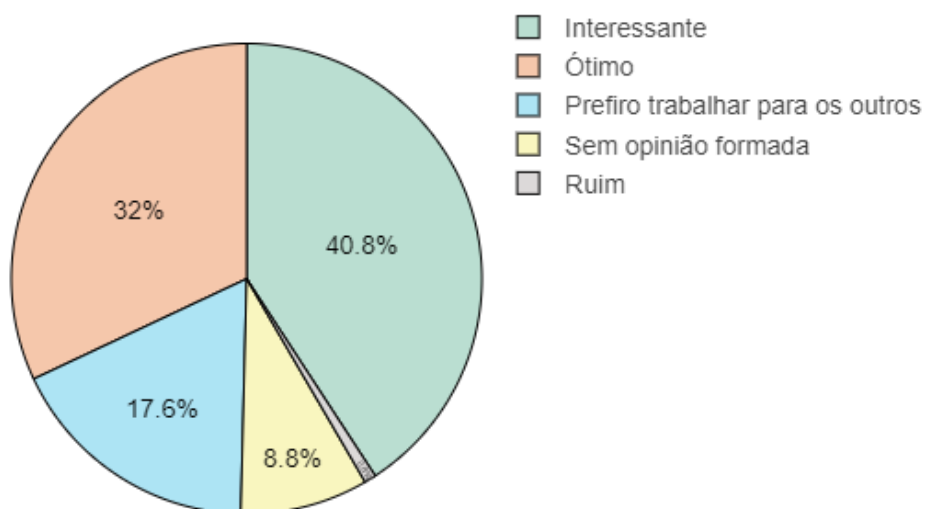


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Na sua visão, ser dono do próprio negócio (*empreender*) é algo:

Com o objetivo de analisar o âmbito de investimentos de uma perspectiva diferente, a presente questão busca analisar qual a opinião e a disposição dos entrevistados para com o empreendedorismo. Com base no Gráfico 34, conclui-se que 40,8% dos entrevistados acham a ideia de empreender “interessante, pois assim consigo gerenciar minha vida e meu dinheiro da forma que acho certo”, 32% acham “ótimo, pois assim meus rendimentos dependeriam de meus esforços e portanto seria uma forma de ganhar mais”, 17,6% preferem “trabalhar para os outros, pois não tenho vontade de empreender”, 8,8% “não possuem uma opinião formada sobre o assunto” e 0,8% acreditam que empreender seja “ruim, pois me traria preocupação demais”.

Gráfico 37 - Perspectivas de empreendedorismo

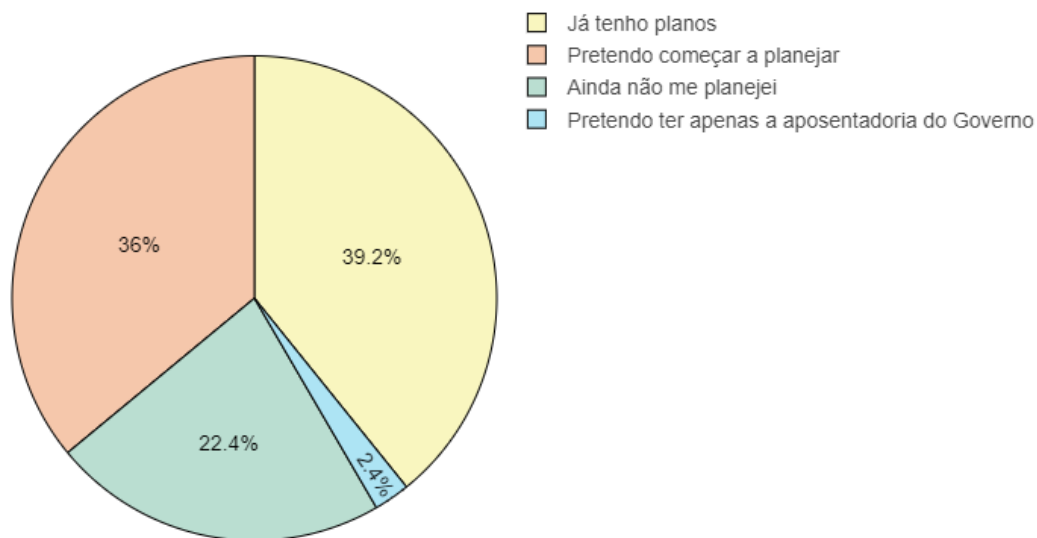


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Em relação à sua aposentadoria, qual das alternativas abaixo melhor representa seu atual pensamento/perspectiva?

Esse item do questionário tem como propósito explorar as perspectivas e o planejamento de longo prazo dos entrevistados. Para atingir esse objetivo a questão traz 4 opções em relação à aposentadoria, 39,2% afirmam que já possuem planos para essa fase da vida, 36% pretendem começar a se planejar, 22,4% ainda não se planejaram e 2,4% pretendem ter apenas a aposentadoria fornecida pelo governo, a previdência social. Com relação aos percentuais, pode-se notar que uma fração expressiva dos discentes possuem uma noção inicial sobre um preparo patrimonial para o futuro, mais especificamente 75,2% dos entrevistados têm planos ou visam esse propósito, baseado no Gráfico 38.

Gráfico 38 - Perspectivas de aposentadoria



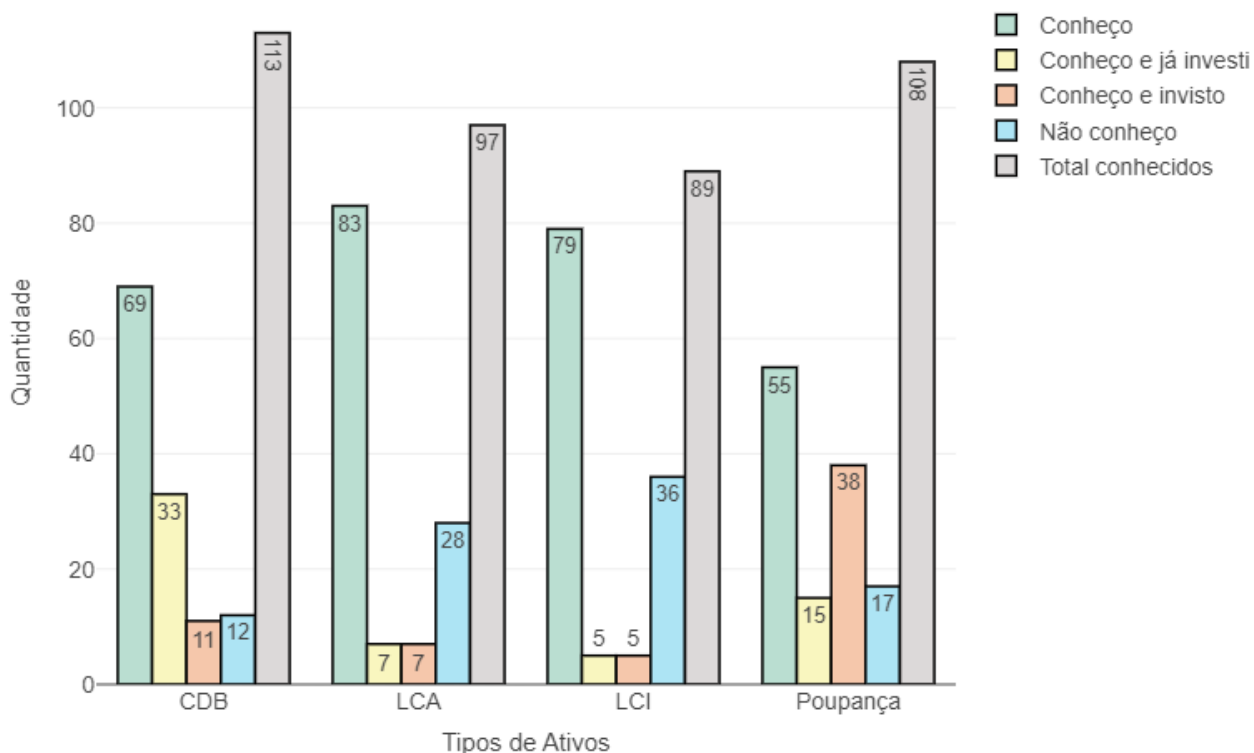
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Em relação ao perfil dos discentes sobre ativos financeiros, o questionário tem como objetivo mapear de forma mais específica qual ou quais ativos os entrevistados conhecem, não conhecem, investem ou já investiram.

- Sobre os ativos financeiros, responda (*Bancos e Instituições Financeiras*):

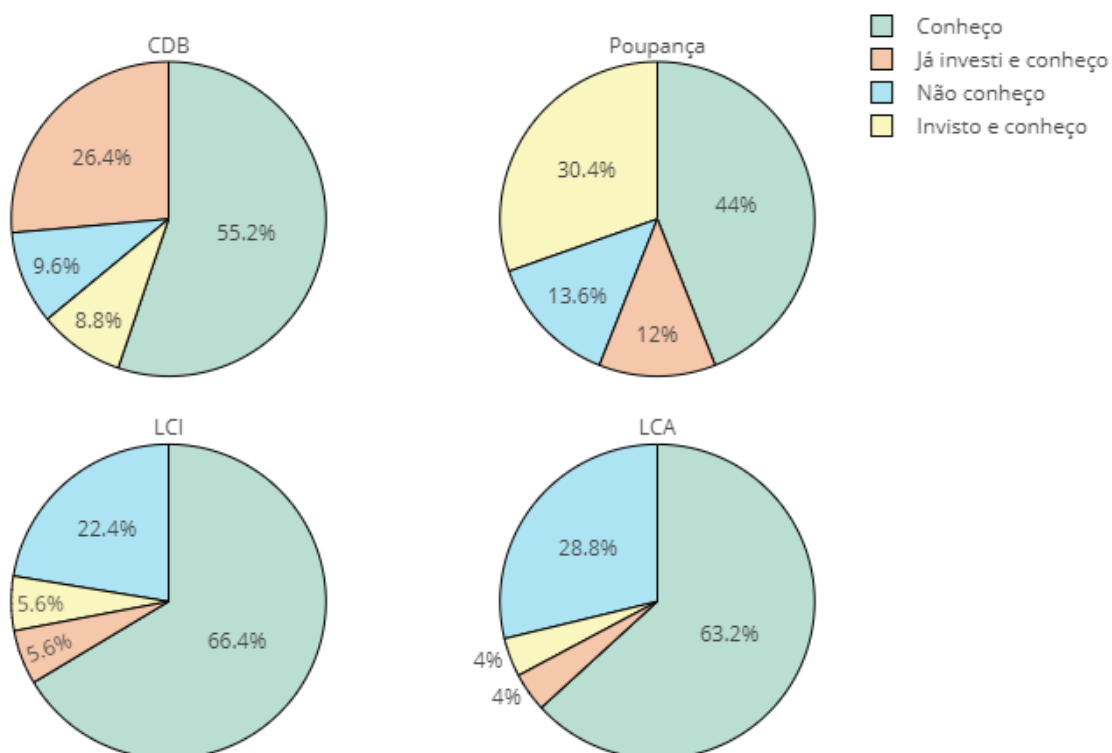
Para os ativos da renda fixa ofertados por bancos e instituições financeiras, Gráficos 39 e 40 o mais conhecido é o CDB (Certificado de Depósito Bancário), 113 discentes, o menos conhecido é a LCI (Letra de Crédito Imobiliário), 36 discentes e o ativo que os entrevistados mais investem é a Poupança, 38 discentes.

Gráfico 39 - Ativos de renda fixa emitidos por bancos e instituições financeiras (*bar*)



Fonte: dados da pesquisa por R Markdown, 2022.

Gráfico 40 - Ativos de renda fixa emitidos por bancos e instituições financeiras (*pie*)

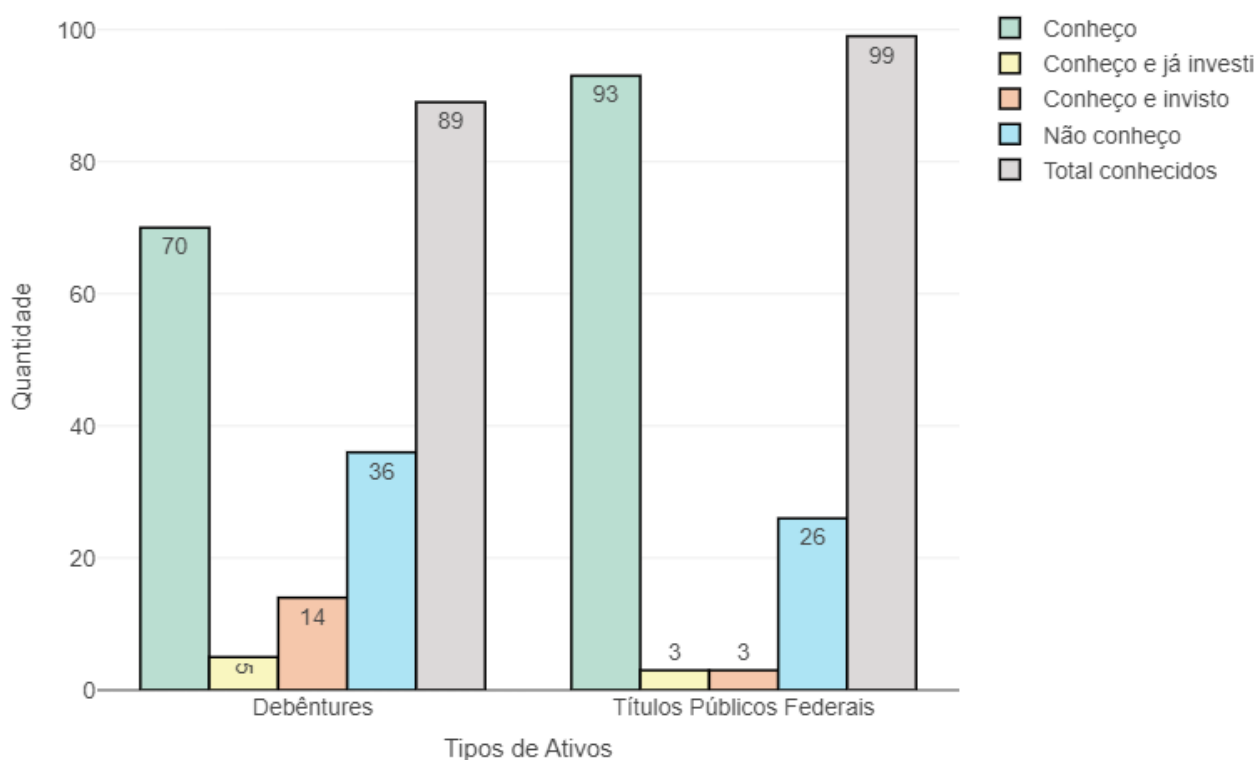


Fonte: dados da pesquisa por R Markdown, 2022.

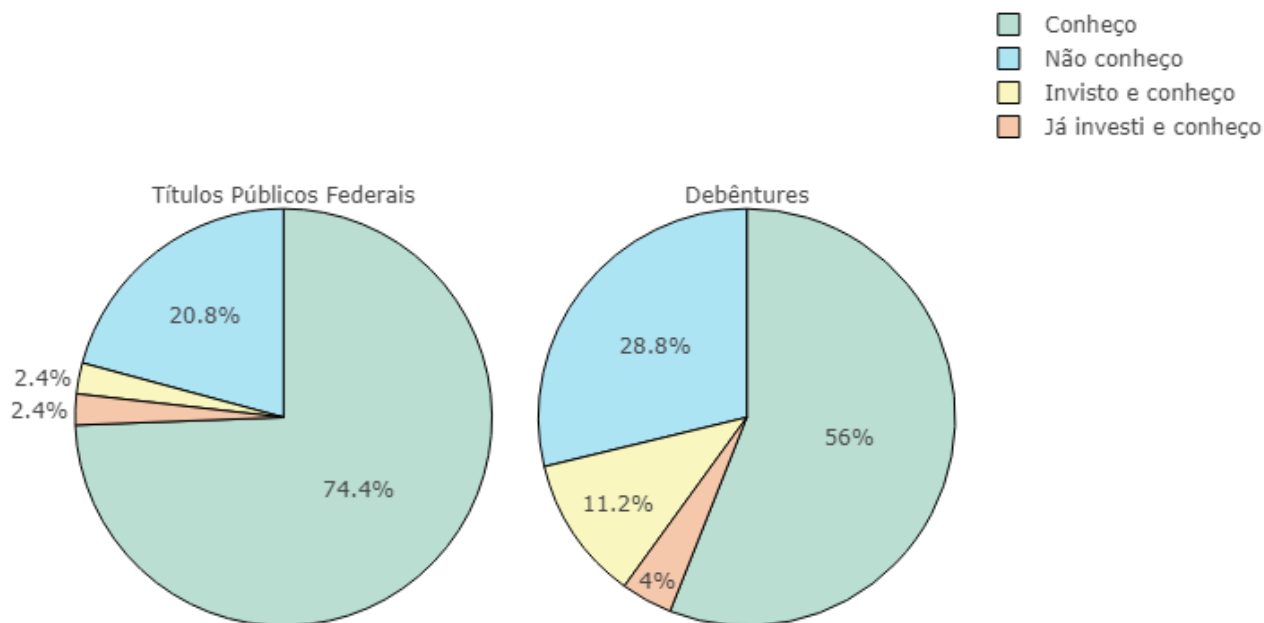
- Sobre os ativos financeiros, responda (Governo e Empresas):

Para os ativos da renda fixa ofertados por governos e empresas, o mais conhecido são os TPF (Títulos Públicos Federais), 99 discentes, o menos conhecido são as Debêntures, 36 discentes e o ativo que os entrevistados mais investem são as Debêntures, 14 discentes, dados do Gráficos 41 e 42. Nota-se que a Debênture é o ativo menos conhecido para essa classe e, ao mesmo tempo o mais investido por parte dos entrevistados, apesar de não ser uma aplicação tão conhecida no mercado, esse tipo de ativo é comumente distribuído e anunciado pelas corretoras por conta da sua rentabilidade muitas vezes estar acima do mercado (quando comparada ao patamar de 100% do CDI).

Gráfico 41 - Ativos de renda fixa emitidos por empresas e o governo (*bar*)



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

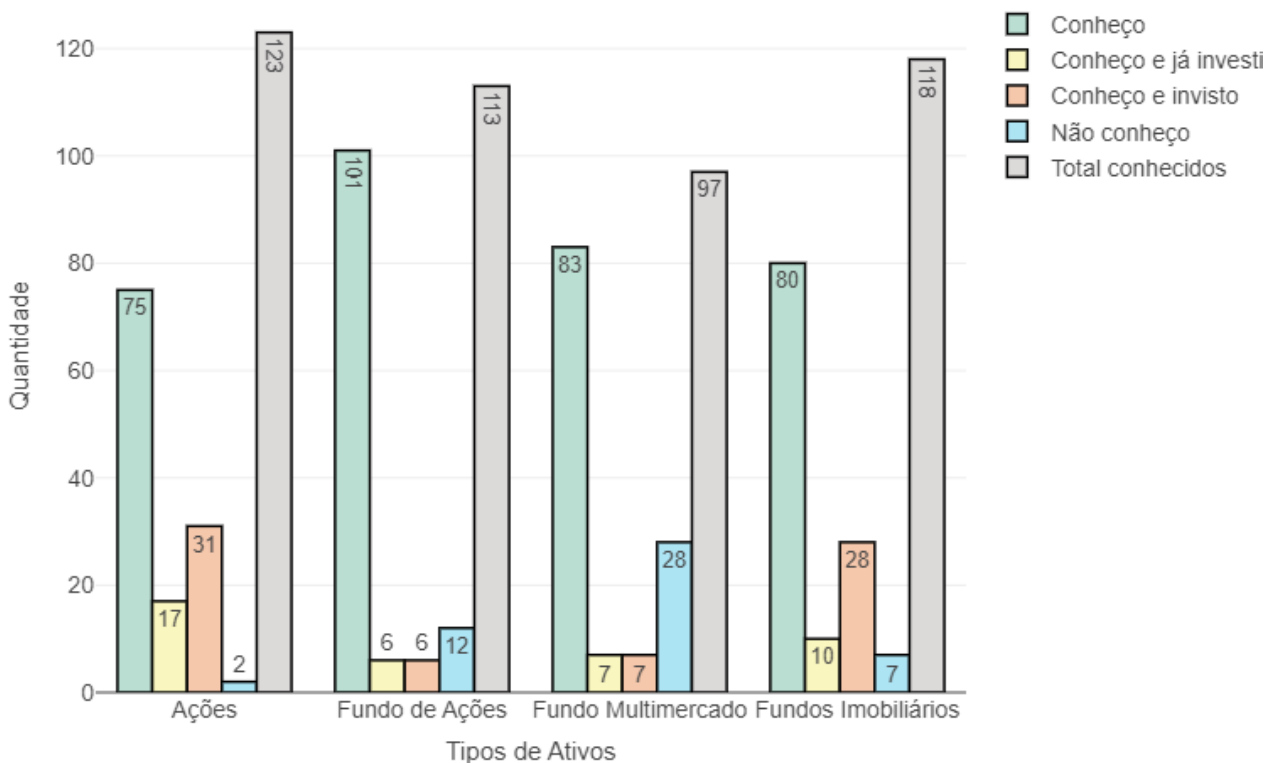
Gráfico 42 - Ativos de renda fixa emitidos por empresas e o governo (*pie*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Sobre os ativos financeiros, responda (*Renda Variável*):

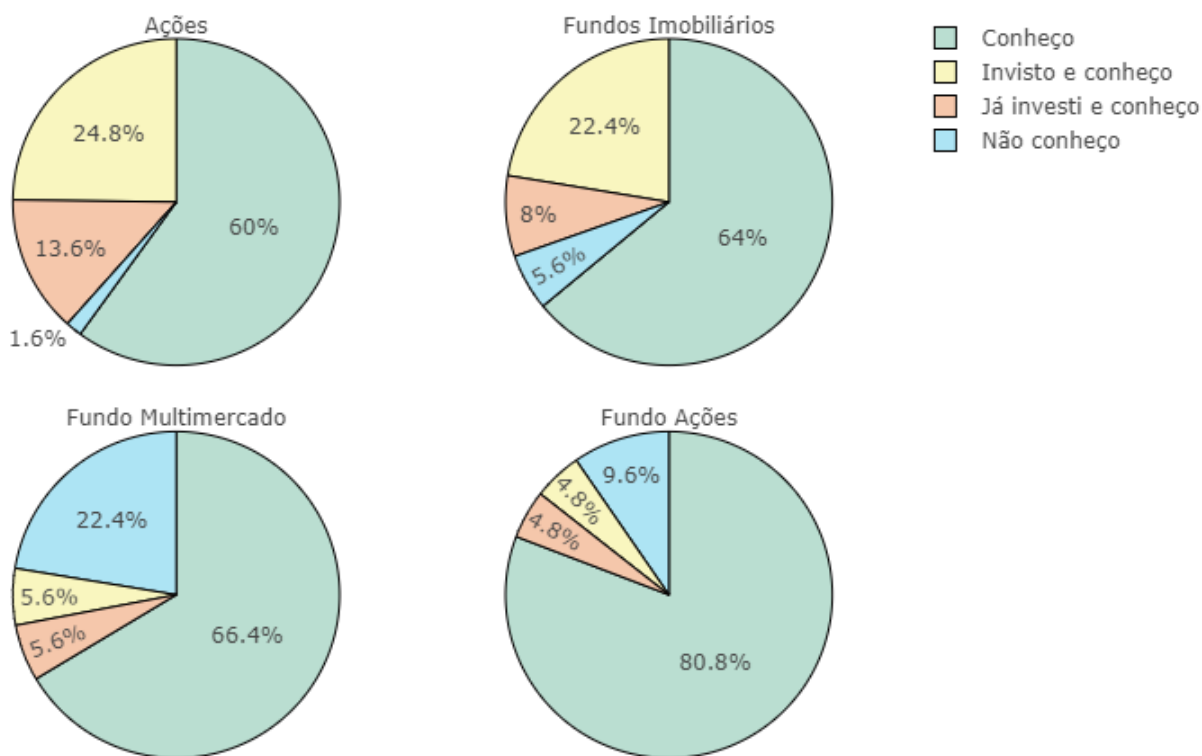
Para os ativos da renda variável, o mais conhecido são as Ações, 123 discentes, o menos conhecido são os Fundos Multimercado, 36 discentes e o ativo que os entrevistados mais investem são as Ações, 28 discentes, dados dos Gráficos 43 e 44.

Gráfico 43 - Ativos de renda variável (bar)



Fonte: dados da pesquisa por R Markdown, 2022.

Gráfico 44 - Ativos de renda variável (pie)

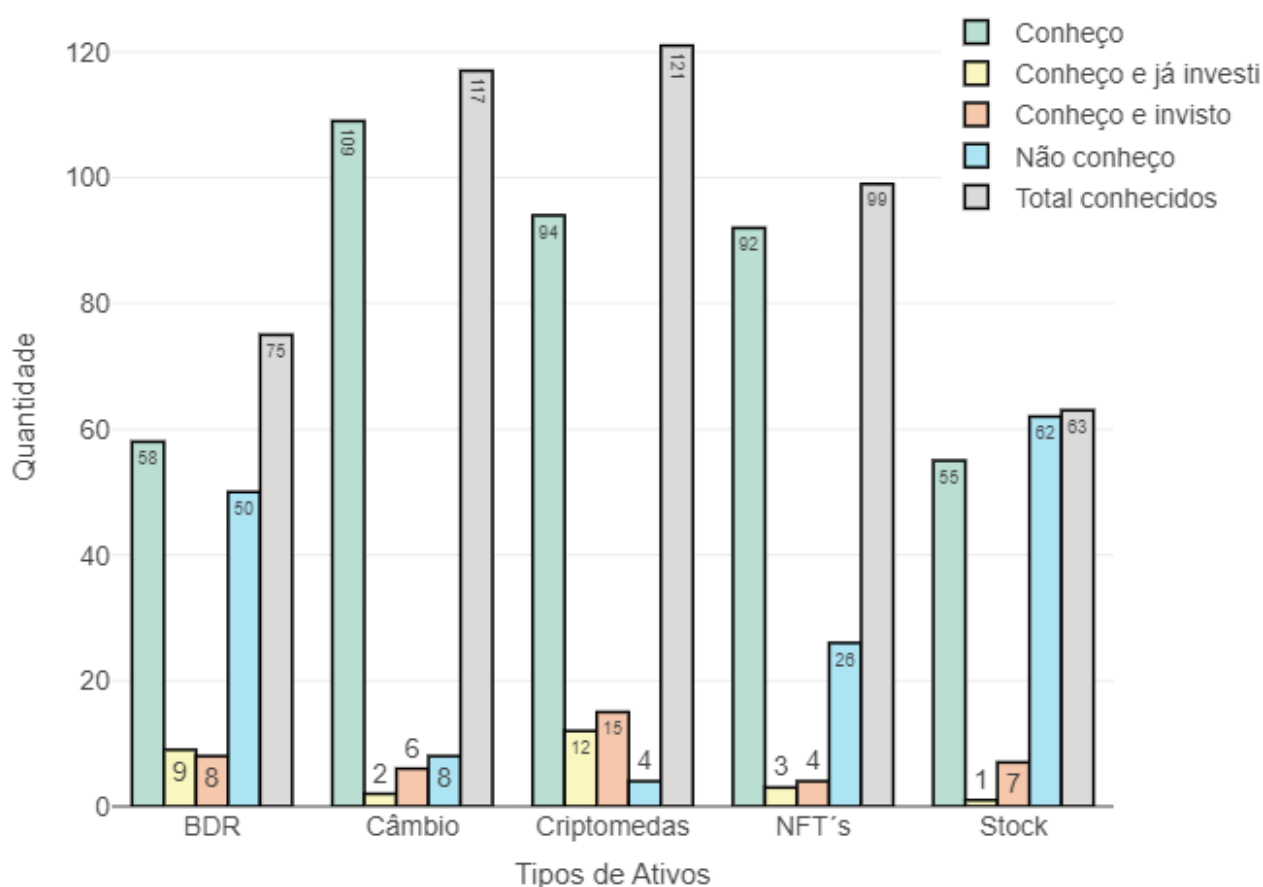


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

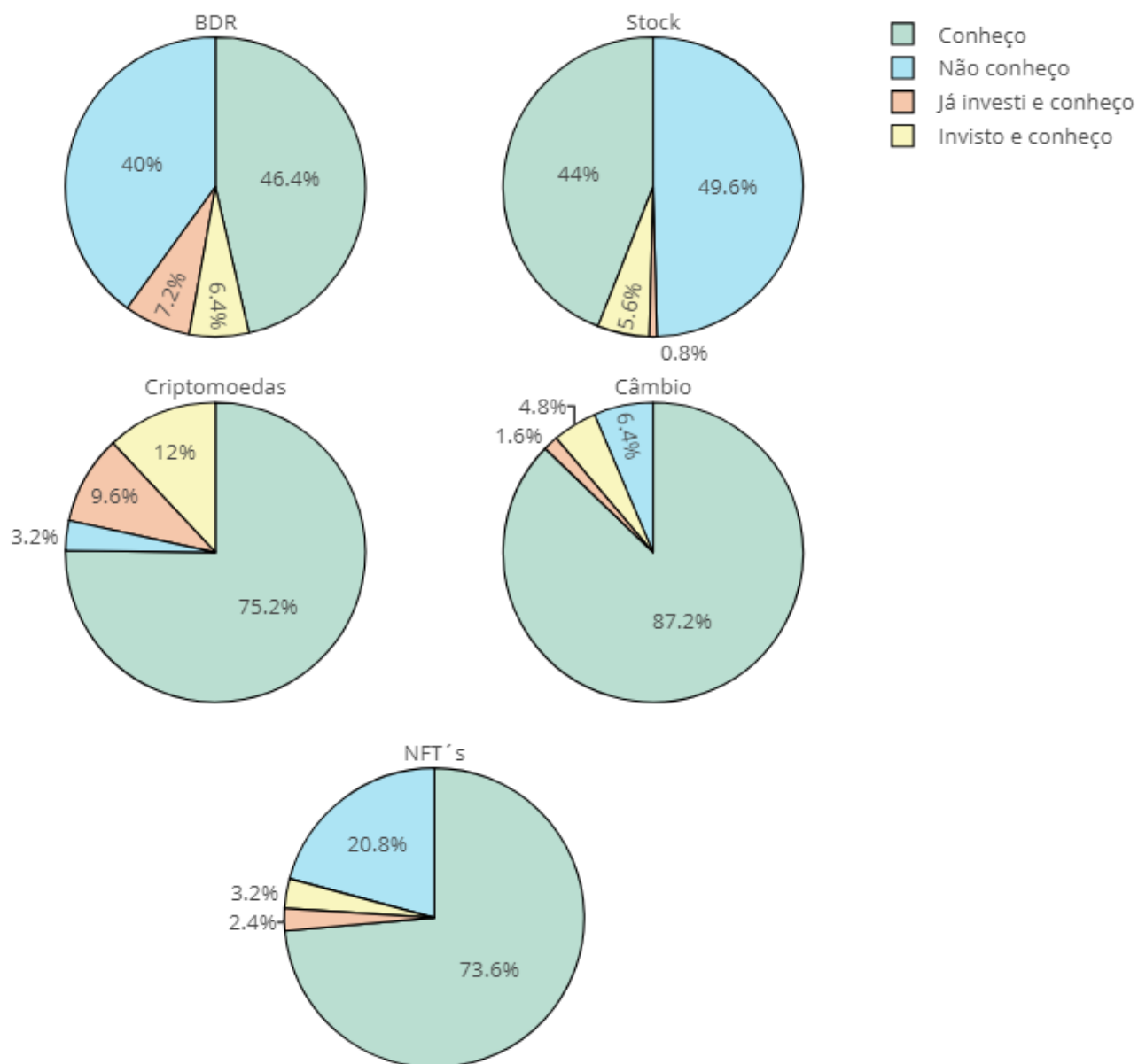
- Sobre os ativos financeiros, responda (Renda Variável Internacional):

Para os ativos da renda variável internacional, Gráficos 45 e 46, o mais conhecido são as Criptomoedas, 121 discentes, o menos conhecido são as *Stocks* (fração do capital social de uma empresa americana, são as ações de bolsas do exterior), 62 discentes e o ativo que os entrevistados mais investem são as Criptomoedas, 15 discentes.

Gráfico 45 - Ativos de renda variável internacional (*bar*)



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Gráfico 46 - Ativos de renda variável internacional (*pie*)

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Ativos mais conhecidos:

Considerando todas as opções listadas, o ativo financeiro mais conhecido são as Ações (fração do capital social de uma empresa), 98,40%, ou seja, 123 entrevistados afirmam que “conheço”, “conheço e já investi” ou “conheço e invisto”. O segundo e terceiro ativos mais conhecidos são a criptomoedas e os fundos imobiliários, 96,80% (121 entrevistados) e 94,40% (118 entrevistados), respectivamente, informações disponíveis na Tabela 9.

Tabela 9 - Ativos financeiros mais conhecidos

	Ativos mais conhecidos	Quantidade_1	percent_1
1	Ações	123	98.40%
2	Criptomoedas	121	96.80%
3	Fundos Imobiliários	118	94.40%
4	Câmbio	117	93.60%
5	NFT's	117	93.60%
6	CDB	113	90.40%
7	Fundo de Ações	113	90.40%
8	Poupança	108	86.40%
9	Títulos Públicos Federais	99	79.20%
10	LCA	97	77.60%
11	Fundo Multimercado	97	77.60%
12	LCI	89	71.20%
13	Debêntures	89	71.20%
14	BDR	75	60.00%
15	Stock	63	50.40%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Ativos menos conhecidos:

Considerando todas as opções listadas, o ativo financeiro menos conhecido são as *Stocks*, 49.60%, ou seja, 62 entrevistados afirmam que “não conheço”. O segundo e terceiro ativos menos conhecidos são as *BDR's* e a *LCI*, 40% (50 entrevistados) e 28,80% (36 entrevistados), respectivamente, dados da Tabela 10.

Tabela 10 - Ativos financeiros menos conhecidos

	Ativos menos conhecidos	Quantidade_2	percent_2
1	Stock	62	49.60%
2	BDR	50	40.00%
3	LCI	36	28.80%
4	Debêntures	36	28.80%
5	LCA	28	22.40%
6	Fundo Multimercado	28	22.40%
7	Títulos Públicos Federais	26	20.80%
8	Poupança	17	13.60%
9	CDB	12	9.60%
10	Fundo de Ações	12	9.60%
11	Câmbio	8	6.40%
12	NFT's	8	6.40%
13	Fundos Imobiliários	7	5.60%
14	Criptomedas	4	3.20%
15	Ações	2	1.60%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Ativos mais investidos:

Considerando todas as opções listadas, o ativo financeiro mais investido é a Poupança, 30,40%, ou seja, 38 entrevistados afirmam que “conheço e invisto”. O segundo e terceiro ativos mais investidos são as Ações e os Fundos Imobiliários, 24,80% (31 entrevistados) e 22,40% (28 entrevistados), respectivamente, informações disponíveis na Tabela 11.

Tabela 11 - Ativos financeiros mais investidos

	Ativos mais investidos	Quantidade_3	percent_3
1	Poupança	38	30.40%
2	Ações	31	24.80%
3	Fundos Imobiliários	28	22.40%
4	Criptomedas	15	12.00%
5	Debêntures	14	11.20%
6	CDB	11	8.80%
7	BDR	8	6.40%
8	LCA	7	5.60%
9	Fundo Multimercado	7	5.60%
10	Stock	7	5.60%
11	Fundo de Ações	6	4.80%
12	Câmbio	6	4.80%
13	NFT's	6	4.80%
14	LCI	5	4.00%
15	Títulos Públicos Federais	3	2.40%

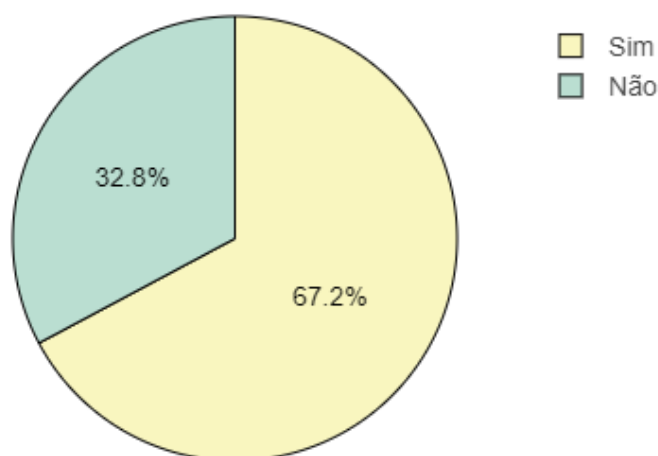
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.6 Finanças Comportamentais

- *Você sabe o que é um viés comportamental?*

Para essa questão, 67,2% dos entrevistados afirmam saber o que é um viés comportamental e 32,8% não sabem, Gráfico 47. Conforme esperado, uma parcela relevante dos entrevistados de fato não possui o conhecimento sobre o que é um viés comportamental, conhecidos também como atalhos mentais que o cérebro usa para tomar uma decisão em determinadas situações.

Gráfico 47 - Conhecimento sobre viés comportamental

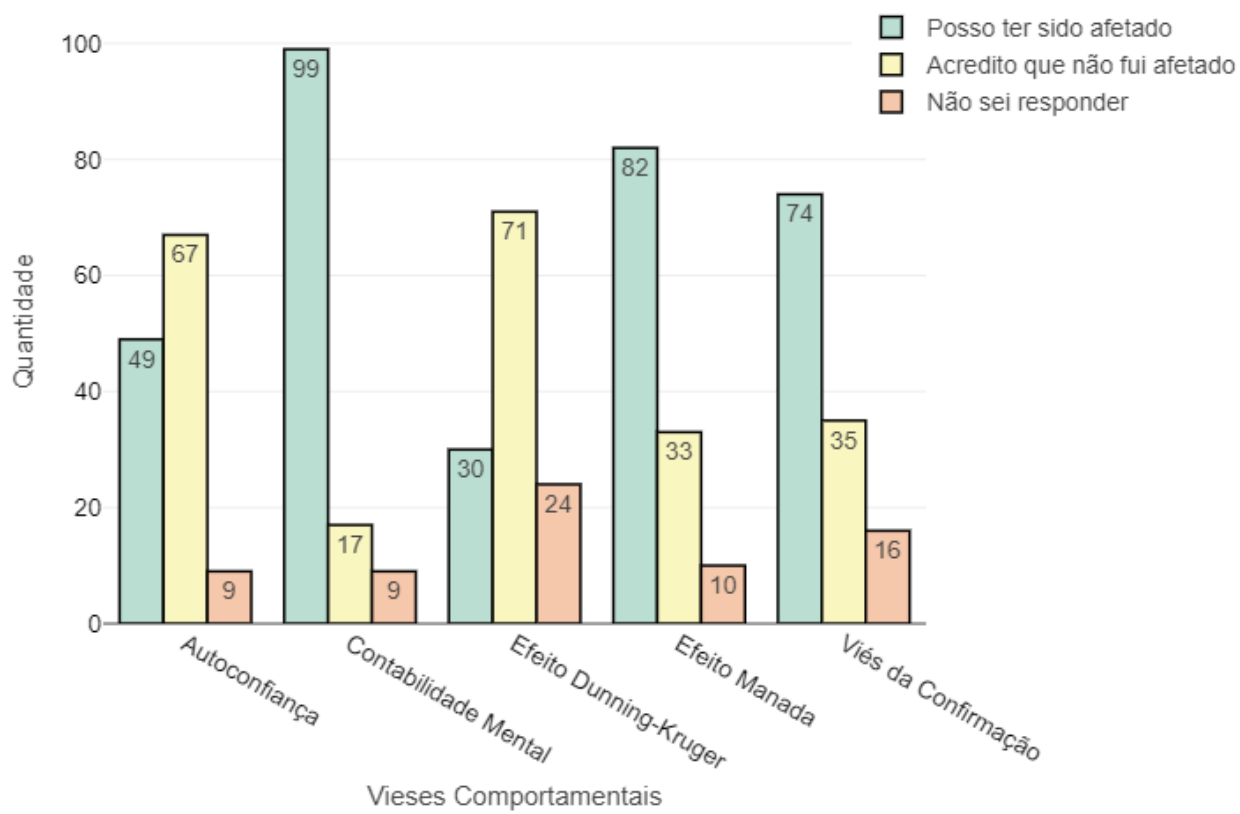


Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

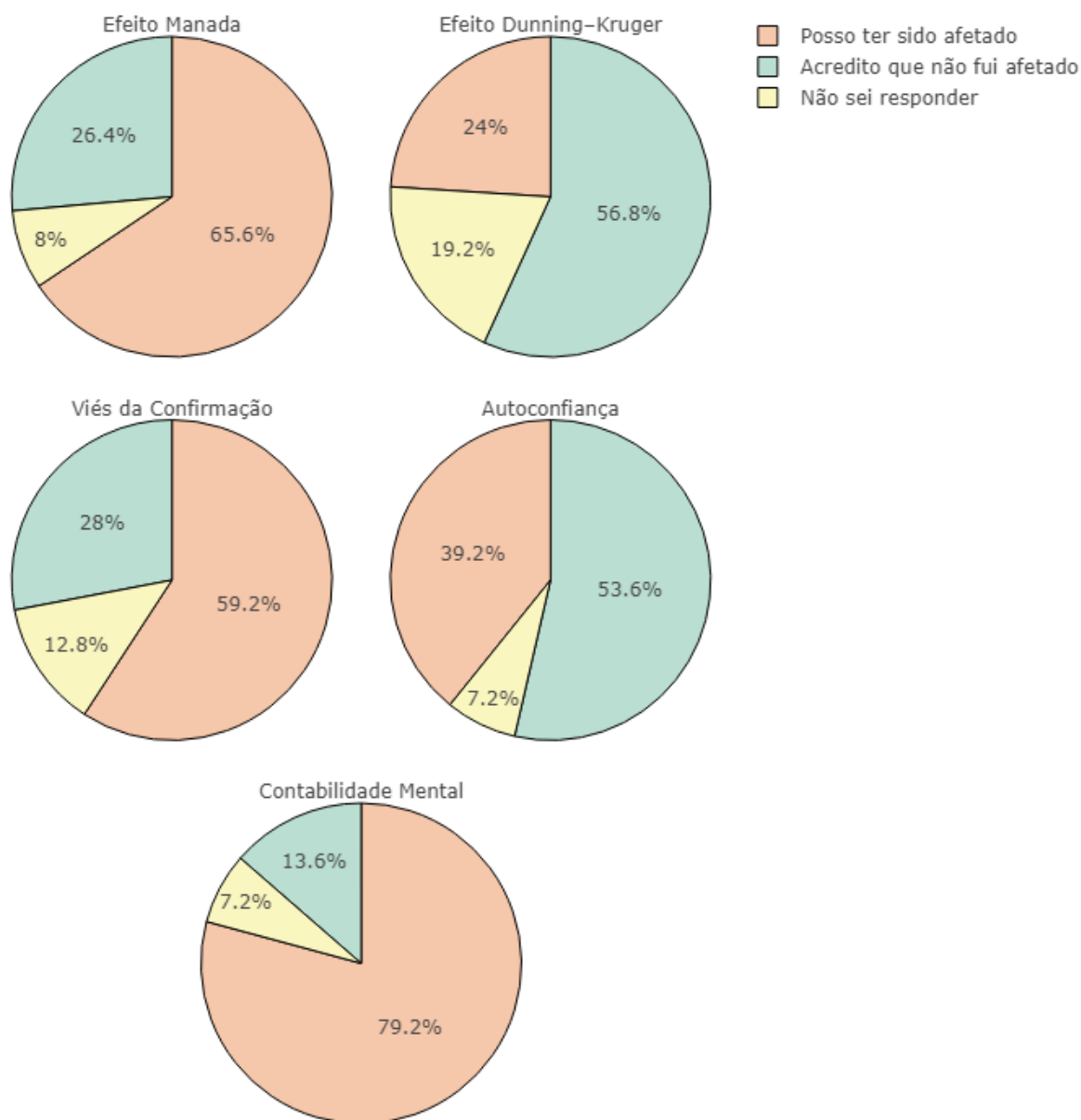
- Sabendo ou não o que é um viés comportamental, marque o(s) viés(es) que você acha que já te afetaram com base na descrição de cada um:

O objetivo da questão é mapear quais dos principais vieses comportamentais estudados atualmente afetaram ou não a vida dos entrevistados. Conforme elucidado nos Gráficos 48 e 49, o viés comportamental que os discentes mais acreditam que possam ter sido afetados é a Contabilidade Mental, tendo um percentual de 79,2% (99 entrevistados), conforme descrito no próprio questionário, é o conjunto de processos mentais humanos que, se valendo das cognições, nos auxiliam a pensar e categorizar o dinheiro que temos, de forma resumida, é o processo do indivíduo fazer cálculos e previsões mentais para tomar uma decisão de consumo, investimento, etc.

O viés comportamental que os discentes consideram terem sido menos afetados é o Efeito *Dunning-Kruger*, tendo um percentual de 56,8% (71 entrevistados), conforme descrito no próprio questionário, é um viés cognitivo que leva as pessoas que têm pouco conhecimento sobre um assunto a supervalorizar o próprio conhecimento, enquanto os experts no tema subestimam a própria capacidade. Para a opção “não sei responder”, esta foi mais utilizada para a opção do Efeito *Dunning-Kruger*, o que já era esperado, tendo em vista que ele se aplica durante o processo de aprendizado de um determinado tema, assumir desconhecimento parcial ou total sobre o assunto no qual se está aprendendo pode ser algo difícil de ser feito e analisado, além disso, esse viés apresenta uma definição mais complexa e intangível.

Gráfico 48 - Impacto de vieses comportamentais (*bar*)

Fonte: dados da pesquisa por R Markdown, 2022.

Gráfico 49 - Impacto de vieses comportamentais (*pie*)

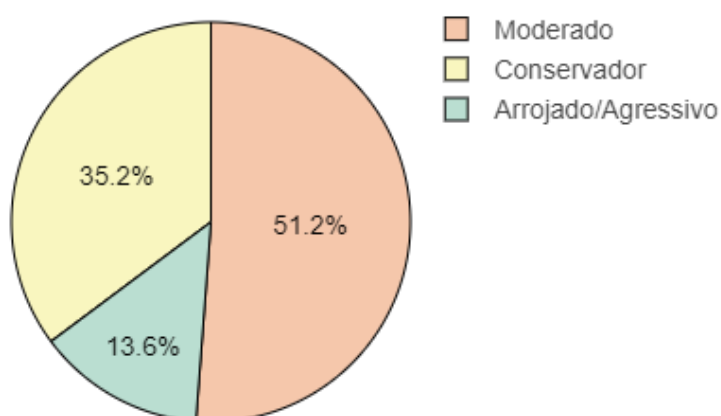
Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

- Caso já invista ou se fosse investir, você acha que se encaixaria em qual dos perfis de investidor abaixo?

Em relação aos perfis de investidor, dentre os três principais e mais utilizados em análises de corretoras e bancos, 51,2% afirmam que se encaixariam no perfil moderado (forte interesse pela segurança, mas está disposta a abrir mão de parte dela às vezes para ter retornos melhores), 35,2% no perfil conservador (prefere investir em opções que oferecem baixo risco,

consequentemente baixo retorno) e 13,6% no perfil arrojado/agressivo (está disposto a perder parte do seu patrimônio em busca de ganhos futuros, o foco são os retornos), dados do Gráfico 50. Os resultados condizem com o esperado, porque normalmente a maioria dos investidores tendem a possuir um perfil entre o conversador e o moderado.

Gráfico 50 - Perfil de investidor



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.7 Análise Cruzada dos Dados

Esse tópico do trabalho busca analisar a relação entre as variáveis, o objetivo é investigar se as respostas dos entrevistados se adequam entre si e se as hipóteses esperadas são de fato verificadas e consequentemente permitem algumas conclusões em relação ao tema estudado. Para atender aos objetivos elucidados, foram estipulados questionamentos e posteriormente feita uma análise na base de dados para saber como os respondentes se comportaram em relação aos pressupostos sugeridos.

De acordo com a Tabela 12, em relação aos entrevistados que afirmam possuir um alto conhecimento sobre educação financeira, a tabela mostra que ao menos 50% desse subgrupo poupa e investe entre 25% e 40% da renda e 25% poupam e investem entre 10% e 25% da renda, fato que faz sentido, tendo em vista que ao possuir uma noção mais estruturada sobre educação financeira, o agente tem uma maior propensão para poupar e investir, além disso, esse tipo de atitude pode ser tornar um hábito na hora do planejamento e gerenciamento das receitas e despesas.

Tabela 12 - Nível de conhecimento alto e percentual poupado e investido

	Nível de Conhecimento	Percentual poupar e investir	Percentual
1	Conhecimento alto	Entre 25% e 40%	50%
2	Conhecimento alto	Entre 10% e 25%	25%
3	Conhecimento alto	Até 10%	15%
4	Conhecimento alto	Não destino percentual para poupar e investir	5%
5	Conhecimento alto	Mais que 40%	5%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Conforme a Tabela 13, em relação aos entrevistados que afirmam possuir um baixo conhecimento sobre educação financeira, a tabela mostra que ao menos 41% desse subgrupo não destina percentual da renda para poupar e investir e 33% afirmam que poupam e investem entre 10% e 25%. Com base no percentual dominante do subgrupo, é esperado que indivíduos que julgam possuir um baixo nível de conhecimento em educação financeira, de fato não poupem e invistam uma parcela da sua renda. Esse desconhecimento pode fazer com que o indivíduo não possua uma perspectiva de abdicar de um consumo no presente para a construção e crescimento patrimonial.

Tabela 13 - Nível de conhecimento baixo e percentual poupado e investido

	Nível de Conhecimento	Percentual poupar e investir	Percentual
1	Conhecimento baixo	Não destino percentual para poupar e investir	41%
2	Conhecimento baixo	Entre 10% e 25%	33%
3	Conhecimento baixo	Entre 25% e 40%	15%
4	Conhecimento baixo	Até 10%	11%
5	Conhecimento baixo	Mais que 40%	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Em relação a frase “Preocupações com as despesas e compromissos financeiros são motivo de estresse” e o nível de conhecimento dos entrevistados, é possível analisar que há um equilíbrio entre essas variáveis, ou seja, mesmo que haja um maior conhecimento sobre Educação Financeira, as despesas e compromissos financeiros ainda são motivos de preocupação para os indivíduos e seus respectivos ambientes familiares, em diferentes escalas, conforme a Tabela 14.

Tabela 14 - Nível de conhecimento alto e problemas financeiro no ambiente familiar

	Nível de Conhecimento	Problemas Financeiros no Ambiente Familiar	Percentual
1	Conhecimento alto	Pouco	25%
2	Conhecimento alto	Mais ou menos	25%
3	Conhecimento alto	Totalmente	25%
4	Conhecimento alto	Muito	15%
5	Conhecimento alto	Nada	10%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Partindo da análise da Tabela 15, no caso dos respondentes que afirmam possuir um conhecimento baixo, é possível concluir que mais de 60% dos entrevistados sentem-se muito ou mais ou menos preocupados com as despesas e compromissos financeiros em seu ambiente familiar.

Tabela 15 - Nível de conhecimento baixo e problemas financeiro no ambiente familiar

	Nível de Conhecimento	Problemas Financeiros no Ambiente Familiar	Percentual
1	Conhecimento baixo	Mais ou menos	33.3%
2	Conhecimento baixo	Muito	33.3%
3	Conhecimento baixo	Pouco	22.2%
4	Conhecimento baixo	Totalmente	7.4%
5	Conhecimento baixo	Nada	3.7%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Para as classes de ativos e o nível de conhecimento dos entrevistados, a maior parcela que julga possuir um alto conhecimento sobre educação financeira aloca seus recursos em ativos de Renda Fixa e Renda Variável, essa ocorrência é coerente, pois um dos critérios mais recomendados por profissionais do mercado em relação aos investimentos é a diversificação, tanto para as classes quanto para os ativos em si, a Tabela 16 embasa essa afirmação.

Tabela 16 - Nível de conhecimento alto e classe de ativos investidos

	Nível de Conhecimento	Classe de Ativos Investidos	Percentual
1	Conhecimento alto	Renda Fixa e Renda Variável	65%
2	Conhecimento alto	Renda Fixa	20%
3	Conhecimento alto	Não investido	10%
4	Conhecimento alto	Renda Variável	5%
5	Conhecimento alto	Não investido e não sei diferenciar as duas classes	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Partindo do mesmo princípio comparativo do parágrafo anterior, só que focando nos entrevistados que afirmam possuir um baixo conhecimento sobre educação financeira, 48% afirmam que não investem e 22% afirmam que além de não investirem, também não sabem qual a diferença entre a renda fixa e a renda variável, dados da Tabela 17. Pelo fato da característica inicial de uma fraca compreensão dos temas que envolvem a educação financeira, é de se esperar que estes não tenham o hábito de investir seu excedente da renda e que conseqüentemente não dominem os termos e definições do âmbito de investimentos.

Tabela 17 - Nível de conhecimento baixo e classe de ativos investidos

	Nível de Conhecimento	Classe de Ativos Investidos	Percentual
1	Conhecimento baixo	Não investido	48%
2	Conhecimento baixo	Não investido e não sei diferenciar as duas classes	22%
3	Conhecimento baixo	Renda Fixa	15%
4	Conhecimento baixo	Renda Fixa e Renda Variável	15%
5	Conhecimento baixo	Renda Variável	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Ainda em relação às classes de ativos para as quais os entrevistados destinam seus recursos ou optam por não investir, para o subgrupo que afirma possuir um maior conhecimento sobre o subtema de investimentos quando comparado aos outros três subtemas, é possível notar que mais de 50% dos entrevistados afirmam investir em renda fixa e renda variável, 20% apenas em renda variável, 16% em renda fixa e 12% não investem seus recursos, a Tabela 18 mostra uma similaridade de dados com a Tabela 16.

Tabela 18 - Subtema mais conhecido e classe de ativos investidos

	Subtema mais conhecido	Classe de Ativos Investidos	Percentual
1	Investimentos	Renda Fixa e Renda Variável	52%
2	Investimentos	Renda Variável	20%
3	Investimentos	Renda Fixa	16%
4	Investimentos	Não investido	12%
5	Investimentos	Não investido e não sei diferenciar as duas classes	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

De forma inversa ao item anterior, dentre os entrevistados que afirmam possuir menos conhecimento sobre o subtema de investimentos quando comparado aos outros três subtemas,

60% afirmam que não investem, alinhando-se com o esperado, dados da Tabela 19. O fato de existir um distanciamento e um menor nível de compreensão sobre o tema pode fazer com que os indivíduos de fato não tenham um interesse em alocar seu capital.

Tabela 19 - Subtema menos conhecido e classe de ativos investidos

	Subtema menos conhecido	Classe de Ativos Investidos	Percentual
1	Investimentos	Não invisto	60%
2	Investimentos	Renda Fixa	16%
3	Investimentos	Não invisto e não sei diferenciar as duas classes	14%
4	Investimentos	Renda Fixa e Renda Variável	8%
5	Investimentos	Renda Variável	2%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Visando analisar se os entrevistados que julgam possuir um maior conhecimento sobre educação financeira também possuem maior segurança para investir e gerir seus próprios recursos, a tabela abaixo mostra que essa hipótese é parcialmente verdadeira, tendo em vista que 50% sentem-se razoavelmente seguros e 50% sentem-se muito seguros, um fato relevante é que desse subgrupo, nenhum indivíduo respondeu que se sente nada seguro ou não muito seguro, com base na Tabela 20. É factível que os indivíduos que possuam uma maior relação com a educação financeira, também possuam um maior domínio no quesito de administrar e alocar seus recursos pessoais ou até mesmo em terceirizar essa atividade e consequentemente aprender a entender através da ajuda de um profissional.

Tabela 20 - Nível de conhecimento alto e segurança para gerir e investir

	Nível de Conhecimento	Segurança para Gerir e Investir	Percentual
1	Conhecimento alto	Razoavelmente seguro	50%
2	Conhecimento alto	Muito seguro	50%
3	Conhecimento alto	Nada seguro	0%
4	Conhecimento alto	Não muito seguro	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Igualmente estruturada como o parágrafo anterior, no caso dos respondentes que afirmam possuir um conhecimento baixo, é possível concluir que mais de 41% dos entrevistados sentem-se muito razoavelmente seguros para investir e gerir seus recursos e os demais, 59%, pontuam que se sentem nada seguro ou não muito seguro, Tabela 21. Comumente

as pessoas possuem uma visão de complexidade em relação ao espectro de investimentos, principalmente quando há uma baixa proximidade com o tema, conforme o caso dos entrevistados selecionados nesse tópico.

Tabela 21 - Nível de conhecimento baixo e segurança para gerir e investir

	Nível de Conhecimento	Segurança para Gerir e Investir	Percentual
1	Conhecimento baixo	Razoavelmente seguro	41%
2	Conhecimento baixo	Não muito seguro	37%
3	Conhecimento baixo	Nada seguro	22%
4	Conhecimento baixo	Muito seguro	0%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

No que tange os meses de valores poupados e investidos na situação de não se obter novas receitas, também conhecido como reserva de emergências e os entrevistados que julgam possuir um alto nível de conhecimento sobre educação financeira, 45% possuem de 1 a 6 meses, 25% possuem mais de um ano, 20% possuem de 7 a 12 meses e 10% possuem menos que um mês, percentuais da Tabela 22. Os dados mostram que o indivíduo que possui maior compreensão sobre os temas que circundam a educação financeira também tendem a ter maiores períodos de reserva de emergência acumulada.

Tabela 22 - Nível de conhecimento alto e reserva de emergência

	Nível de Conhecimento	Reserva de Emergência para se manter	Percentual
1	Conhecimento alto	De 1 a 6 meses	45%
2	Conhecimento alto	Mais de um ano	25%
3	Conhecimento alto	de 7 a 12 meses	20%
4	Conhecimento alto	Nem 1 mês	10%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

No caso dos entrevistados que afirmam possuir um baixo nível de conhecimento sobre educação financeira, mais de 50% de pessoas desse subgrupo afirmam que possuem menos de um mês de reserva de emergência acumulada, ou seja, caso houvesse alguma surpresa em seu orçamento, estes dificilmente conseguiriam arcar de forma saudável financeiramente. Para as demais opções, 37% afirmam possui de 1 a 6 meses, 7,4% de 7 a 12 meses e 3,7% possuem mais de um ano de reserva de emergência, de acordo com a Tabela 23.

Tabela 23 - Nível de conhecimento baixo e reserva de emergência

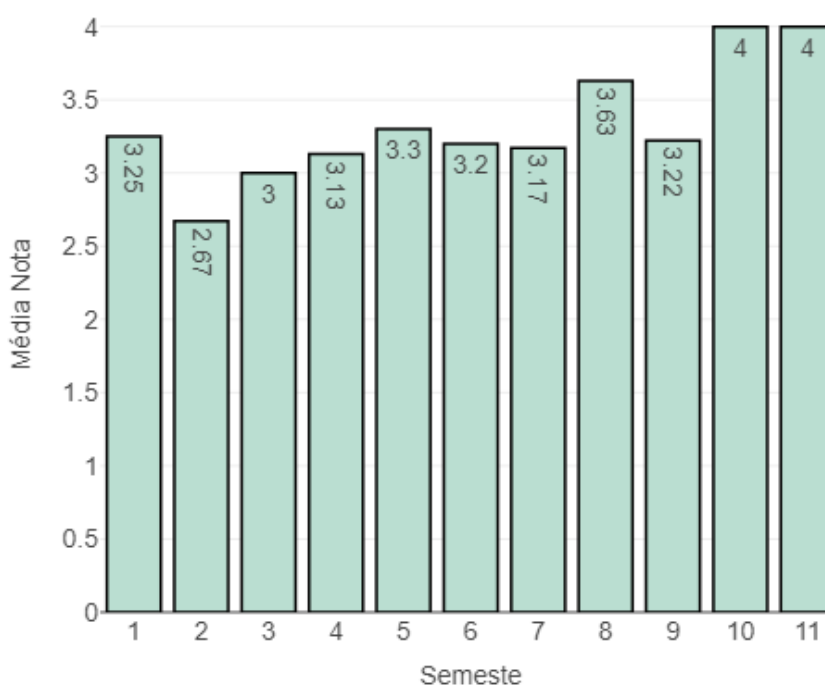
	Nível de Conhecimento	Reserva de Emergência para se manter	Percentual
1	Conhecimento baixo	Nem 1 mês	51.9%
2	Conhecimento baixo	De 1 a 6 meses	37.0%
3	Conhecimento baixo	de 7 a 12 meses	7.4%
4	Conhecimento baixo	Mais de um ano	3.7%

Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

Os Gráficos 51, 52 e 53 elucidam quais as diferenças de nível de conhecimento sobre educação financeira em uma escala de 0 a 5 com base no semestre que o indivíduo está cursando, a idade e o nível de renda. A partir dos dados, pode-se concluir que estes indicadores possuem um impacto direto na nota em que os entrevistados dão para seu nível de educação financeira.

O Gráfico 51 permite deduzir que os indivíduos que estão em semestres mais a frente julgam possuir uma nota melhor para o seu nível de conhecimento em relação aos subtemas que circundam a educação financeira. Para os discentes do segundo semestre, a média de nota foi de 2.67, em relação ao quinto semestre a média foi de 3.3, para o oitavo semestre a média foi de 3.63 e os semestre dez e onze apresentaram uma média de 4, nota-se um crescimento gradual de em relação ao semestre que o discente está cursando.

Gráfico 51 - Semestre e nota para nível de conhecimento



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

A partir do Gráfico 52 é possível estipular que para a amostra coletada, quanto maior o nível de renda do entrevistado, maior tende a ser a nota que este julga ter, em relação ao seu nível de educação financeira. Para os respondentes que ganham até R\$ 1.000,00 a média foi de 3.06, para os que ganham entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00 a média foi de 3.09. É possível observar que para faixas salariais mais elevadas, R\$ 3.501,00 até R\$ 5.000,00 e acima de R\$ 5.000,00 a média foi de 3.67 e 3.88, respectivamente.

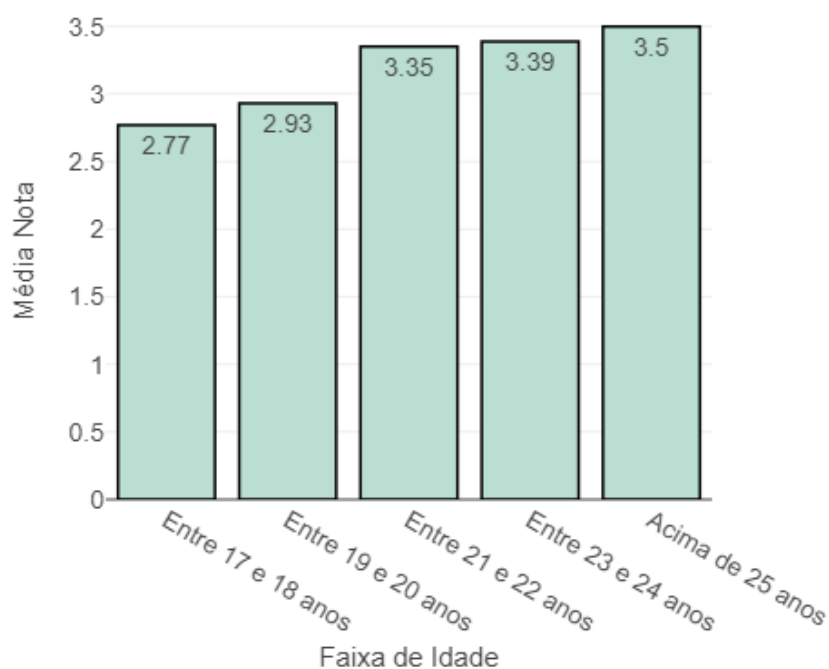
Gráfico 52 - Faixa de renda mensal e nota para nível de conhecimento



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

O Gráfico 53 elucidada a relação entre a faixa de idade e a média da nota para o nível de conhecimento dos discentes. Os dados mostram que faixas etárias maiores tendem a ter indivíduos com notas maiores, de um ponto de vista médio. A nota média mais baixa, 2.77, pertence aos entrevistados mais jovens, entre 17 e 18 anos. A nota média mais alto, 3.5, consta para os respondentes mais velhos, acima de 25 anos. Para as demais opções observa-se que esse padrão é seguido.

Gráfico 53 - Faixa de idade e nota para nível de conhecimento



Fonte: dados da pesquisa por *R Markdown*, 2022.

6.8 Perfil Médio dos Entrevistados

A análise dos dados também permitiu a estruturação de um perfil médio para os entrevistados com base nos subtemas abordados no questionário, para as variáveis qualitativas utilizou-se a moda e a mediana, para as variáveis quantitativas utilizou-se a média, vale ressaltar que algumas variáveis qualitativas foram ranqueadas com base em um ordenamento fatorial através da linguagem de programação *R Studio*.

Optou-se por utilizar a mediana, nas variáveis que eram possíveis, pelo fato de que essa é uma medida melhor de ponto médio porque podem existir casos em que um pequeno número de valores discrepantes poderia distorcer a média drasticamente, além disso, a maior parte do questionário possui respostas divididas em intervalos, ao invés de valores inteiros, esse fato dificulta o uso da média como medida padrão para todas as variáveis utilizadas na pesquisa.

O perfil médio de conhecimento sobre educação financeira dos discentes da FEAAC, com base nos dados, estruturou-se da seguinte forma:

- Entre 21 e 22 anos
- Faixa de renda entre R\$ 1.001,00 até R\$ 2.000,00
- Nível de conhecimento moderado sobre educação financeira

- Principais ambientes de aprendizado: internet e universidade
- Acreditam que a educação financeira deve ser ensinada nas escolas
- Nota para o nível de conhecimento sobre educação financeira (média 3.23 e mediana 3)
- Possuem menos conhecimento sobre o subtema de investimentos
- Possuem mais conhecimento sobre o subtema de finanças pessoais
- Pouparam e investem entre 10% e 25% da renda mensal
- Possuem uma reserva de emergência de 1 a 6 meses
- Apenas ouviu falar dos indicadores e taxas: IPCA-15, Taxa DI, Índice de Gini, Risco País (EMBI+), Índice de Liberdade Econômica, Confiança do Consumidor
- Sabe a utilidade e/ou impacto dos indicadores e taxas: IPCA, IGP-M, Taxa Selic, PIB, PIB per capita, IDH
- Entendem a dinâmica básica de oferta e demanda de acordo com os preços de um produto
- Possuem uma noção básica sobre o valor do dinheiro no tempo
- Não investem (para a parcela que investe, o ativo financeiro mais utilizado é a poupança)
- Acham a idade de empreender interessante
- Já possuem planos para a aposentadoria
- Conhecem os ativos: ações, criptomoedas, fundos imobiliários e câmbio
- Desconhecem os ativos: *stocks*, *BDR's*, *LCI's*, debêntures e *LCA's*
- Sabem o que é um viés comportamental
- Acreditam ter sido mais afetados pelo viés comportamental da contabilidade mental
- Acreditam ter sido menos afetados pelo viés comportamental efeito *dunning-kruger*

7 CONCLUSÃO

O presente trabalho possui como principal objetivo, a análise do perfil de conhecimento dos discentes da FEAAC, através de um instrumento para coleta de dados fundamentado por uma nova abordagem para o tema educação financeira. Acredita-se que essa ainda seja uma abordagem introdutória e que deverá passar por mais processos de estudo, criação e disseminação dos conceitos e experiências ligados ao tema e subtemas que embasam a educação financeira. A expectativa é que a partir de uma divisão da temática geral em subtemas, cria-se um caminho de aprendizado mais didático e agregador.

Em relação ao objetivo de análise e estruturação de perfil, é possível concluir que ambos puderam ser feitos com uma parcela esperada e relevante da população, além disso, no que tange a análise e interpretação dos dados, é possível observar que dos resultados esperados, a maior parte se concretizou e atendeu ao que se foi proposto. O questionário conseguiu abranger de forma significativa os perfis dos entrevistados, a educação financeira em geral e seus respectivos subtemas, permitindo assim uma análise embasada e elucidativa sobre os níveis de educação financeira dos discentes da FEAAC, juntamente com a composição de um perfil médio para este fim.

Em conclusão, ao compilar os dois objetivos principais com a proposta geral do trabalho, torna-se necessário reafirmar o papel essencial que a educação financeira possui na vida de uma pessoa, impactando a si mesma bem como seu ciclo social, essa ideia pode ser corroborada a partir dos dados dos entrevistados disponibilizados através de meios escritos e gráficos.

Apesar de ainda ser considerado um tema novo e pouco disseminado na maioria das regiões do país, é necessário que existam mais instituições e ações que fomentem essa temática, a fim de futuramente serem colhidos os benefícios de educar financeiramente uma população, independentemente do nível de renda. A ideia de que investir, organizar-se financeiramente e entender sobre economia e comportamento é algo complexo e feito apenas por quem possui uma grande quantidade de dinheiro deve ser desestruturada o quanto antes, além de edificante do ponto de vista financeiro e pessoal, a educação financeira também deve ser inclusiva e de fácil compreensão, os dados mostram que um conhecimento moderado sobre o tema faz com que o indivíduo possua uma propensão maior para planejar, poupar, gerir e investir seu dinheiro da melhor forma possível, junto a isso, também buscar adquirir conhecimento sobre o tema através da internet, na universidade e demais ambientes.

7.1 Limitações da pesquisa

A maior parte da pesquisa se transcendeu sem maiores limitações, com exceção da parte de coleta dos dados através do questionário *online*, por conta do período eleitoral, que ocorreu de 2 de julho a 2 de outubro ou, em caso de segundo turno, até 30 de outubro, ações de divulgação e postagens em geral nas redes sociais da FEAAC, principal meio de contato para com os discentes, precisaram seguir algumas restrições, esse fato impossibilitou que o questionário pudesse ser amplamente divulgado pelos meios sociais da instituição. A opção encontrada foi a divulgação através das coordenações dos respectivos cursos objetivados no trabalho, algumas se mostraram abertas para esse compartilhamento e outras não, esse fato explica, por exemplo, a baixa presença de respostas para os alunos do curso de Administração, as instituições representantes do curso, Centro Acadêmico e Coordenação, optaram por não realizar a divulgação do material através dos seus meios de contato com os alunos.

Ademais, outro ponto limitador foram algumas variáveis utilizadas no questionário, por exemplo, com o objetivo de não afugentar ou de certa forma constranger os discentes, optou-se por adicionar faixas de renda ao invés do valor exato, faixa de idade ao invés da idade exata, dentre outros detalhes específicos pensados e praticados durante a estruturação de perguntas para a enquete. Ainda no que tange o questionário, a quantidade de perguntas também era um fato que poderia ser uma dificuldade, porém, optou-se por métodos de questionamento que deixasse o material mais dinâmico e fácil de ser respondido, principalmente com questões mais diretas, respostas únicas e em formato de matriz, ao se tratar das ativos financeiros e dos indicadores e taxas da macroeconomia

7.2 Sugestões de pesquisa

Para a sugestão de pesquisas futuras que foquem na educação financeira, seria válido que trabalhos posteriores focassem no embasamento de um subtema de forma mais específica, estruturando novos materiais e realizando pesquisas que permitissem um entendimento e uma análise mais desenvolvida sobre os impactos de um indivíduo deter ou não conhecimentos e experiências sobre determinado subtema. Outra sugestão seria analisar os impactos da presença da educação financeira na vida de indivíduos que possuem diferentes faixas etárias, desde crianças até os idosos, é racional partir do princípio que quanto maior e mais cedo o contato com materiais e experiências que envolvam educação financeira, mais educado financeiramente torna-se esse indivíduo, sendo assim, este possuirá uma capacidade e preparo para tomar melhores decisões referentes ao uso do seu dinheiro.

REFERÊNCIAS

24 vieses cognitivos que te impedem de ganhar mais dinheiro - GuiaInvest. Disponível em: <<https://site.guiainvest.com.br/24-vieses-cognitivos-que-te-impedem-de-ganhar-mais-dinheiro/#:~:text=Daniel%20Kahneman%20e%20Amos%20Tversky>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ADMIN. Investir para incrementar a aposentadoria pode ser um bom negócio - ABEFIN. Disponível em: <<https://abefin.org.br/investir-para-incrementar-a-aposentadoria-pode-ser-um-bom-negocio/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

ANBIMA. Raio X do investidor 2021 – ANBIMA. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2021.htm>.

ANBIMA. Raio X do investidor 2022 – ANBIMA. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2022.htm>.

Calculadora de tamanho de amostra | SurveyMonkey. SurveyMonkey, [s.d.].

CARLOS, A. et al. INVESTIMENTOS: UM ESTUDO DE CASO NA FORMAÇÃO DE POUPANÇA DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos17/28225319.pdf>>.

CLAUDINO, L. P. et al. Educação financeira e endividamento: um estudo de caso com servidores de uma instituição pública. Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, 2009.

Conquiste Sua Liberdade Financeira: Organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você | Amazon.com.br. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Conquiste-Liberdade-Financeira-Organize-Trabalhar/dp/8550802131>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CUNHA, M. P. O MERCADO FINANCEIRO CHEGA À SALA DE AULA: EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO POLÍTICA PÚBLICA NO BRASIL. Educação & Sociedade, v. 41, 2020.

CVM. QUADRO DE COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA PARA ADULTOS. Disponível em: <https://conteudo.cvm.gov.br/export/sites/cvm/noticias/anexos/2019/20191001_quadro_ocde_infe_competencias_alfabetizacao_financeira_adultos.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Daniel Kahneman, o psicólogo que ganhou o Nobel de Economia. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/perfil/daniel-kahneman/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Diferença entre microeconomia e macroeconomia e suas aplicações. Disponível em: <<https://www.diferenca.com/microeconomia-e-macroeconomia/#:~:text=A%20microeconomia%20%C3%A9%20o%20ramo>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

DISSE, P. QUE ACHAMOS QUE CONSUMIR É RUIM? - VIVENDO À V. **Consumo, consumo, consumo...** Disponível em: <<http://www.juniao.com.br/consumo-consumo-consumo/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

DONÁRIO, ARLINDO ALEGRE; SANTOS, RICARDO BORGES. **QUESTÕES FUNDAMENTAIS QUE QUALQUER SOCIEDADE TEM DE ENFRENTAR E COMO SE RESOLVEM NUMA ECONOMIA DE MERCADO.** 2013. 12 p. Artigo (CARS – Centro de Análise Económica de Regulação Social) - Universidade Autónoma de Lisboa, [S. l.], 2013.

Economia para leigos | Amazon.com.br. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Economia-Para-Leigos-Masaki-Flynn/dp/8576086433>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Economia: por que é importante entendê-la? Disponível em: <<https://empreenderdinheiro.com.br/economia/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Economista Sincero - YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/EconomistaSincero>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Finanças comportamentais: a aplicações no contexto brasileiro. Disponível em: <<https://www.fgv.br/rae/artigos/revista-rae-vol-41-num-2-ano-2001-nid-45389/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

FLYNN, SEAN MASAKI. **Economia para leigos.** 2013

FONSECA, STÉFANY BITTENCOURT. **FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E PERFIS DE INVESTIMENTOS.** Orientador: Francisco Vidal Barbosa. 2021. 48 p. Trabalho de conclusão (Curso de especialização em Finanças Empresariais) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZON, 2021.

GIRALDI, P.; SANTOS; ALEGRE, P. **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS ANÁLISE DO CONHECIMENTO FINANCEIRO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39212/000824860.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 out. 2022.

IBGE | Projeção da população. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. – Acesso em 19/09/2022

KELMARA, M. et al. **FINANÇAS PESSOAIS: ANÁLISE DOS GASTOS E DA PROPENSÃO AO ENDIVIDAMENTO EM ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/12semead/resultado/trabalhosPDF/385.pdf>>.

KICH, T. G. F. **Análise da influência da educação financeira nos vieses comportamentais framing, contabilidade mental e aversão à perda.** repositorio.ufsm.br, 5 abr. 2013.

KLAPPER, L.; LUSARDI, A.; VAN OUDHEUSDEN, P. **Financial Literacy Around the World: INSIGHTS FROM THE STANDARD & POOR'S RATINGS SERVICES GLOBAL FINANCIAL LITERACY SURVEY**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf>.

LOYOLA, A. **Cresce a demanda por educadores financeiros no mercado brasileiro**. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/cresce-a-demanda-por-educadores-financeiros-no-mercado-brasileiro/>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

Madagascar é um dos países mais pobres do mundo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2017/11/madagascar-e-um-dos-paises-mais-pobres-do-mundo.html>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton. **Oferta e demanda de informação financeira pessoal: O Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal**. 2007. 201f. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação), Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

METODISTA, U. et al. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2737/273721469004.pdf>>.

NASCIMENTO, ANA PAULA SANTOS. **A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS REDES SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NO PERFIL DO NOVO INVESTIDOR BRASILEIRO**. Orientador: Prof. Dr. José Marcos Carrera Junior. 2022. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Contábeis) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - CAMPUS OSASCO, Osasco, 2022.

Nobel de Economia já premiou liberais e keynesianos: conheça todos os laureados. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/economia/premio-nobel-de-economia-lista-de-vencedores/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

OECD. **Recommendation of the Council on OECD Legal Instruments Good Practices for Financial Education relating to Private Pensions**. Disponível em: <<https://legalinstruments.oecd.org/public/doc/107/107.en.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

OLIVEIRA, POR M. V. **Educação financeira nas escolas impacta alunos, professores e famílias**. Disponível em: <<https://porvir.org/educacao-financeira-nas-escolas-impacta-alunos-professores-e-familias/#:~:text=Lan%C3%A7ada%20recentemente%2C%20a%20iniciativa%20visa>>. Acesso em: 28 out. 2022.

Os dez últimos ganhadores do prêmio Nobel de Economia. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/os-dez-ultimos-ganhadores-do-premio-nobel-de-economia/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Por que investir em Conhecimento? Disponível em: <<http://www.sbpc.org.br/wp-content/uploads/2017/04/ad2e8e8eaf5ef8dcf78b3a0e8ad9ee83.pdf>>.

Por que investir? Disponível em:

<https://www.investidor.gov.br/menu/primeiros_passos/antes_investir/antes_investir.html#:~:text=A1%C3%A9m%20de%20garantir%20tranquilidade%20financeira>.

Programa Educação Financeira na Escola lança curso para professores da 9a série do ensino fundamental. Disponível em: <<https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/programa-educacao-financeira-na-escola-lanca-curso-para-professores-da-9a-serie-do-ensino-fundamental>>. Acesso em: 19 out. 2022.

Rassier, Leandro Hirt. **Conquiste Sua Liberdade Financeira: Organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você.** 2010

REIS, T. **Economia Comportamental: entenda esse conceito econômico.** Disponível em: <<https://www.suno.com.br/artigos/economia-comportamental/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RIBEIRO, L.; SANTOS. **Educação Financeira na Agenda da Responsabilidade Social Empresarial.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pre/boletimrsa/BOLRSA200902.pdf>>.

Richard Thaler ganha o prêmio Nobel de Economia 2017 – Conselho Federal de Economia – COFECON. Disponível em: <<https://www.cofecon.org.br/2017/10/09/richard-thaler-ganha-o-premio-nobel-de-economia-2017/>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

RODRIGUES, Herica de Medeiros Rodrigues. A Educação Financeira por meio da Modelagem Matemática. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em 18/08/2022. ISBN 978-85-8015-076-6.

ROBERTO, J. et al. **Paradigmas da educação financeira no Brasil***. RAP Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121–1162, 2007.

SAITO, A. T.; SAVÓIA, J. R. F.; PETRONI, L. M. A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). **Administração no contexto internacional**, 2006.

SANTOS, G. M. et al. **O PAPEL DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENDIVIDAMENTO: ESTUDO DE SERVIDORES DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO.** Revista de Administração de Roraima - RARR. 10. 10.18227/2237-8057rarr.v10i0.5732. (2021).

SAVOIA, J.R.F.; SAITO, A. T.; PETRONI, L. M. **A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).** In: Seminário em Administração, 9., 2006, São Paulo. Anais... Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/Semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/45.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

SILVA, A. L. P.; BENEVIDES, F. T.; DUARTE, F. V.; OLIVEIRA, J. N.; CORDEIRO, REBECA ALBUQUERQUE. **Finanças Pessoais: Análise do Nível de Educação Financeira de Jovens Estudantes do IFPB.** PRINCIPIA (JOÃO PESSOA), 2018.

SILVA, Ingrid Conceição; VASCONCELOS, Gabriela. **Finanças Comportamentais: Um Estudo Exploratório com Consumidores Inadimplentes residentes em cidades do interior de Pernambuco.** 2021. Revista Controladoria e Gestão – RCG, Vol. 2, nº 2, p. 561-577.

SINDIFISCO. 27 anos de Real: 85% de perda no poder de compra | Sindifisco.

Disponível em: <<https://www.sindifisco.org.br/noticias/27-anos-de-real-85-de-perda-no-poder-de-compra>>. Acesso em: 18 out. 2022.

Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. (2020). Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde. Millenium, 2(11), 29-36.

Zâmbia, um dos piores IDHs do mundo, é alvo da benevolência dos emergentes.

Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/zambia-um-dos-piores-idhs-do-mundo-e-alvo-da-benevolencia-dos-emergentes>>. Acesso em: 23 jul. 2022.